BANG!

A REVISTA DE FANTASIA, FC, HORROR E OUTRAS ESPECULAÇÕES

BANG! Nº 13 / JULHO DE 2012
REVISTA GRÁTIS
UMA PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL DA SAÍDA DE EMERGÊNCIA

UM EXCLUSIVO fnac www.fnac.pt

JOÃO SEIXAS FALA-NOS DOS VERDADEIROS PRAZERES INCONFESSÁVEIS

VENHA VER O GEORGE R. R. MARTIN AOS QUADRADINHOS

GUIA PARA TOTÓS DE COMO PUBLICAR UM LIVRO

ALEX 9
A MAIOR HEROÍNA NACIONAL DE FC TEM UM GRANDE PAR DE ESPADAS

UM CONTO DE KIM HARRISON, NO MELHOR ESTILO DO ROMANCE PARANORMAL
ENFEITIÇADA

E AINDA MUITA BD ENSAIOS MICRO-CONTOS CRÍTICAS E MUITO MAIS...

JOÃO LAMEIRAS APRESENTA-NOS A SAGA DE XAM: SIMULTANEAMENTE BD ERÓTICA SOBRE FICÇÃO CIENTÍFICA E MANIFESTO POLÍTICO

OS MELHORES ENSAIOS SOBRE O FANTÁSTICO ESCRITOS POR: DAVID SOARES, AFONSO CRUZ, ANTÓNIO DE MACEDO E ANTÓNIO MONTEIRO

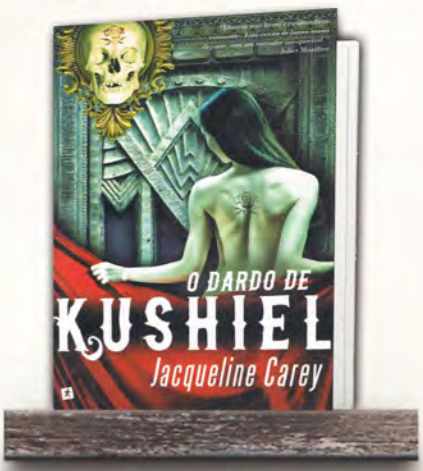
ESTA BANG! VALE 20€ NA COMPRA DOS SEUS LIVROS FAVORITOS. VEJA NA PÁGINA 38

FNAC VERÃO

ESTE VERÃO PROMETE GRANDES HISTÓRIAS

40% DESCONTO

LITERATURA FANTÁSTICA



Preços, promoções e ofertas válidos na Fnac de 21 de julho a 8 de agosto de 2012, salvo rutura de stock ou erro tipográfico.
Não acumulável com os 10% de desconto imediato em livros para Aderentes Cartão Fnac.

Este verão promete mais novidades e promoções em **fnac.pt**

fnac

www.fnac.pt

NON, OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR

EDITORIAL

Talvez as cenas mais satisfatórias para mim no filme *Prometheus* de Ridley Scott residem na sequência inicial ao estilo de Kubrick em que o robô David (Michael Fassbender) habita, solitário, a nave de uma forma que só se poderia descrever como sendo meticulosa. Enquanto os tripulantes humanos se encontram em estado criogénico, David assiste fascinado ao filme *Lawrence da Arábia* e recria exactamente o mesmo penteado da personagem de Peter O'Toole no filme. Porquê tanta fascinação por esse filme? Sentirá o robô uma certa identificação perante a fractura identitária de T. E. Lawrence que se viu seduzido pelas tribos do deserto, quebrando os laços que o prendiam à pátria que o viu nascer?

Robôs, ou andróides, sofrem condicionamentos que os sujeitam a servir o seu criador. A simples hipótese de se libertarem do seu criador, de assumirem crises de identidade e terem vontade própria é talvez um dos temas mais interessantes retratados em ficção científica.

Mas nós, humanos, apesar de toda a nossa arrogância de criadores, não somos menos autómatos. Movemo-nos como seres sem coração, mente e consciência a cumprir padrões e regras ditadas pelos que nos antecederam. Seguimos o curso de vida possível e naturalmente esperado no contexto da nossa cultura e país. Elegemos líderes e escolhemos parceiros, criamos uma família, e algures ao longo deste percurso vamos deixando para trás muitas ambições e sonhos. A maioria das vezes, esses sonhos só estão ao alcance dos que têm maior poder financeiro.

O problema começa quando esta situação se arrasta durante décadas e vamos confiando que, por fazermos parte da sociedade mais racional e avançada de todos os tempos, as coisas só podem ir melhorando. Os avanços nos cuidados de saúde, a igualdade, a justiça, a rejeição de soluções bélicas, o bem-estar, a educação, o direito inalienável ao emprego. Saímos de um milénio que terminou sob bons auspícios para entrar num novo milénio que só nos trouxe tragédia e gradual perda de tudo o que foi conquistado nas últimas décadas.

Tão atordoados que estamos que as reacções tardam a vir. Muitos vivem um estado de constante negação ou a ilusão de que as coisas irão melhorar numa questão de meses, ou talvez não mais de um ano, mesmo quando todas as notícias apontam para o contrário.

Alguns parecem Peter Pan, indiferentes às atribulações do mundo real por estarmos presos num microcosmos onde tentamos alcançar a felicidade (material) e eterna juventude (sem grande sucesso). Talvez precisemos de acordar ou de tomar acção como o cientista Shevek em *Os Despojados* de Ursula Le Guin.

Se há uma coisa que aprendemos com este livro é que nem numa sociedade capitalista e individualista, nem numa sociedade anarquista e assente em trabalho colectivo, o homem terá alguma hipótese de alcançar uma vida perfeita. O lado negro de cada sistema político e económico vigente é rapidamente exposto. E no entanto, mesmo sabendo que viver numa utopia é um desejo inalcançável, isso não serve de desculpa para o cientista Shevek baixar os braços. A sua moral e ética inabaláveis não o deixam pactuar com aquilo que considera ser contra os seus princípios humanitários e racionais.

E uma vez que ainda não temos hipótese de fugir do planeta Terra e habitar Marte, apesar de já termos tantas histórias sobre uma colonização desse planeta, ainda estamos presos a um mundo globalizado entregue aos interesses e ditames de uma minoria.

Estou a soar desalentada neste editorial? Talvez sim, porque ao estar integrada numa área cultural, não é difícil prever que a cultura é e será sempre o primeiro bem sacrificado em tempos de recessão, depressão, crise em cima de crise. A cultura é travada, posta em linha de espera, a aguardar a primeira abertura para um tempo mais desafogado. Tratada como um bem descartável pelos nossos governantes, reduzida a 1% do Orçamento de Estado, com todas as honras de um estatuto ministerial retiradas. Corta-se o financiamento público à criação artística, desbarata-se todo o nosso potencial cultural cingindo-o a retorno financeiro imediato.

Estivesse o mercado de livros de ficção dependente de subsídios e estaríamos por esta altura a desfilar no seu cortejo fúnebre. Mas ainda assim, não pode crescer se não existirem as condições propícias para isso. Precisamos de cultura, e não é só livros. Não me parece realista supor que podemos ter uma economia bem-sucedida se não houver investimento na criação cultural e artística.

O desalento vai e vem. Amanhã já poderá haver indícios de retoma. Mas seja para o mal ou para o bem, estamos a chegar a uma encruzilhada decisiva e, mais do que nunca, é premente reflectir sobre a identidade, destino e rumo de um país promissor mas ainda por cumprir em tantas coisas.

* * *

A revista Bang! Já está no scoop.it, um agregador de notícias diário. Sendo praticamente impossível numa base quadrimestral destacar novidades que rapidamente ficam datadas, surgiu a ideia de compilarmos notícias sobre a literatura fantástica ou o meio fantástico português através deste sistema. Também poderão encontrar as últimas notícias da editora e respectivos lançamentos. Foi a forma que encontrámos de minorar as limitações de uma publicação quadrimestral. Podem acompanhar através do link http://www.scoop.it/t/revista-bang/ **BANG!**

Safaa Dib é coordenadora editorial da editora Saída de Emergência. Juntamente com Rogério Ribeiro, organiza a convenção anual do Fórum Fantástico.

Ilustradordacapa

Pedro Potier

1 e 2. Boaroar e Vegear
Ilustração de personagens para um "bestiário". Inicialmente estas imagens foram publicadas a preto e branco, mas gostei tanto do resultado que achei que tinha de perceber como seriam as figuras a cores.

3. Virulentet
Uma das cartas do jogo Ant Assault. Esta carta é um exemplo do tipo de formigas à disposição do jogador, neste caso uma formiga zombie!

4. O Perrultimato
Ilustração para a capa do livro . A ideia era apresentar os personagens que vão surgindo no livro e criar uma atmosfera um pouco negra e insegura, daí a expressão dos dois personagens mais centrais da imagem.

5. Sedan
Ilustração para a capa do jogo de tabuleiro "Sedan Chair Race", no qual o jogador tem por missão recrutar os carregadores e levar a sua cadeira "Sedan" até à linha da meta de qualquer forma!

Pedro Potier nasceu em 1975 em Lisboa. Mesmo no meio de Lisboa. Desde que lhe deram um lápis para a mão e descobriu que podia fazer disso vida, tem ilustrado de tudo um pouco. Publicou banda desenhada em Portugal, contra ventos e marés, na revista Arte 9 e nas Selecções BD .

Depois de uma curta passagem pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa, optou por seguir uma formação em animação na empresa MagicToons, onde trabalhou durante um ano como artista de storyboard e animador.

Em seguida trabalhou como animador em várias curtas metragens da produtora Animanostra e para esta produtora voltou mais uma vez a fazer banda desenhada, as aventuras do cão dos Patinhos, Pantufa, publicado semanalmente no Correio da Manhã.

Entretanto fez publicidade, manuais escolares, ainda teve alguns trabalhos publicados nos comics americanos, nas independentes Image comics e Alias Enterprises.

Em 2008 começou a trabalhar no ramo dos videojogos, primeiro na Gameinvest, como artista conceptual e "pau para toda a obra gráfica" e depois como freelance em várias empresas de jogos casuais. Em 2010 realizou o sonho de ilustrar manuais de roleplay, nomeadamente, para a empresa Mongoose Publishing, onde fez a arte de alguns jogos de tabuleiro e de cartas.

Também nessa altura começou uma colaboração esporádica, mas profícua com Filipe Faria, tendo ilustrado cerca de 20 personagens para o compêndio que acompanhava a edição especial do volume final das "Crónicas de Allaryia".

Já em 2012 voltou a trabalhar nos videojogos, desta vez na empresa Biodroid, mais uma vez nas mesmas categorias de concept artist e "pau para toda a obra"! Ainda neste ano ilustrou a capa, as imagens interiores e os 5 teasers que foram surgindo nas redes sociais, do novo livro de Filipe Faria, "O Perrultimato".

Continua a viver em Lisboa, mesmo no meio, com a mulher e duas gatas. Para mais informações: www.chezpotes.blogspot.com **BANG!**

2

3

4

5

Não Ficção

02 Ilustrador da capa
Pedro Potier

08 Fantasia e Realidade: Uma Festa do chá maluca: Entre a vida e a realidade David Soares

10 Enciclopédia da Estória Universal
Afonso Cruz

12 Lisboa, 232,7º C
Pedro Piedade Marques

13 Mais Alguns Livros Míticos e Vários Outros (Falsos ou Não) — 2ª Parte António de Macedo

18 Um Terror Tranquilo ou Talvez Não
António Monteiro

22 Saga de Xam: De Escândalo Visual a Livro Mítico
João Lameiras

34 Tem a Palavra o Tradutor: O Mistério de Charles Dickens
Jorge Colaço

46 Escrever a Saga de Alex 9
Bruno Martins Soares

66 Pequenos Prazeres Inconfessáveis
João Seixas

74 Guia de Publicação para Totós
Safaa Dib

84 Os Livros das Minhas Vidas
João Morales

Ficção

26 Enfeitiçada
Kim Harrison

39 As Mãos do Marido
Adam-Troy Castro

50 O Cavaleiro de Westeros (BD)
George R. R. Martin

76 Concurso Mini-Contos
vários autores

80 Arquivo Morto
Gilmar Fraga e Paulo Stenzel

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

COLECÇÃO BANG!

PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE A COLECÇÃO BANG! OU A EDITORA SAÍDA DE EMERGÊNCIA VISITE-NOS EM: SAIDADEEMERGENCIA.COM

Revista Bang! 13 / Julho de 2013 ISBN: 978-989-637-458-7 Propriedade: Edições Saída de Emergência. Todos os direitos (e mais alguns) reservados. Director e escravo das galés: Luis Corte Real Editora (procurada pela Interpol): Safaa Dib Direcção de arte e catering: Saída de Emergência Colaboradores explorados nesta edição: António Monteiro, Cláudia Correia, Cláudia Sérgio, Diana Marques, Inês Botelho, João Barreiros, João Campos, João Lameiras, João Seixas, Jorge Colaço, Manuel Alberto Vieira, Pedro Piedade Marques, Pedro Poitier, Nádia Santos, Rita Guerra, Rui Bastos, Tiago Silva. Autores e outros convidados sem voto na matéria: Adam Troy-Castro, Afonso Cruz, António de Macedo, Bruno Martins Soares, David Soares, Duarte Tavares, George R. R. Martin, Gilmar Fraga, João Morales, Joel Puga, Kim Harrison, Leo Camargo, Marcia Gomes, Miguel Cruz Fernandes, Olinda P. Gil, Paulo Stenzel, Sérgio Mak Costa. Redacção e solário: Rua Adelino Mendes, nº152, Quinta do Choupal 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal Impressão (gralhas incluídas): Printer Portuguesa Tiragem de revirar os olhinhos: 8500

Copyright: Textos e imagens propriedade da editora e/ou dos respectivos autores, etc e tal.

Nota: os preços das lojas Fnac anunciados nesta revista consideram-se correctos salvo erro, gralha tipográfica ou intervenção alienígena.

colecção bang!

só literatura fantástica

[Resumo das novidades Por Luís Corte Real / editor]

Lançamentos da colecção Bang! até ao final de 2012

Contra a inércia, marchar, marchar!

Um milagre a cores

A revista que tem nas mãos é um verdadeiro milagre. Num país onde todos se queixam de que as iniciativas culturais são escassas, mas onde, temos de reconhecer, a dimensão diminuta dos mercados não permite grandes investimentos, eis que existe uma revista em papel dedicada ao fantástico, com mais de 80 páginas a cores, conteúdos excelentes, colaboradores prodigiosos e… inteiramente grátis! Haverá algum outro país no mundo com uma revista assim? Pois é, a Bang! é um milagre dos bons, principalmente porque estamos a viver a maior crise mundial desde o tempo em que o Tolkien se lembrou de escrever o *Hobbit*.

50% – 50%

É certo que muito do material tem a ver com as publicações da Saída de Emergência, mas o que estavam à espera? Mesmo que não fôssemos a maior editora de fantástico do país (e uma revista do género teria forçosamente de falar em nós), somos quem produz a Bang! e algum proveito temos de tirar das centenas de horas que investimos nestas páginas. Seja como for, a maioria do material não tem absolutamente nada a ver connosco e, para o provar, olhemos para este número: das 88 páginas, 36 são sobre livros ou autores nossos, 8 mencionam-nos de alguma forma e as restantes 44 não têm absolutamente nada a ver connosco. Acrescente-se então *eclética* e *equilibrada* aos elogios atrás!

E que tal fazer a sua parte?

Então pergunto: por que não temos mais feedback à revista? Recebemos e-mails elogiosos, vêem-se posts simpáticos no Facebook, alguns blogues ou fóruns dissecam os conteúdos… mas o retorno será aquele que a revista merece? Se 8000 exemplares voam da Fnac em poucos dias, não seria de esperar muito mais feedback dos leitores? Tenho a certeza de que se a Bang! acabasse haveria uma avalanche de comentários a queixarem-se - será preciso que ela acabe para os leitores se mexerem? Que tal fazerem a vossa parte já, enquanto a Saída de Emergência e a Fnac procuram fazer um milagre a cada quatro meses?

Feedback no Facebook é excelente, nos blogues também, mas deixamos uma sugestão: poisem os vossos livros favoritos durante 5 minutos e venham a www.saidadeemergencia.com deixar a vossa opinião.

arturiano que revolucionou a fantasia. Morgaine, Gwenhwyfar ou Viviene são algumas das mulheres que mudaram o curso dos eventos e demonstraram deter o verdadeiro poder em Camelot. No momento crucial em que a magia de Avalon entra em confronto com as hostes da Cristandade, como irá resistir o rei Artur aos seus inimigos e, principalmente, os seus manipuladores? O último volume da saga, *O Prisioneiro da Árvore*, será lançado no mês de Novembro.

AGOSTO

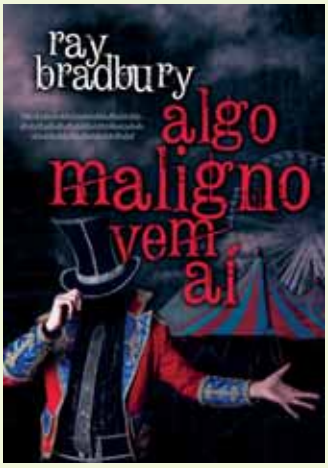
O Diabo do Rio
de Patricia Briggs

Mercy Thompson está de volta em mais uma aventura em que irá revelar novos segredos acerca da sua identidade e a verdadeira dimensão dos seus poderes contra criaturas sobrenaturais. Ao lado de Adam, o lobisomem alfa, Mercy terá que enfrentar a lenda conhecida como O Diabo do Rio… Este é o último volume da saga Mercy Thompson que se encontra por publicar. A autora tem previsto o lançamento de um novo título na Primavera de 2013.

O Rei Veado e O Prisioneiro da Árvore
de Marion Zimmer Bradley

Em Agosto é lançado o 3º volume das Brumas de Avalon, prosseguindo esta nova versão do mito

SETEMBRO

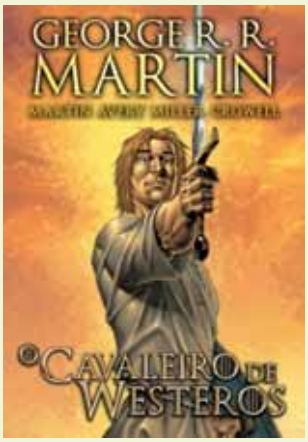


Algo Maligno Vem Aí
de Ray Bradbury

Num ano marcado pela morte deste lendário autor, A SdE publica pela primeira vez em Portugal um dos seus maiores clássicos intemporais. Dois adolescentes assistem à chegada de um misterioso circo na sua cidade. Incapazes de resistir ao apelo do circo, cedo descobrem tratar-se de um circo saído dos seus piores pesadelos e tudo terão que fazer para salvar as suas vidas… Combinando elementos de fantasia e horror, o romance reflecte sobre a natureza do bem e do mal e a transição da infância para a idade adulta.

BD Cavaleiro de Westeros
de George R.R. Martin

Cerca de um século antes dos eventos narrados em *A Guerra dos Tronos*, um jovem escudeiro parte em busca de fama e glória num dos mais famosos torneios de Westeros. Mas o destino prega-lhe uma partida e coloca-o no caminho de um rapaz misterioso que irá mudar a sua vida para sempre. A não perder para os fãs da melhor série de fantasia da actualidade. Adaptação para banda-desenhada da noveleta "O Cavaleiro de Westeros" já publicada na colectânea *O Cavaleiro de Westeros & Outras Histórias*.



Dragões do Assassino
de Robin Hobb

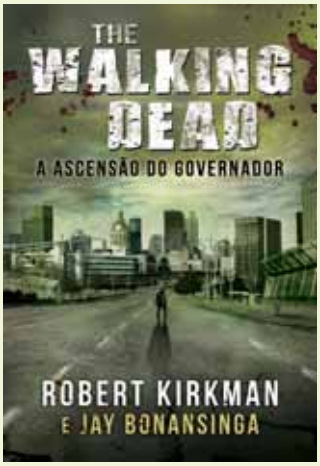
Uma das autoras mais acarinhadas da colecção Bang! regressa em Setembro. É neste mês que é lançada a conclusão da saga do Regresso do Assassino, *Os Dragões do Assassino*. Que desafios irão ter de enfrentar os nossos heróis? Serão as profecias do Bobo finalmente cumpridas? Poderá Fitz finalmente repousar da sua longa e árdua jornada?

OUTUBRO

Juramento de Dragão
de P. C. Cast & Kristin Cast

As forças da Luz e das Trevas estão prestes a colidir numa luta épica que se desenrola na Casa da Noite. Zoey está finalmente na casa onde pertence, protegida por Stark, o seu Guerreiro Guardião, e preparada para enfrentar Neferet de uma vez por todas. Mas antes de conhecermos o desfecho da história de Zoey, as autoras dão-nos a conhecer

Juramento de Dragão leva-nos ao passado da Casa da Noite onde descobrimos a fascinante história das personagens de Dragão Lankford e Anastasia. Conseguirão ambos enfrentar os desafios de um mundo perigoso onde o mal ameaça destruí-los a todos?



numa prequela a história de Dragão Lankford e Anastasia nesta noveleta, *Juramento de Dragão*. As fãs não irão querer perder esta nova contribuição para o universo da Casa da Noite.

Antologia de Contos do Martin, vol. 2
(título provisório)

Se ficaram impressionados com a versatilidade de George R. R. Martin na antologia de contos *O Cavaleiro de Westeros & Outras Histórias* não ficarão desiludidos com esta nova selecção de alguns dos melhores contos de horror, ficção científica e fantasia da carreira do autor. Alguns clássicos como *Nightflyers* ou *Portraits of His Children* fazem parte da selecção e todos os contos incluirão também introduções pelo autor.

The Walking Dead : Ascensão do Governador
de Robert Kirkman

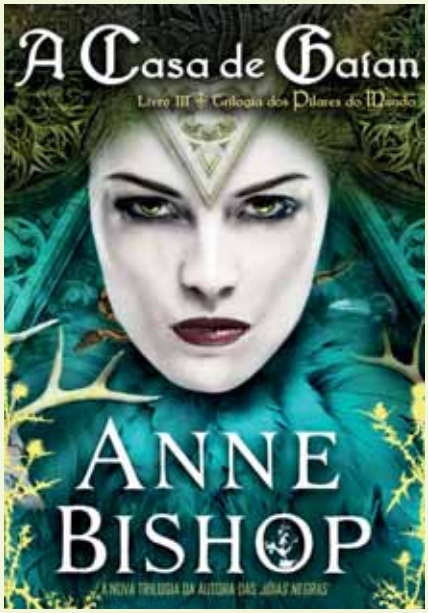
Os mortos-vivos atacam em força a SDE. Num anúncio em primeira mão na revista Bang!, a SDE anuncia a publicação do romance de Robert Kirkman, criador da Banda-Desenhada de *Walking Dead*. Trata-se de um *spin-off* da BD e centra-se numa das personagens mais infames da série, o Governador. A publicação de *Ascensão do Governador* irá coincidir com a estreia da terceira temporada da série televisiva em Outubro.

Os Filhos de Krondor – Corsário do Rei
de Raymond E. Feist

Em Outubro, a SdE vai publicar o seguimento da saga *Filhos de Krondor,* o Corsário do Rei.
Para quem está viciado na escrita de Feist, damos mais uma oportunidade para mergulharem num mundo de Fantasia ao mais alto nível.

Casa de Gaian
de Anne Bishop

Apresentamos o terceiro e último livro da saga Pilares Do Mundo. O mundo de Anne Bishop dispensa apresentações. Altamente viciante e apaixonante, é imperativo não perder o desfecho desta saga.



NOVEMBRO

Sangue Impetuoso
de Charlaine Harris

Prestes a chegar ao fim, uma das sagas mais populares de vampiros de sempre, Sookie Stackhouse leva-nos ao seu mundo de peripécias, de perigos, de amor, de traição e jogos de poder. Um livro que nos deixa sem fôlego desde o início até ao final.

ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DA COLECÇÃO BANG!

178. Luz e Sombras
Anne Bishop
179. O Mistério de Charles Dickens, vol. 1
Dan Simmons
180. A Jornada do Assassino
Robin Hobb
181. Destinada
P. C. Cast & Kristin Cast
182. Filhos de Krondor
– O Príncipe Herdeiro
Raymond E.Feist
183. Assassin's Creed – Revelações
Oliver Bowden
184. Mundo Selvagem
Stephen Gould
185. A Saga de Alex 9
Bruno Martins Soares
186. Anjo Sombrio
Cynthia Hand
187. O Mistério de Charles Dickens, vol. 2
Dan Simmons
188. O Diabo do Rio
Patricia Briggs
189. O Rei Veado
– As Brumas de Avalon, vol. 3
Marion Zimmer Bradley

fantasia e realidade

Uma Festa do Chá Maluca: Entre a Vida e a Arte

por David Soares

No filme *Alice in Wonderland* (2010), do realizador norte-americano Tim Burton, o cabelo do Chapeleiro Louco, interpretado pelo actor norte-americano Johnny Depp, é cor-de-laranja, uma alusão à crença que os chapeleiros de outrora se envenenavam ao tratarem as peles de animais com nitrato de mercúrio para fazerem chapéus de feltro: um dos efeitos do tóxico seria o de oxidar (tornar cor-de-laranja) as pelagens brancas; além de contribuir para o apodrecimento dos sistemas nervosos dos chapeleiros, provocando-lhes perturbações cerebrais, tremores e discurso entaramelado. É com base nestas referências que se explica a origem da expressão popular inglesa *"mad as a hatter"*. (*"louco como um chapeleiro"*) e se contextualiza o comportamento do caprichoso Chapeleiro Louco, criado pelo escritor inglês Lewis Carroll no romance *Alice's Adventures in Wonderland,* publicado em 1865: versão extensa de um manuscrito que o autor escrevera e ilustrara no ano anterior para oferecer à pequena Alice Lidell. (O capítulo VII, *"A Mad Tea-Party"* (*"Uma Festa do Chá Maluca"*), desse romance não faz parte do manuscrito original e até foi uma adição tardia de Carroll.) Porém, em nenhuma linha nos é descrita a cor do cabelo do Chapeleiro Louco, nem que ele se encontra sob a influência do perigoso elemento químico.

No que concerne aos factos é credível que o costume de chapuçar as peles numa solução de nitrato de mercúrio tenha sido criado por chapeleiros franceses protestantes e por eles mantido em sigilo até 1685, ano em que o rei francês Louis XIV anulou o Édito de Nantes (instituído em 1598 por Henri IV de França para cessar as guerras religiosas, entre católicos e protestantes, que assolaram todo o século XVI), ilegalizando novamente o credo calvinista francês (huguenote): grande parte desses professos partiram para Inglaterra e especula-se que foi a partir daí que os chapeleiros ingleses passaram a empregar a técnica mercurial, substituindo a do vapor de água. Mesmo assim, a suspeita de uma correlação entre os sais hidrargírios e os desarranjos nervosos dos chapeleiros poderá não ser uma explicação segura para a origem da expressão supracitada. Sabe-se que a primeira vez que ela apareceu impressa foi no volume XXV da revista britânica de ficção gótica e de horror *Blackwood's Edinburgh Magazine* (satirizada pelo escritor norte-americano Edgar Allan Poe) num texto de 1829, intitulado *'Noctes Ambrocianae";* sete anos depois, o autor canadiano Thomas Chandler Haliburton, criador da personagem Samuel Slick, usou-a em *The Clockmaker, or The Sayings and Doings of Samuel Slick of Slicksville*, certamente difundindo-a junto do público norte-americano. Em 1850, com a publicação integral do romance satírico *Pendennis,* o popular escritor inglês (nascido em Calcutá) William Makepeace Thackeray democratizou-a, em definitivo, quinze anos antes da publicação de *Alice's Adventures in Wonderland.*

Por outro lado, Carroll pediu a Sir John Tenniel, o caricaturista inglês que lhe ilustrou o livro (e a sequela *Through the Looking-Glass, and What Alice Found There*, editada em 1871), que desenhasse o Chapeleiro Louco à semelhança do estofador e antiquário inglês Theophilus Carter, excêntrica figura cuja alcunha era "Mad Hatter", em virtude do seu hábito de usar sempre uma cartola e das suas ideias estapafúrdias – entre as quais um sofisticado relógio de alarme capaz de atirar sozinho um indivíduo para fora da cama, apresentado na Exposição Mundial de 1851 (a primeira das várias exposições mundiais), realizada no Crystal Palace, em Londres. Infelizmente, não existem fotografias de Carter. Depois dos dois livros de Alice terem sido publicados, Carroll escreveu numa carta que *«o senhor Tenniel é o único artista que desenhou para mim que se recusou resolutamente a usar um modelo»*: esta frase relaciona-se com o modelo sugerido a Tenniel por Carroll para a própria Alice, mas o contexto é ambíguo o suficiente para referir-se de igual modo a outras personagens, embora o facto do Chapeleiro Louco se mostrar obcecado com as horas (até se dirige ao Tempo como *him* e não como *it*) poderá ser uma ligação a Carter e ao seu relógio "maluco". Pode dizer-se que arte imitou a vida.

A última vez que Alice vê o Chapeleiro Louco nesse capítulo, ele tenta enfiar o Rato Dorminhoco adormecido dentro de um bule de chá, com a ajuda da Lebre de Março. Em inglês, o nome do Rato Dorminhoco é *Dormouse*, corruptela do nome francês *dormeuse* que significa *adormecida* e que é dado a uma pequena espécie hibernante de roedor campestre europeu chamada arganaz. O francês foi a língua da corte britânica durante séculos e é fácil perceber como *dormeuse* se transformou em *dormouse*, por virtude da similitude fonética. Mas existem outras similitudes,

históricas, com a representação do Rato Dorminhoco.

De facto, muitas crianças inglesas, contemporâneas da edição do romance de Carroll, tinham ratinhos (algumas teriam certamente arganazes) como animais de estimação e guardavam-nos em bules com palha ou com ervas (daí o Chapeleiro Louco e a Lebre de Março quererem enfiar o Rato Dorminhoco no bule com chá – era a moda da altura). Conjuntamente, o desenho de Tenniel exibe-se como um animal atarracado e gordo, concorrendo para que ainda subsista a ideia de que é uma caricatura de Top: o primeiro vombate de estimação do pintor inglês pré-rafaelita Dante Gabriel Rossetti.

O sapudo vombate é um marsupial australiano, de metabolismo lento e comportamento pachorrento – Rossetti costumava trazer Top para a mesa de jantar quando recebia visitas e todos se encantavam a ver o animal adormecer, sem dar importância nenhuma ao que se passava em volta. É uma história atraente, mas o bicho desenhado por Tenniel tem uma longa cauda, característica dos arganazes, e Rossetti só adquiriu Top em Setembro de 1869: quatro anos depois de *Alice's Adventures in Wonderland* ter sido publicado. Embora Carroll fosse visita de sua casa (foi seu fotógrafo), a ideia de que o Rato Dorminhoco é o vombate não tem fundamento, mas o relato das sonecas que ele fazia à mesa é genuíno, por isso, neste caso, pode dizer-se que a vida imitou definitivamente a arte.

De modo infeliz, Top morreu de repente dois meses depois de ter sido comprado ao comerciante alemão de animais Charles Jamrach (que aparece como personagem secundária no romance *Dracula* de Bram Stoker). Consta que Top comeu o conteúdo inteiro de uma caixa de charutos, que o terá envenenado, mas na verdade morreu de sarna. Rossetti adorava-o e definiu-o como sendo *«uma maluquice»* de criatura.

Convidado adequado, portanto, a *«uma festa do chá maluca»*. **BANG!**

David Soares é autor dos romances "Batalha", "O Evangelho do Enforcado", "Lisboa Triunfante" e "A Conspiração dos Antepassados". A revista literária Os Meus Livros considerou-o «o mais importante autor português de literatura fantástica».

O NOSSO MUNDO SOBRENATURAL
http://onossomundosobrenatural.blogspot.pt/

SOBERBA ESCURIDÃO (2011)
ANDREIA FERREIRA

★★★★

"Soberba Escuridão", é o primeiro livro da Trilogia Soberba, uma obra Portuguesa, que nos conta uma história passada nos arredores de Braga e que tem como personagem principal, Carla, uma jovem amante de livros sobrenaturais.
Carla vê recentemente um sombra com olhos vermelhos no seu quarto, e pensa que pode estar a ficar louca. Quando por fim se decide, ela conta às suas melhores amigas, Ana e Raquel, o que se está a passar e as mesmas apontam que a culpa é dela por ler demasiados livros sobrenaturais. É uma obra de leitura leve e envolvente, onde a autora consegue prender a atenção do leitor. Com personagens divertidas e personalidades fortes, que nos mostra a força da amizade e o amor, num mundo sombrio que desconheciam. Um livro que sem dúvida deve ser lido./ Nádia Santos

UMA BIBLIOTECA EM CONSTRUÇÃO
http://umabibliotecaemconstrução.blogspot.pt/

O LADRÃO DA ETERNIDADE (2011)
CLIVE BARKER

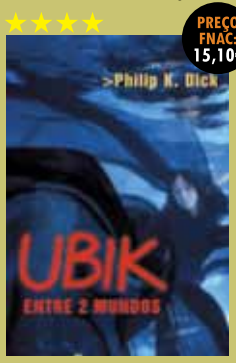
★★★★

Harvey tem 10 anos e anda aborrecido com a vida, até que, certo dia, encontra um homem sorridente na rua que o convida a visitar a casa de férias do Senhor Hood. O jovem rapidamente aceita e quando chega ao local fica maravilhado pela magia nele existente que lhe realiza todos os seus desejos. Contudo, tudo tem um preço. O autor explora a inocência do protagonista que tem de escolher entre dois caminhos que o podem transformar ou num monstro ou num herói e, apesar de algumas atitudes poderem ser consideradas precipitadas, o leitor é seduzido através de uma escrita ritmada e de revelações surpreendentes. Envolto num ambiente fantástico que oscila entre o sonho e o pesadelo, faz refletir sobre o valor do tempo, a importância de uma vida plena, a relevância dos momentos mais difíceis da vida e sobre os valores da amizade e da coragem. / Cláudia Sérgio

VIAGEM A ANDRÔMEDA
http://viagem-andromeda.blogspot.com/

UBIK - ENTRE DOIS MUNDOS (2003)
PHILIP K. DICK

★★★★



Num mundo onde a "meia-vida" é possível através de suspensão criogénica, a distinção entre a realidade real e a percebida pelos "meio-viventes" pode tornar-se particularmente difusa – como Joe Chip, um técnico da firma de Glen Runciter, e onze "inertes" (indivíduos capazes de bloquear poderes psíquicos) descobrem para seu espanto e horror. Uma explosão desencadeia uma série de bizarros acontecimentos que colocam perguntas às quais ninguém consegue responder. Como pode a realidade regredir no tempo, degradando tudo à sua volta? Qual é a origem das enigmáticas mensagens de Runciter? E o que é "Ubik", o estranho produto publicitado onde – ou quando - quer que se encontrem? Em "Ubik – Entre 2 Mundos", Philip K. Dick leva os leitores a questionar-se sobre o que é de facto real num mundo onde nada é o que aparenta. Surpreendente – em sentido literal – até à última linha. / João Campos

enciclopédia da estória universal

por Afonso Cruz

O Shofar e a Lira

Durante a batalha de Jericó, trombetas feitas de chifre de carneiro, chamadas shofar, foram utilizadas pelos israelitas para derrubar as muralhas da cidade cananita. Bem mais tarde, já no século XI, surgiu em Jerusalém uma guilda de músicos que usava o shofar como símbolo. A mesma guilda acabou por se dividir em duas no século seguinte.

A primeira ordem que resultou desta cisão tinha características gnósticas, uma filosofia que evidenciava o Mal, e cujo nome era Guilda do Shofar e da Lira. A arte – e neste caso, a música – poderia ser usada para destruir e isso explicava por que motivo o universo se mostra tão predador em relação à vida e a tudo o que esta constrói. Samuel Tóth salientava o seguinte facto: se tivermos um bocado de areia, não poderemos esperar que a natureza o transforme numa janela, mas se tivermos uma janela, podemos esperar que a natureza a transforme em areia. Esse carácter destrutivo do universo era combatido pela Vida. Diabo, etimologicamente, significa aquele que se opõe. Tal como a vida se opõe a toda a voragem do universo, tal como o polegar se opõe aos outros dedos. Como diz o poema persa escrito por Raza Bari, se olharmos para o curso de um rio, podemos esperar que aquilo que vai contra a corrente, esteja vivo: um peixe, um barco, um animal. E podemos igualmente esperar que tudo o que corra sempre no sentido da corrente seja inanimado: um ramo seco, uma folha caída, um cadáver. Para a Guilda do Shofar e da Lira, o Diabo era o defensor da vida, o opositor. Aquele que lutava contra a voracidade do universo, contra a decomposição, a decadência, a entropia. Era precisamente por isso, que tinham no nome da guilda a palavra Lira, que remetia para o caso de Anfião, o filho de Zeus, que construiu a cidade de Tebas tocando esse instrumento. As pedras, ao ouvir a música tocada por Anfião, juntaram-se sozinhas e tornaram-se paredes e muros e casas. Ou seja, um feito

Shofar de Alphonse Lévy

diametralmente oposto às trombetas de Jericó. E, nesse sentido, a guilda associava o shofar a um falso deus, ao deus do Mundo, ao Universo; e a lira ao Verdadeiro Deus, ao Deus da Vida.

A segunda ordem que resultou da cisão da guilda primitiva, chamava-se Confraria das Muralhas de Jericó, e defendia que o shofar era um elemento criador e não destruidor. O que o shofar fazia era simples, era o mesmo que o escultor faz com uma pedra: parece que a destrói, que a desfaz, mas no final temos uma obra de arte. É aquilo que retira o que não interessa, deixando, a nu, a beleza. De dentro de uma pedra surge uma estátua, mas para isso, não se juntaram pedras, pelo contrário, foi-se desfazendo a matéria-prima.

O físico teórico Lukasz Szczepanski recuperou a ideia contida no shofar e na lira para explicar as suas pesquisas científicas que demonstraram haver, por "baixo" dos quarks, um tecido de ruído. Um som horrível se pudesse ser ouvido, se tivéssemos a possibilidade de abarcar esse espectro sonoro. Disse Lukasz Szczepanski que o campo que serve de base a todas as coisas que existem ou ainda não existem, era o som do shofar, que é como se alguém se tivesse esquecido de desligar o exaustor do universo. E o shofar, ao tocar, ao destruir, ao afastar umas coisas das outras, faz surgir a vida. Em certa medida, ambas as guildas estavam certas, garante Szczepanski: o universo está em expansão o que cria destruição, ou seja, o contrário da vida, que é união, células que se juntam, sociedades e associações. Isso legitima a visão da guilda do Shofar e da Lira. O universo ao fazer afastar as coisas, todas as coisas, ao separá-las, destrói-as. Mas algures no meio da destruição, como a pedra do escultor, surge a possibilidade da vida. Como se, de repente, se ouvisse uma lira a tocar no meio da noite, no meio do exaustor do universo. O que legitima a visão da Confraria das Muralhas de Jericó.

Fragmentos sobre o sultão Osman III

No último ano do seu reinado, o sultão Osman III mandou coser as pálpebras das mulheres do seu harém, para que

Osman III

estas não pudessem olhar para ele. Um dos seus eunucos, um tártaro caucasiano, realizou a operação a cento e trinta e duas mulheres, cujos olhos se fecharam para sempre, cosidos com fios de crina de cavalo.

Osman III, o sultão que odiava músicas e mulheres – expulsou todos os músicos do palácio e usava sapatos de ferro para que as mulheres o ouvissem chegar e se afastassem da sua presença – tinha dois fantasmas nos olhos, facto que o levava a fechar um deles, ou ambos, quando falava de certos assuntos. No seu olho esquerdo habitava um pintor veneziano que fora assassinado pelos Orsini. No olho direito vivia uma mulher mexicana chamada Amparo, magra, morena, e que o fazia lacrimejar, pois tinha o costume de enfeitar os cabelos com flores brancas.

Os fantasmas vêem-se melhor com os olhos fechados e estes que habitavam os olhos de Osman III não eram excepção. Com os olhos abertos, o sultão via o mesmo que toda a gente, mas quando fechava o direito aparecia-lhe o pintor; e quando fechava o esquerdo, aparecia-lhe a mexicana com flores brancas no cabelo. Amparo era fria e cruel, e era por isso que Osman fechava o olho correspondente ao fantasma da mulher quando queria ser implacável. Por outro lado, sentindo-se benevolente e compassivo, fechava o outro olho e era de imediato cumulado com uma vaga sensação de paz proporcionada pelo espírito do pintor renascentista. Se fechasse os dois olhos, conseguia uma estranha harmonia, apesar de, para quem o ouvia, ser um grande labirinto emocional onde a crueldade se misturava com a ternura.

Um dia, Osman III fumava narguilé na sua varanda, quando, ao bocejar, lhe saiu uma mosca de dentro da goela. O monarca, espantado, voltou a abrir a boca e saiu mais uma mosca. Tentou matá-las, mas sem qualquer resultado, pois voaram para longe e o sultão sentiu que perdera duas palavras. Não sabia quais, mas estava convicto de que já não as conseguiria pronunciar. Lentamente, voltou a abrir a boca e saiu uma terceira mosca. Osman III teve a certeza: desaparecera de dentro de si mais um vocábulo. Talvez "complacência", pensou, mas recusou a ideia, pois fora capaz de o pronunciar. Decidiu então não abrir mais a boca, temendo que as suas palavras saíssem todas de dentro de si e voassem para longe. Ficou em silêncio, de lábios apertados, profundamente entediado. Não poderia sequer chamar um criado. Nessa mesma tarde, começaram a aparecer-lhe uns altos no corpo que acabariam por ser a causa da sua morte. Osman III morreu uma semana depois, vivendo os seus últimos dias com os dentes cerrados, sem dizer uma palavra, sem emitir um som, nem sequer de dor. Uma crónica apócrifa, fonte desta história, garante que das pústulas que lhe cobriam o corpo saíram milhares de moscas – uma grotesca nuvem negra que atravessou o Bósforo até ao deserto sírio. **BANG!**

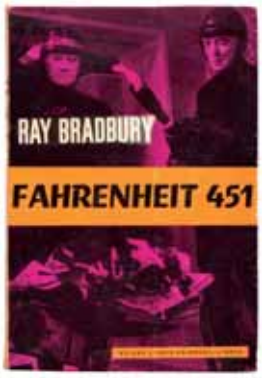
É autor dos livros "Enciclopédia da Estória Universal" (Quetzal, 2009), "A Carne de Deus" (Bertrand, 2008) e "Os Livros Que Devoraram o Meu Pai" (Caminho, 2010 - Prémio Literário Maria Rosa Colaço). Recentemente publicou "Enciclopédia de Estória Universal - Recolha de Alexandria" e "Jesus Cristo Bebia Cerveja" Além de escrever, também é ilustrador, cineasta e músico (compõe e toca na banda de blues/roots The Soaked Lamb). Vive no campo e tem dois filhos.
http://afonso-cruz.blogspot.com
http://soakedlamb.com

Lisboa, 232,7ºC

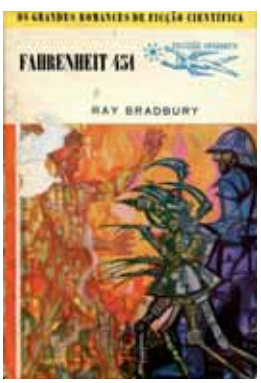
por Pedro Piedade Marques

Quando o bombeiro Montag não era o único a brincar com o fogo em Lisboa, e o medo da perseguição fazia dos próprios editores incineradores de livros.

Fahrenheit 451 de François Truffaut estreou em Dezembro de 1967, possivelmente num dos cinemas da Avenida da Liberdade e, aparentemente, sem problemas com a censura (a julgar pela ausência de menções, por exemplo, no *Cinema e Censura em Portugal* de Lauro António, edição da Arcádia de 1978). Já não os tivera a primeira edição portuguesa da obra de Ray Bradbury que lhe servia de base, onze anos antes (o número trinta e três da colecção Argonauta da Livros do Brasil), com tradução de Mário-Henrique Leiria: a ficção científica escapava, sob a capa e o estigma da menoridade de em género marginal, à inclusão no *Index*. Não que este romance não tivesse condimentos capazes de excitar o faro dos controladores. Bem pelo contrário: todo ele era um bolo indigesto ao palato dos implacáveis censores de livros portugueses (que nesses anos de sessentas rivalizavam em sanha persecutória com os piores censores do outro lado da Cortina de Ferro, suas supostas némesis), parecendo ter sido confeccionado de propósito por algum autor português a coberto de pseudónimo "camone" para lhes provocar uma infecção alimentar de monta.



Eis a primeira parte desta ironia de duas faces. Quer por baixo da ilustração de Lima de Freitas de 1956 (que incluía um "cão-polícia mecânico"), quer nestas novas roupagens fotográficas da edição *tie-in* (termo contudo anacrónico no mundo da edição portuguesa de 1967) que visava aproveitar a estreia deste sucesso cinematográfico quase garantido, o texto de Bradbury sobre um estado futuro onde a censura aos livros passa da selecção para o puro extermínio indiscriminado pela mão de bombeiros profissionais não terá causado qualquer comichão à Comissão de Censura (mais uma vez, nenhum registo consta das listas conhecidas). Mas, quando o filme de Truffaut estreia em Lisboa, cheira a livros queimados. A cinza, pelo menos.



O ano de 1966 fora de razia censória, e no olho do furacão estivera Luiz Pacheco (colega de andanças surrealistas de Mário Henrique Leiria). No caso mais grave, a sua participação como prefaciador na edição da *Filosofia de Alcova* do Marquês de Sade e como um dos autores da Antologia de *Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, ambas edições da Afrodite de Fernando Ribeiro de Mello, e tendo ambas custado a Pacheco implacáveis condenações (e o suicídio do ilustrador da primeira, João Rodrigues). Talvez por isso, a sua aguardada estreia nesse mesmo ano como autor "a solo", com *Crítica de Circunstância*, numa das editoras de referência de então, a Ulisseia, se tenha saldado pela (esperada) investida da PIDE. As autoridades assaltam os escritórios da Ulisseia e apreendem todos os exemplares da obra que estavam em armazém. Todos? Não. O editor Vítor Silva Tavares, prevendo o óbvio, tinha salvaguardado umas centenas, levando-os certa noite de carro do armazém da Ulisseia para uma garagem na quinta dos seus pais a 60 Kms de Lisboa.

Fim feliz da história? De novo, não. Pouco tempo depois, e antes de sair da editora, V.S. Tavares conta o segredo (apenas conhecido do seu irmão, também funcionário da Ulisseia) ao proprietário Manuel Correia. "E saí. Tempos depois, creio que um sobrinho dele […] quis saber da administracão da editora, e o meu irmão falou-lhe então da existência desses livros e o rapaz, atemorizado, numa certa noite, foi lá corn o meu irmão e recolheu os caixotes corn os exemplares da *Crítica*. Caixotes esses, livros esses, que nessa mesma noite foram regados a gasolina, algures no parque de Monsanto, e desapareceram. […] Por urn lado, salvo os livros das garras da PIDE, por outro lado, por urn excesso de honestidade, acabo por ser também responsável, de certo modo, pelo triste destino que tiveram os ditos." (in *Puta que os pariu!*, João Pedro George, p. 397). Não era, pois, a rosas que cheirava o ar de Lisboa quando o filme estrou no ano seguinte, a mesma Lisboa onde eram as pessoas que trabalhavam e produziam os livros que se encarregavam de os queimar com medo de represálias: teria Bradbury pensado num *twist* tão perverso, numa tão radical versão da auto-censura que eliminava a necessidade de bombeiros pirómanos? E quantas mais fogueiras de livros ardiam e arderam por esses recantos da Grande Lisboa?

(Nota final de remate da estranha ironia desta história: quando as instalações da PIDE são ocupadas em 1974, há umas dezenas de livros ali pelos cantos. Que livros? Os poucos exemplares da *Crítica de Circunstância*, preservados e salvos para a posteridade, que os agentes tinham apreendido em livrarias e na editora.) **BANG!**

O autor nasceu em Luanda em 1971, e é designer gráfico e editor no projecto Livros de Areia. Tem textos sobre livros e design gráfico publicados nas revistas Parq, LER e "Os Meus Livros" e no projecto Clubalice (http://www.clubalice.com). Edita também o blogue Montag (montagbytheircovers.com).

MAIS ALGUNS LIVROS MÍTICOS

E VÁRIOS OUTROS (FALSOS OU NÃO)

(SEGUNDA PARTE)

TEXTO DE ANTÓNIO DE MACEDO

O LIVRO NEGRO DA CONSPIRAÇÃO JUDAICA

Para além das tinetas mágico-ritualísticas de Hitler, uma outra obsessão sua que ceifou as vidas de milhões de seres humanos foi a sua sistemática raiva contra os judeus. Os historiadores ainda hoje se interrogam sobre as verdadeiras causas e origens de semelhante obsessão, e apesar de muita documentação ter sido inventariada e muitas e diversas interpretações terem sido avançadas, nem todos os autores são unânimes na resposta à simples pergunta: por que é que Hitler odiava os judeus?

Muito menos eu, claro, com a minha pouca sabença me atreverei a enveredar por esse terreno escorregadio, limitando-me a chamar a atenção para um dos aspectos que têm sido invocados: na Alemanha, entre as duas guerras mundiais do século XX, os judeus constituíam o agregado social mais amplamente representado nos altos escalões da sociedade germânica, e Hitler estava convicto que os alemães comuns eram sistematicamente excluídos dessas posições proeminentes devido às tenebrosas maquinações judaicas.

Em consequência, apenas referirei um dos artifícios que ele utilizou em abono dessa sua ideia fixa, e que tem a ver com um dos tais livros falsos (tão perigosamente falsos que até parecem verdadeiros…), aproveitado pelo ditador e pelo nazismo para justificar o implacável extermínio de milhões de judeus.

Trata-se de um livro que apareceu pela primeira vez na Rússia dos czares, sob a forma manuscrita, em 1895, tendo tido uma primeira edição impressa em 1897, de tiragem limitada. **[8]** Na sequência do *pogrom* de Kishniev em que foram massacrados centenas de judeus, o livro foi reeditado em 1905, mas desta vez numa edição mais completa e amplamente divulgada. O título pode traduzir-se em português mais ou menos como: *Protocolos dos Sábios de Sião*, e em resumo pretende ser nada mais, nada menos, do que um manual de instruções confidenciais de um conclave de supremas autoridades judaicas, destinado a um número restrito de judeus altamente posicionados, para se assegurarem do controlo e do total domínio do mundo em prol do judaísmo.

Consta de vinte e quatro capítulos, ou «protocolos», que devem ser prosseguidos incansavelmente pelos judeus, e entre os quais se contam instruções para se proceder à desorganização económica a fim de os judeus obterem a hegemonia mundial; métodos de conquista; destruição da religião cristã pelo materialismo; propaganda intensiva; controlo da imprensa; utilização da Maçonaria; implacável supressão dos inimigos; programa para controlo do mundo económico e financeiro; inculcação da obediência; supremacia e benefícios da lei judaica; etc. — O que é assustadoramente curioso é que ainda há hoje quem sustente a autenticidade deste «manual», julgando reconhecer na preponderância de judeus em vários domínios (ciência, sistema financeiro, actividades bélicas, indústria do cinema e da TV, etc.) um inequívoco testemunho da «conspiração judaica» mundial preconizada e prevista nos *Protocolos*.

Сергѣй Нилусъ.

Великое

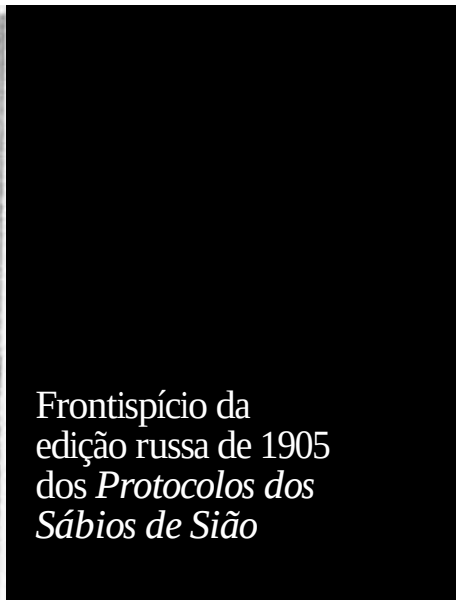
въ маломъ

и

Антихристъ,

какъ ближайшая политическая возможность.

Записки православнаго.



Frontispício da edição russa de 1905 dos *Protocolos dos Sábios de Sião*

O texto, fingindo ter sido escrito por altas autoridades judaicas para uso secreto dos judeus, faz-nos lembrar o adágio do gato escondido com rabo de fora, pela maneira pouco subtil como encapotadamente explora, com hipócrita indignação, a utilização de alguns pseudomitos associados ao judaísmo desde os tempos medievais, quando se acreditava que as epidemias de peste eram propositadamente disseminadas pelos judeus que envenenavam os poços de que se serviam os cristãos, e utilizavam o sangue de crianças cristãs para celebrarem os ritos da Páscoa judaica.

Em face do título, várias especulações têm surgido em torno da pergunta: quem seriam esses misteriosos Sábios de Sião, ou Anciãos de Sião? Para certos autores imaginativos, como Julius Evola **[10]**, seriam judeus da mais elevada categoria vivendo no anonimato, incontactáveis pelos meios comuns, e que agiriam no mundo através de representantes altamente colocados no mundo das grandes decisões, da política, da finança, dos meios de comunicação, da Maçonaria, da própria Igreja… Depois disto só nos resta acreditar, sem a menor sombra de dúvida, na realidade da incontornável teoria da conspiração!

HITLER E OS PROTOCOLOS

Claro que os *Protocolos dos Sábios de Sião* são um livro falsíssimo nitidamente anti-semita, mas quem ler as suas mais de cem páginas, e acreditar, ficará aterrorizadamente convencido que os judeus são regidos por uma cúpula de sinistros cérebros que manipulam na sombra e vão tecendo uma maquiavélica teia que um dia tomará conta de tudo e de todos quando menos o esperarmos. Não obstante a evidente fraudulência de tais *Protocolos* ter sido denunciada pouco tempo após a sua divulgação, sobretudo em traduções alemãs e inglesas dos anos '20 do século XX, o livro continuou a circular amplamente e a causar não poucos estragos. **[9]**

Vários historiadores credenciados não hesitam em confirmar a crença de Hitler na autenticidade dos *Protocolos*, entre os quais a historiadora e professora universitária Nora Levin (1916-1989), de Philadelphia (EUA), que num dos seus livros descreve o uso que Hitler fazia dos *Protocolos* como um manual na sua guerra de extermínio contra os judeus, que teriam sido, segundo ele, os grandes culpados da derrota alemã na I Guerra Mundial. **[11]**

No capítulo XI do 1.º vol. do seu tristemente célebre *Mein Kampf* [«O Meu Combate»] (1925-1926), Hitler afirma que os *Protocolos dos Sábios de Sião* são um livro autêntico apesar de os judeus o considerarem uma fraude — mais: tratar-se-ia de um livro onde de facto se revela quão terrível é a natureza do povo judaico, bem como a verdadeira finalidade dos seus nefandos propósitos.

Claro que os *Protocolos*, com uma recomendação destas, não podiam deixar de fazer parte da propaganda nazi justificativa da perseguição exterminatória dos judeus, e eram de leitura obrigatória para os estudantes alemães em todas as escolas.

Ora aqui está um livro *falso* que mediante um perverso aproveitamento caucionou um sinistro preconceito com efeitos tragicamente *reais*.

AS INSTRUÇÕES SECRETAS DOS JESUÍTAS

Vejamos agora um outro livro falso que na sua época fez furor, foi tomado como autêntico (pelo menos por aqueles a quem tal ideia convinha), deu volta ao miolo a muito boa gente e até contribuiu para que o papa viesse mais tarde a extinguir uma venerável sociedade de grande poder e dimensão —

a Companhia de Jesus (*Societas Iesu*, S. J.), vulgo jesuítas.

O livro apareceu em 1614, escrito em latim como era usual na época, intitulava-se *Monita secreta* (ou seja: «instruções secretas») e constituía uma espécie de catecismo confidencial dos jesuítas, um manual que não seria acessível a todos os membros da congregação mas reservado apenas a alguns privilegiados: os superiores da Companhia e outros pertencentes a uma minoria altamente qualificada, com expressa proibição de ser divulgado em público (subterfúgio típico para o tornar mais apetitoso!). É um código de estratégias maquiavélicas e quase demoníacas que permitiriam aos jesuítas o controlo das consciências, da cultura, da sociedade — em suma, do mundo:

«A hipocrisia, o disfarce, as maquinações ardilosas, as mentiras, o roubo suave, a luxúria, a ganância e a ambição desmedidas seriam os verdadeiros motores da acção dos jesuítas». **[12]**

Um digno antecessor, portanto, dos famosos *Protocolos dos Sábios de Sião*! A técnica é a mesma: fingir que altas e dissimuladas eminências de um dado grupo (judeus num caso, jesuítas noutro) conspiram para que esse grupo obtenha o total domínio das consciências e do mundo. É o chamado «mito negativo» de certas ficções literárias que se apresentam como descritivas de factos autênticos: o *complot* dos templários, o *complot* dos jesuítas, o *complot* dos judeus, o *complot* maçónico…

Trata-se, nem é preciso dizê-lo, de um livro falso manifestamente antijesuítico que ao ser divulgado «clandestinamente» (mas descaradamente às claras…) mais não pretendia do que desprestigiar e difamar a acção dos jesuítas que para certos sectores estava a tornar-se incómoda; o movimento antijesuítico internacional apropriou-se desta engenhosa obra de um autor anónimo e promoveu a sua intensa divulgação com sucessivas edições durante mais de três séculos (só nos primeiros anos teve 22 edições em sete línguas diferentes), como se o livro fosse autêntico e muito boa gente acreditou que se tratava mesmo de um código de instruções secretas que os perigosíssimos jesuítas utilizavam com os mais abomináveis fins, desde apropriar-se dos bens de devotas viúvas ricas até influenciar e ganhar ascendente sobre príncipes e personalidades importantes.

Não esqueçamos que nos séculos XVI, XVII e XVIII grassava em força o movimento reformista, de inspiração luterana e não só, que avassalou a Europa em feroz oposição à Igreja de Roma e ao papa, e os jesuítas sempre se declararam fiéis ao papa, o que nesses tempos, e fora dos países católicos — e mesmo nestes, em certos casos… — não era uma recomendação nada boa. Não terá sido por mera coincidência que o ano de 1614, em que surgiram os tais *Monita secreta*, foi também o ano em que saiu a lume o primeiro dos três manifestos fundadores dos Rosacruzes, *Fama Fraternitatis*, sendo que a misteriosa Ordem Rosacruz, que estaria por trás desta e doutras publicações **[13]**, foi impulsionada por um escola de autores protestantes, inicialmente alemães, todos eles militantes de uma intensa animosidade contra a Igreja católica e o papa, como se pode ler em certas passagens dos referidos manifestos rosacruzes: «…condenamos Maomé e o papa e os seus sacrilégios contra Nosso Senhor Jesus Cristo…» (*Confessio Fraternitatis*, cap. I), «…o papa é um sedutor romano que transborda de blasfémias contra Deus e contra o Cristo…» (*idem*, cap. XI), etc.

Ao se declararem incondicionais partidários do papa, e independentemente das suas boas ou más obras, os jesuítas tornaram-se num alvo prioritário a abater.

CONFESSIO
FRATERNITA-
TIS. R.C.
AD ERUDITOS
EUROPÆ.
Caput primum.

Primeira página da edição latina da *Confessio Fraternitatis*

E EM PORTUGAL?

Em Portugal o grande inimigo da Companhia de Jesus foi o Marquês de Pombal **[14]**, que aproveitou o mito da «conspiração jesuítica», aparentemente confirmado pela divulgação dos *Monita secreta*, para eliminar um poderoso grupo que entravava muitas das suas ambições políticas e sociais.

Contraditando em parte o que se tem propalado, desde que foi fundada em 1534 a Companhia de Jesus não vivia nas boas graças da Inquisição, com quem teve atritos de vária ordem (o seu fundador, Inácio de Loyola, foi preso duas vezes pela Inquisição). Não obstante esses atritos, porém, e outros obstáculos, a Companhia desenvolveu-se, internacionalizou-se e oscilou sempre entre a polémica, os louvores e a crítica. A sua vocação para o ensino e a cultura reforçaram as desconfianças da Inquisição: ninguém ignorava que onde quer que os jesuítas chegassem (como por exemplo no Brasil, nos tempos do jesuíta Padre António Vieira, que também esteve preso pela Inquisição **[15]**), uma das primeiras coisas que faziam era criar colégios e se possível universidades — donde aliás, e curiosamente, saíram espíritos brilhantes e até livres-pensadores… Cultivar a cultura donde poderiam sair inconvenientes espíritos livres-pensadores valeu aos jesuítas os naturais ódios das monarquias absolutistas que floresceram no século XVIII, sobretudo a francesa, a espanhola e a portuguesa; em contrapartida, a sua lealdade ao papa, como já se referiu (além de que eles mesmos, em diversas situações e circunstâncias, também não eram lá muito boas peças…), valeu-lhes um ódio não menos acirrado dos protestantismos das cortes inglesa, alemã e da Europa do norte.

Ora bem, o astucioso Marquês de Pombal aproveitou as divergências entre a Inquisição e a Companhia de Jesus para se ver livre desta. Ao contrário de um mito urbano em que muito boa gente ainda hoje acredita, o totalitário primeiro-ministro de D. José, cujas tiranias, perseguições e violências bárbaras se tornaram tristemente célebres **[16]**, para além de muita obra político-social meritória que sem dúvida empreendeu, enfim, nem tudo é só preto ou só branco — o Marquês era um *despote éclairé*! —, não extinguiu a Inquisição portuguesa **[17]**, pelo contrário, utilizou-a como lhe convinha, e limitou-se a retirar-lhe alguns poderes que transferiu para o

Estado, como por exemplo o poder de censurar livros que passou a ser uma função do Estado com a criação pombalina da Real Mesa Censórea (tão feroz na sua censura aos livros como tinha sido a censura da Inquisição…).

Aliás o Inquisidor-Geral do Reino era um irmão do Marquês, o cardeal Paulo António de Carvalho e Mendonça, com quem o Marquês tinha um excelente relacionamento.

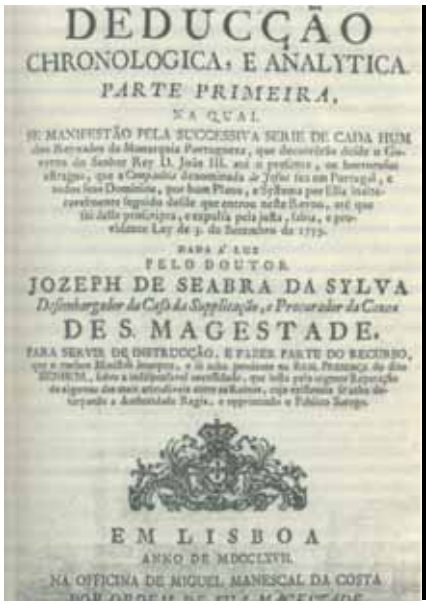
Um outro irmão do Marquês de Pombal, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador do Pará e do Maranhão, no Brasil, sensível — por óbvias conveniências políticas — às queixas e reivindicações dos colonos e dos fazendeiros a quem convinha o comércio escravo dos índios, que os insuportáveis jesuítas prejudicavam com o seu antiesclavagismo, as suas escolas e a sua pregação (onde se induziam os índios guaranis à resistência e à revolta), o Marquês declarou-lhes guerra de morte. Talvez por isso, quando o Marquês aboliu em 1761 a escravatura na metrópole e na Índia portuguesa, não a aboliu no Brasil…

Desmentindo a famosa tirada de Pitigrilli, «eram mais que inimigos, eram irmãos», existe no Palácio do Conde de Oeiras, em Oeiras, um significativo fresco intitulado *Concordia fratrum* [«Concórdia de irmãos»], em que o Marquês de Pombal e os seus dois irmãos, o cardeal-inquisidor e o governador do Pará-Maranhão, se dão as mãos com os braços entrecruzados, denunciando a inequívoca ritualidade da «Cadeia de União» maçónica.

NADA MÍTICO, MAS FALSO: *DEDUCÇÃO CHRONOLOGICA E ANALYTICA*

Para dar cabo dos incomodativos jesuítas de uma vez por todas, o viperino Marquês, entre outras iniciativas como mandar escrever, promover, patrocinar e supervisionar a produção de obras, panfletos, libelos e até leis contra os jesuítas, deu-se sobretudo ao trabalho de mandar cozinhar uma obra tão monumental como fabulosa (fabulosa no sentido de «fábula»…) intitulada *Deducção Chronologica e Analytica*, dada à estampa em 1767 e onde logo no frontispício se acusam «os horrorosos estragos que a Companhia denominada de Jesus fez em Portugal e todos seus domínios, por um plano e sistema por ela inalteravelmente seguido desde que entrou neste Reino, até que foi dele proscrita e expulsa pela justa, sábia e providente Lei de 3 de Setembro de 1759». **[18]**

É uma obra densa e minuciosa onde se


DEDUCÇÃO
CHRONOLOGICA, E ANALYTICA
PARTE PRIMEIRA,
NA QUAL
SE MANIFESTÃO PELA SUCCESSIVA SERIE DE CADA HUM
JOZEPH DE SEABRA DA SYLVA
DES. MAGESTADE.
EM LISBOA
ANNO DE M.DCC.LXVII.
NA OFFICINA DE MIGUEL MANESCAL DA COSTA

Frontispício da primeira edição, de 1767, da *Deducção Chronologica e Analytica* (1.º volume)

faz um repositório completo de todos os horrores e iniquidades praticados pelos jesuítas, nomeadamente os corruptos malefícios e danos que os jesuítas teriam causado na teologia, na jurisprudência, no ensino, na medicina… só faltando dizer que comiam criancinhas ao pequeno-almoço. Nele se defende a tese de que o reino de Portugal vivia uma era florescente de prosperidade e de glória, de grande prestígio internacional, uma autêntica Idade do Ouro, até ao infeliz minuto em que a Companhia de Jesus se instalou aqui em 1540. A partir de então, e sobretudo a partir do momento em que os jesuítas começaram a expandir-se e a espalhar a sua nefasta influência, começou o nosso declínio, e Portugal passou da Idade do Ouro para a Idade do Ferro, isto é, para um tempo de trevas, ignorância e fanatismo, caindo num vergonhoso retrocesso e perdendo todo o prestígio perante a Europa culta e Iluminista. O país só começou a regenerar-se e a reabilitar-se a partir de Setembro de 1759, com a Lei pombalina que expulsou os jesuítas do país. **[19]**

Conceituados historiadores não têm dúvidas que o verdadeiro autor é o próprio Marquês de Pombal assessorado pela sua equipa, e que José de Seabra da Silva (cujo nome aparece no frontispício) não passou de um escriba de serviço. Seja como for, o imparável Marquês através dos canais diplomáticos orquestrou e implementou uma espantosa campanha internacional de *marketing*, promovendo a tradução da *Deducção Chronologica* em latim, espanhol, francês, italiano, inglês e alemão, e fê-lo distribuir por toda a Europa!

Foi eficaz, como só o Marquês sabia ser. Os absolutismos europeus, sobretudo espanhol e francês, horrorizaram-se com os jesuíticos desmandos denunciados pelo livro, o que só vinha confirmar e reforçar as raivas que eles também já tinham contra os ditos, e sob a pressão das monarquias católicas de Espanha, França e Portugal, o papa Clemente XIV extinguiu a Companhia de Jesus através do breve *Dominus ac Redemptor* (1773). Curiosamente, tanto a czarina Catarina a Grande, da Rússia, como Frederico II, da Prússia, atraíram para os respectivos países os membros da extinta Companhia, por reconhecê-los como gente de grande erudição que lhes seriam úteis nas suas políticas culturais…

Entretanto, as exigências internacionais para que os jesuítas retomassem a obra por eles iniciada, nomeadamente no campo da educação e das missões, tornaram-se tão insistentes que o papa Pio VII restaurou a Companhia de Jesus em 1814, através da bula *Sollicitudo omnium Ecclesiarum*. **[20]**

CONCLUSÃO (INCONCLUSIVA…)

Acabámos de dar uma vista de olhos por alguns «livros míticos», uns quase verdadeiros, outros desavergonhadamente falsos, livros de uma peculiar forma de FC&F inserida no universo real, participando dele e actuando sobre ele.

Claro que a lista não se esgota por aqui, longe disso — é inacabável o rol de livros míticos, por assim dizer, sejam eles malditos por terem provocado danos bem reais no mundo real, sejam apenas misteriosos por não existirem ou por se não conseguirem ler. Destes, mesmo assim, ainda há que distinguir entre os que não existem por terem sido vítimas de fatal destruição, e os que nunca existiram e não passam de fantasias. Por exemplo, na veneranda e respeitável Bíblia citam-se os títulos de mais de vinte enigmáticos

livros sobre os quais os sábios continuam a interrogar-se se alguma vez terão existido tal como pretendem os antigos redactores dos textos bíblicos, e dos quais nada se sabe — estando hoje, porventura, irreparavelmente perdidos. Exemplifico meia dúzia deles: *Livro das Guerras de Jahvé*, *Livro de Jasher*, *Livro de Samuel o Vidente*, *Livro de Nathan o Profeta*, *Livro de Gad o Vidente*, *Profecias de Ahijah*, *Livro de Jehu*, *Sentenças dos Videntes*… Só títulos, nada mais que títulos. Mesmo assim, parece que estamos a vê-los, preciosos rolos de pergaminho acastanhados e quebradiços pelos séculos, escritos em páleo-hebraico e contendo segredos arcaicos e terríveis, cuja decifração só pode ser levada a bom termo após mais uma palpitante aventura de Lara Croft ou de *The Librarian*…

Concluo chamando a atenção para um curioso livro de um autor inglês do século XVII, Sir Thomas Browne, onde se comprova que a tentação de catalogar a mítica *bibliotheca abscondita*, ou o inventário de livros falsos ou que não existem, já vem de longe: chama-se *Musaeum clausum* [*Museu selado*] e, imitando e desenvolvendo o que Rabelais já tentara antes com a sua irreverente e divertida biblioteca descrita no capítulo VII de *Pantagruel roy des dipsodes* (1532), faz uma extensa lista com pequenos resumos dos mais estranhos e extravagantes livros, ou imaginados, ou perdidos, ou dos quais apenas se falava sem se saber ao certo se existiriam ou não… E já agora, acrescente-se-lhe mais um outro estudioso que lhe seguiu as pisadas, o bibliógrafo e editor francês Pierre Gustave Brunet (1805-1896), autor não só de um desconcertante *Essai sur les bibliothèques imaginaires* (1862), mas também de um vasto número de volumes visionários e/ou excêntricos… mas nem sempre inexistentes.

Livros perdidos, livros míticos, livros falsos, livros destruídos, livros imaginários… Reais ou não — todos eles, porém, repletos de segredos que fariam empalidecer as mais ousadas invenções da FC&F. Se alguém encontrar alguma vez algum livro desses, ficarei gratíssimo ao feliz leitor que tendo tido o privilégio de tamanha descoberta, a queira generosamente partilhar comigo! **BANG!**

António de Macedo, escritor, cineasta e prof. universitário, nasceu em Lisboa em 1931.
Inclui na sua extensa filmografia dezenas de documentários, programas televisivos e filmes de intervenção, bem como onze longas-metragens de ficção. Paralelamente, especializou-se na investigação e estudo das religiões comparadas, de esoterologia, de história da filosofia e da estética audio-visual, e das formas literárias e fílmicas de «speculative fiction», temas que tem abordado em inúmeros colóquios e conferências, e em diversas publicações. Foi homenageado pelo 30.º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, em Setembro de 2001, pela relevância da sua carreira e pelo contributo prestado à cultura cinematográfica portuguesa.

[8] Depressa se descobriu que os seus procriadores foram agentes da polícia secreta do império russo, a famigerada Okhrana, que estando em Paris a acompanhar o mediático «caso Dreyfus» se inspiraram em dois livros ficcionados, *Dialogue aux enfers entre Machiavel & Montesquieu* (1864), do advogado e jornalista francês Maurice Joly (1829-1878), entremisturado com o romance *Biarritz* (1868), do escritor alemão Hermann Goedsche (1815-1878), um feroz anti-semita. A posição do czar Nicolau II via-se bastante abalada pelas reformas dos liberais simpatizantes dos judeus, e os agentes da Okhrana acharam uma óptima ideia utilizar e desenvolver um dos capítulos deste último livro, «Auf dem Judenkirchhof in Prag» [«No cemitério judeu de Praga»], onde se ficciona o discurso do rabi Reichhorn que revela um *complot* judaico contra a civilização europeia. Esse capítulo foi impresso à parte em 1872, na Rússia, como um panfleto anti-semita, com o título «O Discurso do Rabi», já a preparar a futura publicação dos *Protocolos dos Sábios de Sião*.

[9] A versão inglesa integral dos *Protocolos dos Sábios de Sião [Protocols of the Learned Elders of Zion]* pode ser encontrada no seguinte site:
http://www.biblebelievers.org.au/przion1.htm

[10] Ver, por exemplo: Julius Evola, *Il mito del sangue*, Milano: Editrice Hoepli, 1937; *Sintesi di dottrina della razza*, Milano: Editrice Hoepli, 1941.

[11] *Nora Levin, The Holocaust: The Destruction of European Jewry* 1933-1945; Krieger Publishing Co. Inc., Florida, USA., 1990.

[12] José Eduardo Franco e Christine Vogel, *Monita Secreta: Instruções Secretas dos Jesuítas—História de um Manual Conspiracionista* (Lisboa: Roma Editora, 2002); p. 48. — Na segunda parte deste livro, encontra-se o texto latino integral dos Monita secreta, fac-similado da edição de 1767, com o título *Secreta monita Societatis Jesu*.

[13] Os três famosos manifestos seminais do movimento Rosacruz, que agitaram a Europa e provocaram um número infindo de panfletos, livros e controvérsias durante pelo menos dois séculos, são: *Fama Fraternitatis* [«Notícia da Fraternidade», 1614], *Confessio Fraternitatis* [«Confissão da Fraternidade», 1615] e *Chymische Hochzeit Christiani Rosencreutz anno 1459* [«Núpcias Químicas de Christian Rosenkreuz no ano 1459», 1616].

[14] O Secretário de Estado Sebastião José de Carvalho e Melo ganhou o título de Conde de Oeiras em 1759, e só recebeu o título de Marquês de Pombal em 1769. Incorrendo embora em reprováveis anacronismos, tratá-lo-ei sempre por «Marquês» por uma questão de identificação expedita, mesmo em eventos anteriores à sua obtenção desse título.

[15] No Brasil, sobretudo, e com Vieira à frente, os jesuítas pugnaram contra a escravização dos índios e procuravam atraí-los para as escolas, defendendo que os índios tinham alma — ao contrário da opinião corrente entre colonos e fazendeiros a quem convinha considerar os índios como meros objectos transaccionáveis e força bruta de trabalho.

[16] «…o suplício de João Baptista Pele, com os membros decepados, amarrado a dois cavalos que o dilaceraram, a correr pelo areal da Junqueira; […] a execução dos Távoras e o incêndio da Trafaria [contra os desertores que aí se encontravam, ateado pelo sinistro Pina Manique a mando de Pombal], não esquecendo o martírio do padre Malagrida, crueldades de magnitude neroniana, capazes de inflamar a inspiração de um artista de génio» (Hipólito Raposo, «O Pombal da Rotunda», in jornal Fradique, 15 de março de 1934). — Hipólito Raposo (1855-1953) foi um tradicionalista monárquico que sempre se opôs ao salazarismo, o que lhe valeu ser demitido do cargo de professor e deportado para os Açores.

[17] A Inquisição portuguesa somente foi extinta em 1821, na sequência da Revolução Liberal de1820, quase 40 anos após a morte do Marquês. Na Igreja católica romana, genericamente, a Inquisição continua a existir, tendo apenas sofrido algumas mudanças de nome: em 1908 o papa Pio X mudou-lhe o nome para Sacra Congregação do Santo Ofício, e em 1965 o papa Paulo VI mudou-lhe o nome para Congregação para a Doutrina da Fé (Congregatio pro Doctrina Fidei), nome que se mantém actualmente.

[18] *Deducção Chronologica e Analytica* na qual se manifestão pela successiva serie de cada hum dos Reynados da Monarquia Portugueza, que decorrêrão desde o Governo do Senhor Rey D. João III, até o presente, os horrorosos estragos que a Companhia denominada de Jesus fez em Portugal, etc. dada à luz prlo Doutor Jozeph de Seabra da Sylva, etc., em Lisboa, Anno de MDCCLXVII, na Officina de Miguel Manescal da Costa, por Ordem de Sua Magestade. — A reedição de 1768 está disponível em microfilme na Biblioteca Nacional, em Lisboa, com as seguintes cotas de requisição para leitura: 1.º vol.: BNP- F.G. 171; 2.º vol.: BNP- F.G. 172.

[19] António Marujo e José Eduardo Franco (orgs.), *Dança dos Demónios: Intolerância em Portugal*, VvAa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2009; pp. 290 a 292.

[20] William V. Bangert, *A History of the Society of Jesus*, New York 1972; trad. port.: *História da Companhia de Jesus*, Porto 1985, pp. 443 a 449, e 514 a 518.

Um Terror Tranquilo... Ou Talvez Não

Montague R. James

por António Monteiro

Comemora-se no próximo dia 1 de Agosto o sesquicentenário do nascimento de Montague Rhodes James (1862-1936), universitário inglês de grande prestígio, especialista na História Medieval, podendo destacar-se, entre os seus muitos trabalhos de investigação histórica, a obra *The Apocalypse in Art*, a tradução dos textos apócrifos do novo Testamento e os diversos catálogos de manuscritos existentes no acervo de várias bibliotecas da Universidade de Cambridge. O Dr. Montague R. James foi Reitor do King's College, em Cambridge, de 1905 a 1918, e do Eton College, de 1918 a 1936, tendo ainda exercido as funções de Director do Fitzwilliam Museum, em Cambridge, de 1893 a 1908. Para além dos seus trabalhos científicos, publicou dois guias regionais (*Abbeys*, em 1926, e *Suffolk and Norfolk*, em 1930) e traduziu histórias de fadas do conhecido autor dinamarquês Hans Christian Andersen (*Forty-Two Stories*, 1930).

No entanto, apesar do elevado valor dos seus trabalhos académicos, é como autor de histórias de fantasmas que M. R. James é principalmente recordado nos nossos dias[1]. Mais do que isso, o autor é unanimemente considerado como o expoente máximo de um tipo especial de literatura sobrenatural que, abandonando decididamente as convenções e temas da literatura Gótica que o antecedeu, tem características próprias e, em particular, uma certa afinidade com as tradições da narrativa oral.

Testemunhos contemporâneos atestam que o Dr. Montague James era um homem de excelente trato e apurado sentido de humor, para além de ser possuidor de uma sólida cultura. Apreciava muito a companhia de amigos, com quem viajou por vários pontos de França e da Dinamarca, recolhendo por toda a parte elementos que haveria de utilizar mais tarde nas suas histórias. Um seleccionado grupo de amigos era também presença constante nos seus aposentos do King's College, nomeadamente por alturas do Natal, sendo então brindados com a leitura de uma nova história sobrenatural. O ritual era

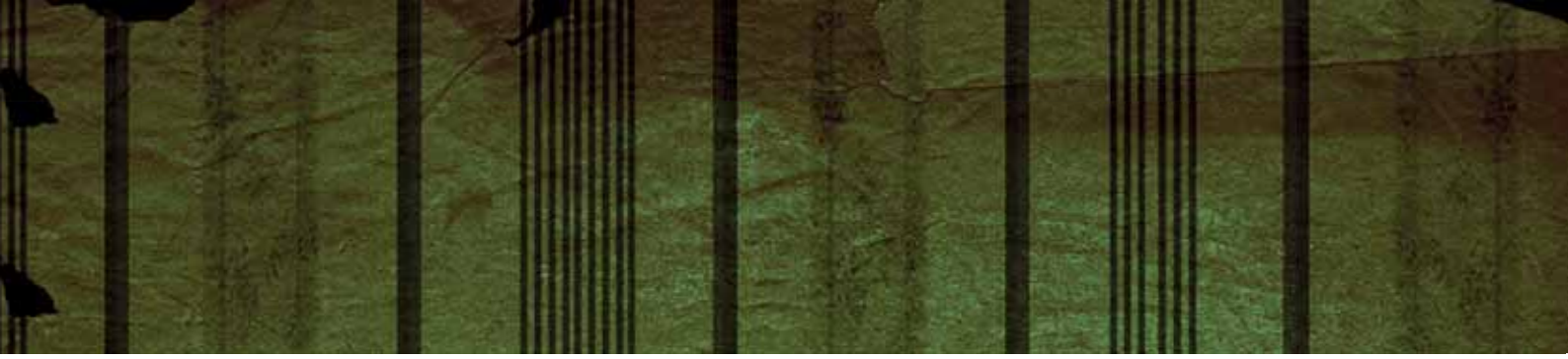
sempre o mesmo: estando o grupo reunido na sala, James retirava-se para o seu quarto – supostamente para preparar a leitura, quem sabe se dando ao texto alguns retoques finais; ao regressar, apagava todas as velas menos uma, a cuja luz lia então o seu último conto, a partir do manuscrito escrito numa caligrafia quase indecifrável por outrem. Essas histórias foram quase todas reunidas em diversos volumes, a saber, *Ghost Stories of an Antiquary* (1904), *More Ghost Stories* (1911), *A Thin Ghost and Others* (1919), *A Warning to the Curious and Other Ghost Stories* (1925), sendo depois reunidas em *The Collected Ghost Stories of M. R. James* (1931); em 2001, a editora canadiana Ash-Tree Press publicou o há muito esgotado *A Pleasing Terror: The Complete Supernatural Writings*, que se pode considerar a obra definitiva, por incluir não só as trinta e três histórias incluídas na antologia de 1931, agora profusamente anotadas, mas também três outras completas e algumas incompletas encontradas entre as notas do autor, todos os seus artigos, introduções e prefácios relacionados com a literatura sobrenatural, uma selecção de cartas trocadas com Gwendolen McBryde e Sybil Cropper, a história infantil *The Five Jars* e outros textos, assim como alguns dos mais importantes artigos publicados acerca do autor.

O que mais distingue as histórias de M. R. James é a excelência da sua construção e a elegância da escrita. Howard P. Lovecraft descrevia James como sendo "dotado de um poder quase diabólico de invocar o horror em pequenos passos a partir da prosaica vida quotidiana". Valerá a pena examinar algumas das características mais marcantes dos seus contos, quer do ponto de vista dos temas utilizados, quer quanto à sua estrutura narrativa.

Conforme observa Peter Penzoldt, as histórias de M. R. James começam geralmente de um modo perfeitamente casual e os elementos sobrenaturais são introduzidos gradual e subtilmente, muitas vezes não se revelando completamente senão perto do final do texto. Este "suave crescendo", nas palavras do próprio autor, não é alcançado por mero acaso, como sublinha Lovecraft. Pelo contrário, a construção é meticulosa e obedece a princípios que o próprio James enunciou, entre outros textos, no seu prefácio à antologia *Ghosts and Marvels*, editada por Vere Henry Collins e publicada pela Oxford University Press em 1924.

O autor defendia, por exemplo, que as histórias sobrenaturais deveriam referir-se a tempos já passados, mas não demasiado remotos, de modo que o leitor pudesse ter a sensação de que os terríveis acontecimentos descritos poderiam passar-se consigo mesmo. Afirmava também que a atmosfera criada, o ambiente, é de primordial importância e, no que pode quase considerar-se um manual de instruções para o género, descrevia a estrutura de uma história correctamente elaborada nos seguintes termos: "Sejamos apresentados aos actores de um modo plácido; acompanhemo-los no seu dia-a-dia normal, não perturbados por quaisquer agouros e satisfeitos com o que os rodeia; e neste ambiente tranquilo deixemos a coisa sinistra espreitar, primeiro discretamente, depois cada vez mais insistentemente, até ocupar o lugar central." É este crescendo, terminando num clímax de horror físico e mental, que melhor caracteriza os contos de M. R. James. Curiosamente, para uma eficácia ainda acrescida, acrescentava ainda: "Por vezes não é descabido deixar uma porta aberta para uma explicação natural; eu diria, porém, que essa porta deverá ser tão estreita que não seja verdadeiramente utilizável".

Dado o interesse do autor pela história medieval, pelos velhos manuscritos e palimpsestos, pela arquitectura religiosa e outros temas semelhantes, não será talvez de estranhar que esses gostos e características sejam partilhados por muitas das suas personagens, que são muitas vezes oriundas do meio académico, solteiros como James, interessados pelo mundo das antiguidades, um pouco excêntricos e introvertidos. A erudição do autor permitia-lhe utilizar nas suas histórias referências e citações que lhes conferiam um tom de seriedade que muito contribui para a eficácia, por contraste,



da intervenção da tal "coisa sinistra". Um dos exemplos mais flagrantes do uso dessa erudição e que talvez poucos autores se atrevessem a pôr em prática é o início de "The Treasure of Abbot Thomas": o conto começa com uma citação de mais de uma dúzia de linhas em Latim! O hábito da escrita científica confere aos textos de James extraordinária precisão e nitidez, associadas a uma grande elegância e refinamento na escolha de termos e na sintaxe.

Um outro aspecto em que M. R. James se separa radicalmente da tradição Gótica que o precedeu consiste no carácter eminentemente físico dos seus fantasmas e outras aparições. Na verdade, conforme refere por exemplo Lovecraft, "enquanto os velhos fantasmas eram pálidos e pomposos, o fantasma típico de James é magro, atarracado e hirsuto – uma lenta e infernal abominação nocturna a meio caminho entre homem e besta – usualmente tocado antes de ser visto". Entre muitos exemplos, citemos uma passagem de "The Treasure of Abbot Thomas", em que, nas palavras do narrador, um ser desconhecido "se pendurou por um momento na beira do poço e depois escorregou para o meu peito e pôs os braços à volta do meu pescoço"; a descrição do contacto com o ser medonho em "The Diary of Mr. Poynter", "Aquilo em que ele tinha estado a tocar ergueu-se ao seu encontro. Estava na posição de vir a rastejar pelo chão sobre a barriga e era, tanto quanto ele se conseguia recordar, uma figura humana. Mas da face que agora se levantava até poucos centímetros da sua, nenhuma feição era discernível, só cabelo"; ou ainda a de uma presença debaixo de uma almofada em "Casting the Runes", que ao tacto parecia "uma boca, com dentes e com cabelo à volta e […] de modo algum a boca de um ser humano".

Esse carácter táctil das entidades sobrenaturais que povoam as diversas histórias associa ao sentimento de medo uma repugnância física que aumenta o efeito final pretendido. Deve salientar-se que o confesso propósito do autor, nos seus contos de fantasmas, se reduzia à narração de uma boa história, que pudesse produzir nos seus leitores – ou, conforme explicado acima, ouvintes – um agradável arrepio de pavor, não tendo ocultos quaisquer objectivos filosóficos, de estudo da natureza humana, ou outros. A meticulosa construção da narrativa e a gradual introdução de elementos sobrenaturais levam o leitor a aperceber-se, muito antes das personagens, da natureza sobrenatural dos acontecimentos descritos, como sublinha Penzoldt, segundo o qual a identificação desejada por James entre o leitor e os protagonistas das suas histórias o leva a reduzir ao mínimo a descrição das emoções destes, devendo aquele antecipá-las e senti-las ele próprio.

De observar também que, embora M. R. James seja usualmente designado como autor de histórias de "fantasmas" e que as colecções publicadas durante a sua vida tivessem nos títulos a palavra "fantasmas", só uma pequena parte dessas histórias envolve verdadeiramente espectros, no sentido estrito do termo[2], enquanto as outras lidam com demónios, bruxas, vampiros ou, de um modo geral, guardiões sobrenaturais deixados por ocultistas, com diversas intenções. Como regra, James entendia que numa história sobrenatural as entidades invocadas devem ser malévolas e em muitas das suas histórias os protagonistas acabam por ser perseguidos e assombrados por seres que despertaram através de acções inocentes, motivadas muitas vezes por mera curiosidade intelectual. Mais uma vez o autor se afasta das regras tradicionais das histórias de fantasmas, em que eventuais consequências funestas da acção destes eram normalmente dirigidas a alvos específicos, quase sempre procurando vingança por agravos sofridos em vida. De resto, no prefácio de *Collected Ghost Stories*, o autor responde sumariamente à questão de se saber se ele próprio acreditava em fantasmas, afirmando estar "preparado para examinar eventuais provas e aceitá-las se elas [o] satisfizessem".

> Howard P. Lovecraft descrevia James como sendo "dotado de um poder quase diabólico de invocar o horror em pequenos passos a partir da prosaica vida quotidiana".

Nas histórias de Montague Rhodes James, os agentes humanos são, no fundo, uma espécie de catalisadores, propiciando a intrusão do sobrenatural na vida quotidiana. Correspondentemente, o terror suscitado pelas suas criaturas e pelos seus monstros é de natureza íntima, muito próxima dos sentimentos do leitor. As suas personagens são tão reais e os seus ambientes e acções tão naturais e familiares que facilmente nos identificamos com elas, como referia Penzoldt, citado acima. Mais ainda, essas mesmas personagens – incluindo vários dos narradores – são em geral pessoas altamente respeitáveis, cujas

opiniões, ideias e explicações somos naturalmente levados a partilhar; essa garantia de fiabilidade confere uma acrescida dimensão de medo à ocorrência dos fenómenos sobrenaturais e de certo modo avaliza a sua hipotética realidade.

O mundo ficcional de M. R. James, povoado por académicos e antiquários, velhos manuscritos e antigos artefactos, estranhas criaturas encapuçadas, espectros de diversos tipos, aranhas descomunais, esqueletos e lençóis animados, não poderia deixar de influenciar outros escritores, desde os seus amigos Edmund Gill Swain (1861-1938), R. H. Malden (1879-1951) e os três irmãos Benson, Arthur Christopher (1862-1925), Edward Frederic (1867-1940) e Robert Hugh (1871-1914), até outros, posteriores, como Alan Noel Latimer Munby (1913-1974), Marcus Paul Dare (1902-1962) e Lionel Thomas Caswell Rolt (1910-1974)[3].

Entre nós, houve já edições de colecções de histórias de M. R. James, mas as que parecem ter sido as primeiras traduções dos seus contos datam de meados da década de 1960. Com efeito, de 9 de Dezembro de 1967 a 6 de Abril de 1968, o suplemento de sábado do jornal *Diário Popular* publicou doze histórias, traduzidas por Hugo Rocha ("Count Magnus", "Lost Hearts", "'Oh, Whistle, and I'll Come to you, My Lad'", "The Treasure of Abbot Thomas", etc.). Essas traduções tiveram assinalável êxito – não só pela excelência das histórias em si, mas também pela elegância e qualidade das traduções –, o que levou o próprio Hugo Rocha a escrever mais tarde diversos contos sobrenaturais.

Hugo Amílcar de Freitas Rocha (1906-1993) era natural do Porto, tendo iniciado aos dezoito anos uma distinta carreira como jornalista no *Comércio do Porto*. Viajante infatigável, foi também crítico musical e, a partir de 1933, publicou um certo número de livros que incluíam as áreas da poesia, da literatura de viagens, do ensaio e do romance. Espiritista – entre os seus ensaios incluem-se, *Espiritualismo*, publicado em 1934, e *O Problema dos Fantasmas*, em 1937 –, interessava-se também pelo fenómeno dos "discos voadores", tendo publicado em 1951 e 1958, respectivamente, os ensaios *O Enigma dos Discos Voadores* e *Outros Mundos, Outras Humanidades*.

Após a publicação dos contos de M. R. James, Hugo Rocha viria a publicar no *Diário Popular* a sua colecção de histórias sobrenaturais *Histórias Fantasmagóricas*, reunidas em livro em 1969; no mesmo jornal apareceria por volta de 1980 uma nova série, intitulada "Novas Histórias Fantasmagóricas" que, tanto quanto posso apurar, nunca chegou a ser publicada em livro. Embora de tom bastante diferente dos contos de M. R. James, especialmente no que toca à escolha dos protagonistas e dos ambientes, as histórias de Hugo Rocha são muito interessantes. Elegantemente escritas e muitas vezes inspiradas em temas do folclore português – tal como em James se encontram, segundo Jacqueline Simpson (no seu artigo "'The Rules of Folklore' in the Ghost Stories of M. R. James", 1997) ecos de temas folclóricos britânicos e dinamarqueses nas histórias do mestre inglês – as histórias fantasmagóricas valem bem uma leitura atenta, especialmente tendo em conta a relativa pobreza da ficção sobrenatural portuguesa, que o próprio autor sublinha no seu Antelóquio ao volume publicado. **BANG!**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

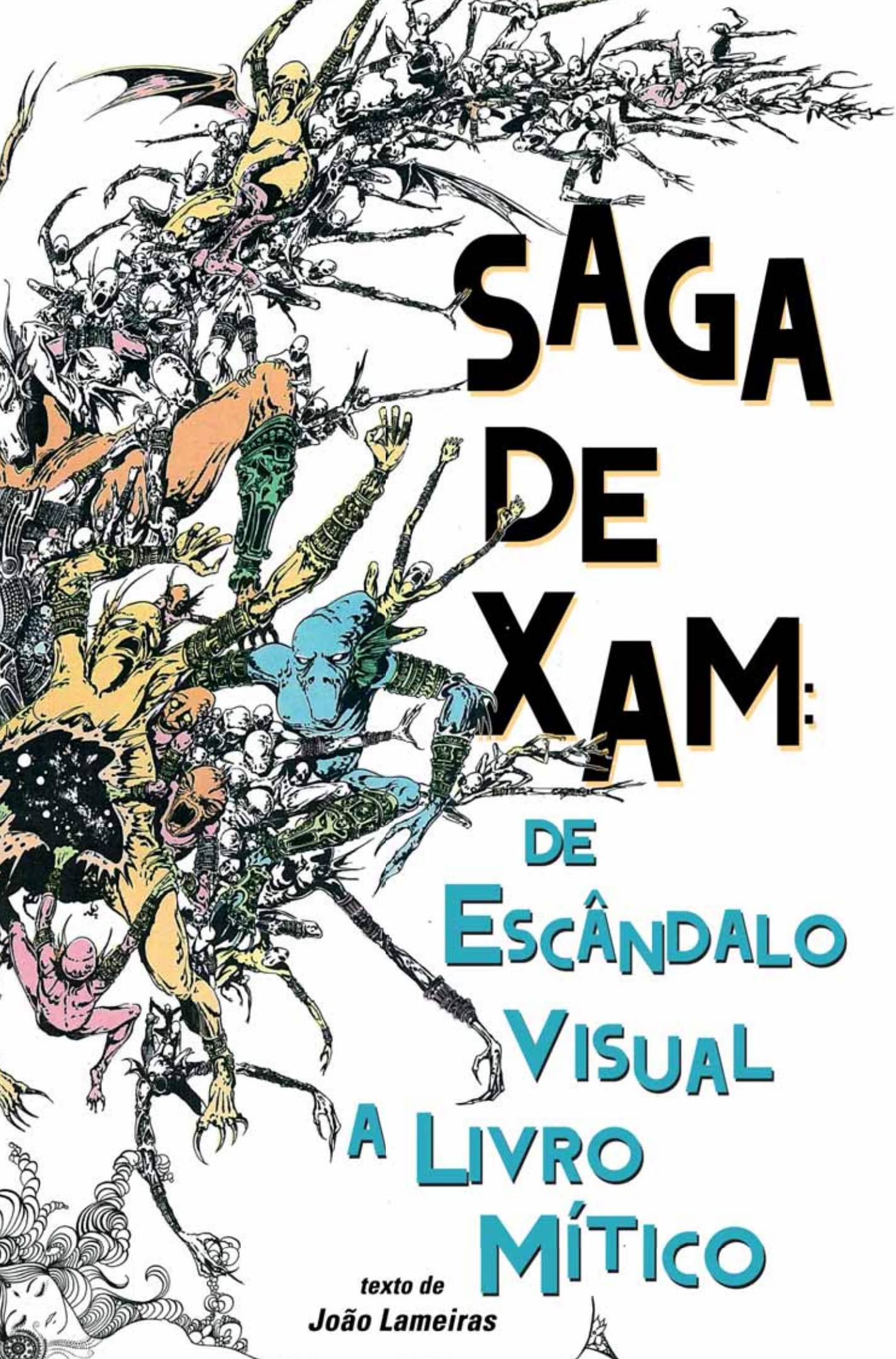
– Carroll, Noël, *The Philosophy of Horror or Paradoxes of the Heart*. Routledge, 1990
– Cox, Michael, *M. R. James: An Informal Portrait*. Oxford University Press, 1983
– Haining, Peter, *M. R. James – Book of the Supernatural*. Foulsham, 1979
– James, M. R., *The Ghost Stories of M. R. James*, selected by Michael Cox. Tiger Books, 1986
– James, M. R., *A Pleasing Terror: The Complete Supernatural Writings*, ed. Christopher and Barbara Roden. Ash-Tree Press, 2001
– Joshi, S. T. (ed.), *Icons of Horror and the Supernatural – an encyclopedia of our worst nightmares*. Greenwood Press, 2007
– Joshi, S. T. & Dziemianowicz, Stefan (eds.), *Supernatural literature of the World – an Encyclopedia*. Greenwood Press, 2005
– Joshi, S. T. & Pardoe, Rosemary, *Warnings to the Curious – a sheaf of criticism on M. R. James*. Hippocampus Press, 2007
– Lovecraft, Howard P., "Supernatural Horror in Literature" *in Dagon and Othe Macabre Tales*, Arkham House, 1965
– Pardoe, Rosemary (ed.), *Ghosts & Scholars*, # 1-33 (1979-2001)
– Pardoe, Rosemary (ed.), *The Ghosts & Scholars M. R. James Newsletter*, # 1-21 (2002-2012)
– Penzoldt, Peter, *The Supernatural in Fiction*. Humanities Press, 1965
– Pfaff, Richard William, *Montague Rhodes James*. Scolar Press, 1980
– Rocha, Hugo, *Histórias Fantasmagóricas*. Livraria Civilização, 1969
– Sullivan, Jack (ed.), *The Penguin Encyclopedia of Horror and the Supernatural*. Viking, 1986

[1] Uma recente série de selos emitida pelos Correios britânicos, subordinada ao tema "Britons of Distinction", inclui a figura de M. R. James, com a legenda "Scholar and author of ghost stories".

[2] Por definição, o fantasma é a alma ou o espírito de uma pessoa – ou eventualmente de um animal – falecida, que aparece aos vivos sob várias formas, quer através de uma representação visual, quer através de outros tipos de manifestação, por exemplo auditiva.

[3] Mais modernamente, várias histórias de M. R. James foram adaptadas à televisão (anuncia-se para breve uma nova edição em DVD dessas adaptações, se bem que algumas se encontrassem já disponíveis), ao teatro e ao cinema (nomeadamente *Night of the Demon* realizado por Jacques Tourneur em 1957, que é baseado na história "Casting the Runes").

Nascido em Lisboa em 1951, casado, com duas filhas e três netos. É professor universitário de Matemática e tem múltiplos interesses, entre os quais a Malacologia, sendo editor da revista electrónica "The Cone Collector" (www.theconecollector.com).
Na área da literatura fantástica, especialmente da literatura de terror, para além de pertencer a diversos clubes, é autor de diversos contos publicados em revistas.



Saga de Xam:

de Escândalo Visual a Livro Mítico

texto de
João Lameiras

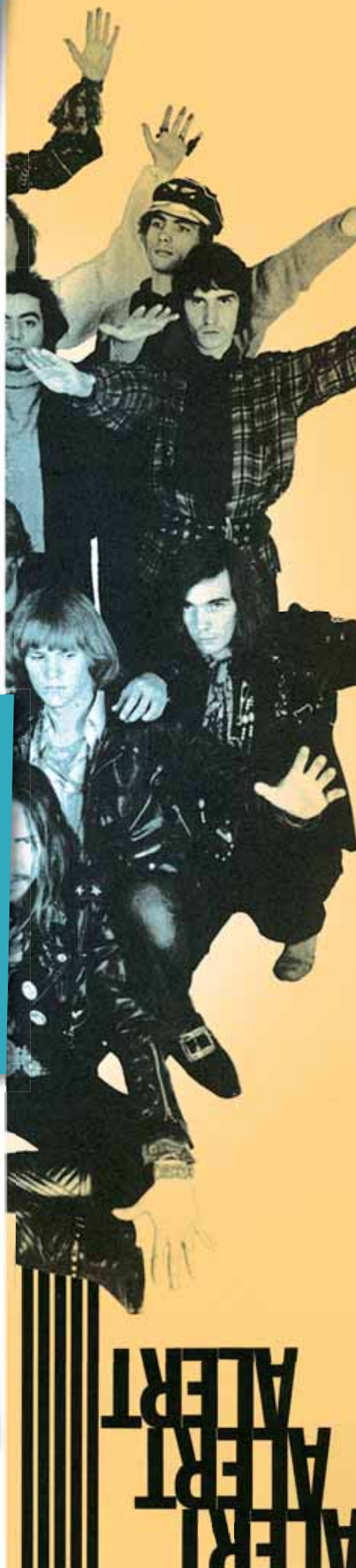
Há livros assim. Obras muito citadas mas poucas vezes vistas. Títulos que pela sua importância e raridade adquiriram uma aura quase mítica. *Saga de Xam*, uma Banda Desenhada de Nicolas Devil editada por Eric Losfeld em 1967, nas suas Editions du Terrain Vague e nunca depois reeditada, é um desses livros míticos. Um livro que aqui se dá a descobrir aos leitores da Bang!

Responsável pela chegada às livrarias francesas de uma Banda Desenhada destinada a um público adulto, que misturava erotismo e ficção científica, Losfeld estreia-se na edição de BD em 1964 com a *Barbarella* de Jean-Claude Forrest, um jovem autor então praticamente desconhecido, que criou uma série de ficção científica protagonizada por uma mulher bela e sexualmente independente, muito diferente da maioria das mulheres da BD até então, que se limitavam a um papel passivo de namoradas dos heróis, à espera de serem salvas (basta pensar em Dale Arden, a companheira de Flash Gordon, de Alex Raymond, para continuarmos no campo da ficção científica). Essa opção de dar o protagonismo às mulheres está igualmente presente noutros títulos editados por Losfeld, como *Jodelle* e *Pravda*, de Guy Peellaert, *Scarlet Dream* de Lob e Gigi e *Epoxy* de Van Hamme e Paul Cuvelier, todos protagonizados por mulheres tão belas como independentes.

Apesar de se enquadrar perfeitamente na estratégia editorial de Losfeld, de misturar o erotismo e a ficção científica na BD, *Saga de Xam* é uma obra à parte, com características únicas e irrepetíveis, fruto de uma época e do encontro ocasional de um grupo de criadores que seguiram caminhos diferentes.

Para além do editor, Eric Losfeld, outro nome foi determinante para a concretização de *Saga de Xam*. O de Jean Rollin, cineasta de culto com uma grande atracção pelo fantástico e pelo erotismo, que escreveu o argumento de *Saga de Xam* e apresentou Devil a Losfeld. Rollin era amigo de Devil e frequentador habitual do seu apartamento, onde costumava parar também o desenhador Philippe Druillet, o criador de *Lone Sloane* (que também vai ser editado por Losfeld), que vai colaborar no desenho de *Saga de Xam*, participando num *cadavre exquis* no último capítulo. Tanto Nicolas Devil e a sua mulher, como Druillet vão participar como actores em alguns dos filmes de Rollin, como *Le Viol du Vampire*, cujo cartaz é da autoria de Druillet.

Mas deixemos que seja o próprio Losfeld, a contar na sua autobiografia[1], como decidiu publicar aquele que foi "um dos mais belos livros" que editou em toda a sua carreira: "[Jean Rollin] O



futuro cineasta dos amores vampíricos disse-me: «vou apresentar-te um desenhador que me parece ter muito talento» – e apresentou-me o Nicolas Devil. Nicolas Devil, que na altura era muito jovem, uma vintena de anos, trouxe-me alguns desenhos e passou-me a sinopse do argumento escrito por Jean Rollin. Resta acrescentar que, ao longo da sua feitura, o livro evoluiu grandemente até se tornar uma espécie de patchwork delirante: um período egípcio, um período chinês, um período viking, um período psicadélico e, no final um levantar voo para fora deste mundo, que deu certamente origem ao mais espantoso poster que se podia imaginar a partir deste tipo de desenho."

Considerado pelo crítico Jacques Marny como um verdadeiro "escândalo visual"[2], definição que traduz bem o impacto que o livro teve nos leitores da época, *Saga de Xam* começou como uma Banda Desenhada de ficção científica, que conta a viagem de Saga, a bela jovem de pele azul vinda do Planeta Xam para salvar um planeta Terra, que não merece ser salvo, mas foi evoluindo, de forma orgânica, para se transformar num manifesto coectivo, estético e político, que prenuncia o Maio de 68 e onde encontramos como figurantes no último capítulo Barbarella, Bob Dylan, Allan Ginsberg, Zappa Kalfon, Julian Beck, Lovecraft, Valérie Lagrange, John Lennon, Cassius Clay, os Hell's Angels e os Rolling Stones, entre muitos outros.

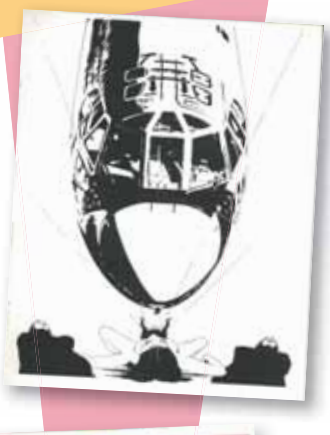
Para além de uma verdadeira viagem pela História de Arte Universal, do antigo Egipto à Pop Art, passando pela pintura flamenga tornada possível pelo talento e versatilidade do traço de Devil e dos seus colaboradores, *Saga de Xam* é um belo e luxuoso livro-objecto, encadernado a pano e impresso em papel de 300 gr, feito mais para ser visto do que para ser lido. Com efeito, apesar de impresso em grande formato (24x31cm), as pranchas estão ainda assim bastante reduzidas em relação aos originais de Devil, o que implica o uso de uma lupa (que era oferecida com o livro) para conseguir ler o texto de algumas páginas, para além de outras estarem escritas num código cuja chave estava no fim do livro, o que torna a sua leitura um exercício trabalhoso e até penoso…

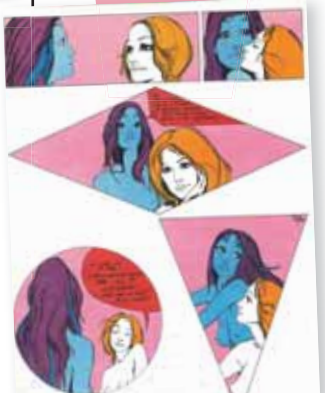
ALERT ALERT

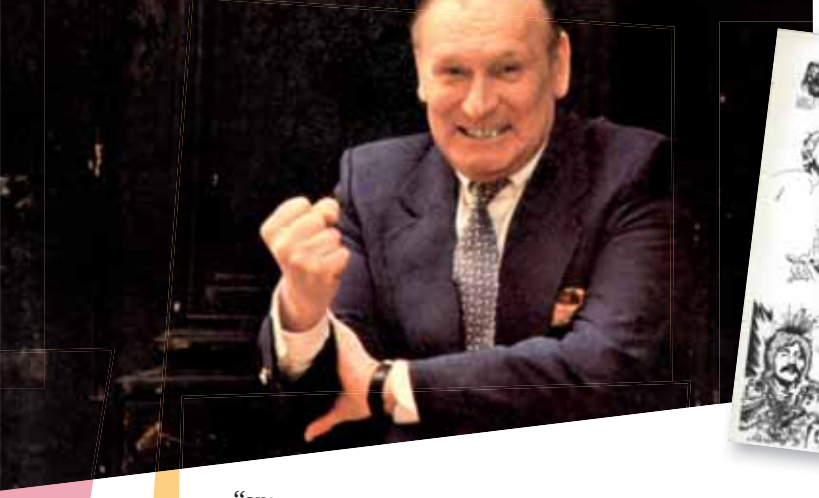
Apesar de não ser de leitura fácil, ou talvez mesmo por isso, a crítica francesa recebeu *Saga de Xam* de forma entusiástica, como podemos ver por esta recensão ditirâmbica publicada à época no *Magazine Litteraire*, que, como podemos ver, não hesita em comparar Devil a Homero, não se ficando por aí… : "Saga é a heroína cujo nome significa História, mas uma História divinizada e legendária como a História da cólera de Aquiles, que se chama *Ilíada*. Saga, história e heroína, saltam de época em época: o reino do fanatismo religioso, o tempo dos faraós, a pré-história, o futuro absoluto, para converter-se num poema puro, descritivo e sumptuoso. Tenho a certeza de que *Saga de Xam* assinala um marco, uma viragem na história da Banda Desenhada. Com Devil, a BD encontrou o seu Homero, e na *Saga de Xam* a sua Ilíada. O fantástico de Redon, a sumptuosidade de Velasquez, a graça e o ritmo dos corpos de Picasso, os horrores de Bosch e de Goya, são os pais poéticos do desenho de Devil..."

Embora de forma mais discreta, o impacto do livro também chegou a Portugal, onde a sua influência se fez sentir. Nelson Dias, o desenhador de *Wanya – Escala em Orongo*, a primeira Banda Desenhada moderna de Ficção Científica nacional, publicada em 1973, é o primeiro a reconhecer essa influência, numa entrevista a Vasco Granja, em que diz: "*Saga de Xam* de Nicolas Devil representou muito para mim, estimulando-me bastante no sentido da criação gráfica" e essa influência é bem evidente em Wanya, uma heroína que caberia perfeitamente no catálogo de Losfeld.

Apesar do sucesso do livro, que rapidamente esgotou a primeira e única edição, mesmo a um preço de 1000 francos por exemplar, os seus autores acabaram por seguir caminhos diferentes. Jean Rollin, falecido em finais de 2010, dedicou-se de corpo e alma ao seu principal interesse, o cinema, sem grande sucesso comercial, o que levou a alternar o cinema fantástico de







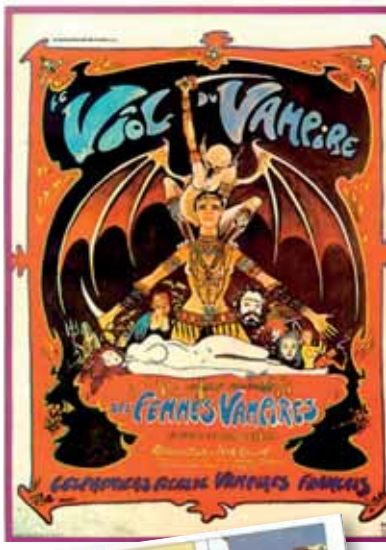
"amores vampíricos" com a realização de filmes pornográficos, que lhe permitiam pagar as contas.

Druillet, ainda activo como ilustrador e autor de BD, desiludido com a abordagem elitista de Losfeld, que apostava em edições de luxo e baixas tiragens em vez de fazer chegar os livros a um público mais vasto, decidiu levar as suas criações para a revista *Pilote*, onde conhece Jean Moebius Giraud, com quem irá fundar, anos mais tarde, a editora Humanoides Associés, responsável pela publicação da mítica revista *Metal Hurlant*, título que irá revolucionar a Banda Desenhada de ficção científica.

Quanto a Nicolas Devil, depois de *Saga de Xam*, apenas publicou mais um livro com desenhos (de acordo com Losfeld, Devil mais do que desenhador, queria é ser escritor e terá mesmo publicado alguns livros com Andrè Bercoff, de que não encontrei referência), *Orejona – Saga Génération*, de 1974. Mais do que propriamente BD, *Orejona* é um livro ilustrado e caligrafado, que recupera os slogans, logotipos e grafismos da contra-cultura europeia e norte-americana, dos textos do Black Power ao Manifesto Situacionista, ilustrado com desenhos de Devil e de desenhadores underground, como Richard Corben, Vaughn Bodé, Roman Cieslewicz e Robert Crumb.

Desaparecido da cena artística desde então, Devil recuperou o seu verdadeiro nome (Nicholas Deville) emigrou para o Canadá, onde tirou um Doutoramento em Filosofia e actualmente vive no Quebéc, onde é professor de Filosofia numa Universidade em Matane, uma pequena cidade na margem sul do rio São Lourenço, tendo, ao que parece, deixado completamente o desenho.

Verdadeiro objecto de coleccionador, *Saga de Xam* continua a ser muito procurado, mais de 40 anos depois da sua publicação original, atingindo preços proibitivos nos leilões na Internet. Algo que se deve à decisão de Losfeld que, apesar do seu incontestável sucesso, optou por nunca reimprimir *Saga de Xam*, por achar "que é bom que, por vezes, alguns livros se tornem míticos". No caso de *Saga de Xam*, não há dúvidas de que o conseguiu. **BANG!**

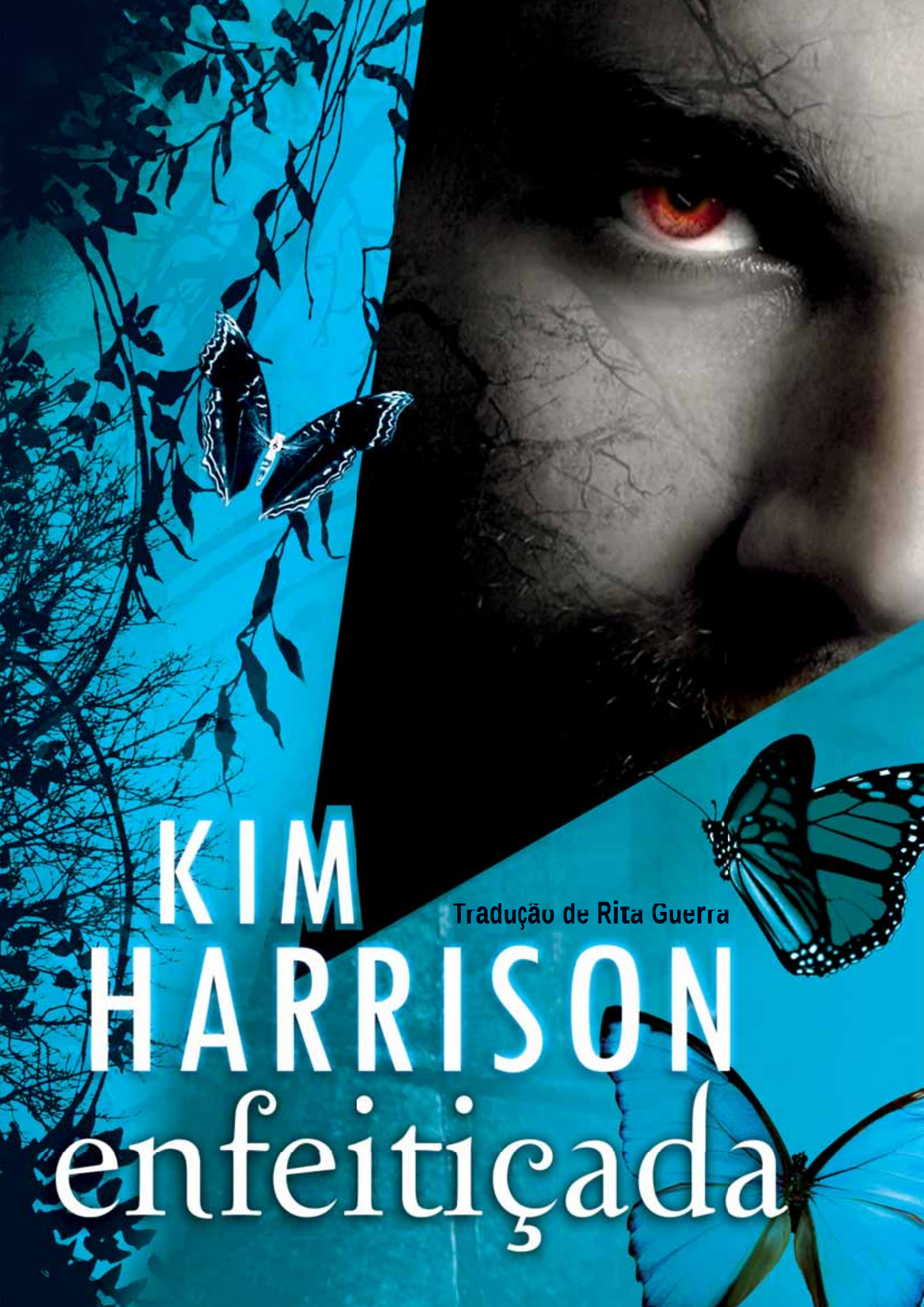


[1] Eric Losfeld, *Endetté comme une mule ou la passion d'éditer*. Paris: Belfond, 1979.

[2] Citado por Moacyr Cyrne em *A Explosão Criativa dos Quadrinhos*, Cap. VIII, Editora Vozes, sd

Este texto é dedicado ao Pedro Piedade Marques, que me desafiou a escrevê-lo e me emprestou a autobiografia do Eric Losfeld e ao André Caetano, que digitalizou as imagens de Nicolas Devil, demasiado grandiosas para a modéstia do meu pobre scanner.

João Lameiras é Mestre em História da Arte pela Universidade de Coimbra. Tem desenvolvido uma vasta actividade no campo da Banda Desenhada, como conselheiro editorial, tradutor, argumentista e crítico para diversas editoras e publicações e é sócio-gerente da Livraria Dr. Kartoon. Escreve com frequência no seu blogue http://porumpunhadodeimagens.blogspot.com



KIM HARRISON

Tradução de Rita Guerra

enfeitiçada

> Alguém o estava a invocar. Outra vez, pensou com um suspiro, até se ter apercebido da localização provável do chamamento. Europa?

Papelada. Pensou Algaliarept resignado, enquanto soprava ligeiramente sobre o livro de registo para secar mais depressa a tinta. *Tinta que não era realmente tinta, papel que nunca tinha sido madeira,* pensou enquanto inspirava profundamente o cheiro enjoativo do sangue. Ainda que o sangue produzisse um sublime documento de ligação, a sua natureza tendia a tornar tudo mais lento. Ainda assim, mesmo que pudesse passar aquela parte do trabalho para um subordinado, não o faria. O conhecimento de quem lhe devia e o quê era muito valioso no mundo dos demónios, e os familiares eram conhecidos por terem a língua solta, até lha cortarem. Tratava-se de uma prática que Algaliarept reprovava. A maior parte dos seus irmãos era de sangue plebeu. Remover a língua de um familiar arruinava completamente as *nuances* das suas súplicas por clemência.

Voltando a instalar-se na sua pequena e elegantemente talhada secretária, Algaliarept alcançou uma caixa de pedra fechada, extraiu uma pequena colher de prata de Enxofre e deixou a droga derreter lentamente na língua. O pequeno toque da colher quando a voltou a pousar trespassou-o como se fosse fogo e, fechando os olhos, respirou, inspirando o ar por cima da escuridão de cinzas para trazer até si uma centena de pequenos cheiros, enquanto o Enxofre intensificava os seus sentidos e elevava a sua mente.

Não deve haver chatice maior do que a papelada, pensou, enquanto apreciava, por um instante, a ligeira euforia. Contudo, quando os seus olhos se abriram e olhou para os aposentos opulentos — as paredes forradas de seda escura; os vasos pintados com belos corpos eróticos; os recantos banhados em sombras ricas, almofadas e lamparinas fragrantes; e, sob os pés, um tapete com um dragão ondulante a devorar os filhos pequenos —, Algaliarept soube que não desejava nada diferente. Faltar-lhe-ia tudo se tivesse de trabalhar para outrem.

Era no Oriente que, por ora, residia a inteligência do mundo e ele gostava bastante dos asiáticos, mesmo que por lá lhe chamassem dragão e esperassem vê-lo a cuspir fogo. Com excepção dos elfos, que defendiam o seu último reduto nas montanhas da Europa, a única verdadeira cultura do mundo, naquele momento, era a asiática: sobretudo, graças aos seus esforços. Alguém tem de criar o que outros irão cobiçar.

Mergulhando a pena, Algaliarept curvou-se, de novo, sobre o trabalho, o sobrolho franzindo-se sem motivo aparente. Algaliarept era um negociante da carne e um sedutor de almas, hábil a treinar pessoas nas artes negras, apenas o suficiente para as tornar comercializáveis, raptando-as em seguida, quando cometessem um erro, para as vender aos seus pares junto dos quais sofreriam uma longa vida de servidão. Era tão bom naquilo que tinha alcançado um estatuto que rivalizava apenas com os mais elevados membros do tribunal, atingido graças aos próprios méritos e devido a ninguém. Ainda assim, enquanto a pena riscava os juros de uma dívida particularmente antiga, acabou por reconhecer a fonte do seu crescente sentimento de insatisfação.

Enquanto outrora apreciara ver um potencial familiar

a agonizar, desejando mais, e a pensar que era suficientemente esperto para escapar ao resultado final, agora não lhe restava mais do que uma estranha inveja. Ainda que condenado, o familiar sentia *alguma coisa*. Algaliarept, por outro lado, não sentia nada. Tinha perdido a alegria e a caça tornara-se demasiado fácil.

Algaliarept chegou ao fim de outra página e estendeu a mão para mais uma colher de Enxofre, enquanto a tinta vermelha secava e se tornava preta. Enquanto mergulhava a colher de prata, o seu reflexo em movimento chamou-lhe a atenção e o demónio hesitou, fitando o próprio olhar no espelho dourado sobre a secretária. Uns olhos cansados e rasgados como os de uma cabra fitavam-no. Semicerraram-se e, com uma sensação de infelicidade, observou-se enquanto deixava que a cinza preta deslizasse de novo para a caixa. Se queria sensações, devia sair à sua procura, não bebê-las no pó. *Talvez*, pensou Algaliarept soturnamente, ao mesmo tempo que tocava no texto para confirmar se estaria seco, *fosse tempo de fazer uma pausa*. Talvez devesse começar a retirar o seu nome dos textos da realidade, deixando apenas o suficiente para uma invocação ocasional em vez das numerosas invocações com que lidava. Estava cansado de negociações medíocres e prazeres momentâneos que não lhe concediam nada duradouro. Queria… mais. De mau humor, curvou-se sobre o trabalho. *Isto não pode ser tudo o que existe*, pensou, enquanto se tentava perder na beleza das vontades e dos desejos, da oferta e da procura.

Concentrado no trabalho, a ligeira comichão no nariz quase passou despercebida até ter espirrado. Com uma mão veloz fechou a caixinha de Enxofre aberta, salvando o conteúdo. Chocado, fitou a porta, provando o ar e tentando perceber se o Sol se teria posto. Alguém o estava a invocar. *Outra vez*, pensou com um suspiro, até se ter apercebido da localização provável do chamamento. *Europa?*

O olhar de Algaliarept regressou ao espelho e os seus olhos vermelhos, rasgados como os de uma cabra, brilharam. O rosto enrugado abriu-se num ligeiro sorriso. Um arrepio de excitação deslizou através do seu corpo, mais inebriante do que o Enxofre. Tinha de ser Ceridwen. Naquele continente, só ela sabia o seu nome, só ela o chamaria a partir dali. *Três meses*, pensou, a excitação crescendo enquanto se olhava no espelho, assistindo enquanto as suas feições se tornavam mais jovens e mais refinadas, assumindo o forte maxilar a que ela estava habituada. *Eu sabia que ela não conseguiria resistir.*

Trauteando uma peça de música que nunca fora composta, abanou as mangas, fitando-as enquanto o quimono de seda que tanto apreciava dava lugar a um abafado casaco de veludo verde, de estilo europeu. A renda ganhou forma em redor da garganta e o cabelo tornou-se preto e liso. A sua pele rosada tornou-se mais clara e as luvas cobriram-lhe as mãos. Pareceria agradável aos olhos dela, ainda que considerasse o conjunto feio. Até ter parado, há três meses, sem qualquer aviso, Ceridwen Merriam Dulciate tinha-o invocado todas as semanas durante sete anos. Algaliarept era um demónio paciente mas a pausa não anunciava nada de bom. O facto de se sentir entusiasmado pela primeira vez em várias semanas não lhe passou despercebido, mas Ceri era especial. Ceridwen era a mulher mais matreira, inteligente e cuidadosa que tentara apanhar nos últimos trezentos anos e nunca sabia o que ela ia fazer.

Arte, compreendeu, de súbito. Ceri era arte, ao passo que todos os outros eram trabalho. Seria essa a origem da sua insatisfação? Teria chegado a hora de parar de trabalhar, simplesmente, e de começar a fazer arte? Contudo, para o fazer, precisava de uma tela. Era altura de a trazer para casa. Se conseguisse.

Levantando-se, voltou a espirrar, desta vez de forma mais delicada. Os seus pensamentos fixaram-se numa maldição raramente usada e Algaliarept estremeceu, procurando na mente até se ter recordado.

Rosa flavus — sussurrou, estremecendo enquanto a maldição pouco comum deslizava sobre ele, deixando na sua mão uma rosa amarela. Diabos o levassem, aquilo sabia-lhe bem. Desta vez, trá-la-ia para casa. Estava ansioso por começar.

— Zoe! — gritou, sabendo que o prostituto de três dedos o conseguia ouvir. — Vou sair! Toma nota das visitas!

E sem outro pensamento, permitiu que a invocação o puxasse do salpico de tempo deslocado em que existia para a realidade.

Viajava através das linhas Ley, a mesma força da natureza que impedia que a gota de tempo em que existia desaparecesse. O choque da linha a derretê-lo até não ser mais do que um pensamento era uma dor a que estava habituado e foi com uma confiança maliciosa que se descobriu arrastado para um local bem no cimo das montanhas da Europa. Nunca sabia ao certo onde ia aparecer até lá chegar, mas isto? Algaliarept sorriu enquanto o ar limpo da montanha lhe enchia os pulmões que voltavam a ganhar forma, o fedor do âmbar queimado que se agarrava ao seu corpo substituído pelo cheiro sincero dos cavalos e das flores cultivadas. Aquilo era agradável.

O zumbido de um círculo de ligação tornava-se opressivo e Algaliarept viu-se num jardim escuro, rodeado por pinheiros negros e esvoaçantes borboletas azuis, o céu sobre ele mantendo ainda a luz cada vez mais fraca do pôr-do-sol. O círculo que o prendia era definido por pedras semipreciosas embutidas na relva pisada. Através da neblina de energia que o encurralava chegava-lhe o som de água a correr e de pássaros. Música. Uma pequena orquestra. Algo estava muito mal. E, quando os seus olhos se ergueram para a lua cheia que se erguia sobre os pinheiros fragrantes, o seu sorriso desvaneceu-se numa onda de preocupação. *Será que a cabra se vai casar?*

Uma tosse suave fê-lo virar-se.

— Ceridwen — disse, permitindo que uma ínfima parte da sua irritação manchasse as palavras, depois hesitou. Ceri estava lindíssima, numa poça de luz projectada por um candeeiro próximo, as borboletas azuis a esvoaçar à sua volta. — Ceri, estás excepcionalmente bela.

Maldita seja a colisão dos dois mundos, ela vai casar-se. Agora mesmo. Tinha demorado demasiado. Seria naquela noite ou nunca mais.

A mulher esguia e de cabelo claro, à sua frente, deslizou modestamente as mãos pelo vestido de casamento, branco e debruado com as cores da família, *bordeaux* e dourado. O cabelo claro estava preso no cimo da cabeça com excepção de algumas madeixas artisticamente soltas. Era pálida e fle-

xível, de grandes olhos verdes e queixo estreito. Quanto mais não fosse, seria única entre as mulheres, na sua maioria asiáticas, que enchiam o mercado de familiares de demónios e alcançaria um preço elevado. Contudo, não era por isso que a cortejava com tanto cuidado.

Ainda que os seus olhos estivessem baixos, num gesto de recato afectado, Ceri sabia que era linda, apreciava-o, acreditando, com alguma vaidade, que era por isso que Algaliarept lhe dedicava tanta atenção e era tão gentil. O demónio mantinha-a na ignorância do verdadeiro motivo por que continuara a submeter-se às suas invocações e pedidos de conhecimento quando qualquer outro teria sido recebido com raiva e ameaças, há muitos anos, pela audácia de ser demasiado esperto para ser apanhado e, como tal, o estar a fazer perder o seu tempo. Ceri tinha Dulciate por apelido. Tratava-se de um dos nomes de familiares mais desejados no reino dos demónios, ainda que, se o castelo atrás dela traduzisse o nível para que tinham caído os elfos, não restasse grande coisa sobre a qual exercer a vingança. Mesmo que fosse feia, podia render-lhe mais do que sete familiares hábeis. E ela era hábil, graças a ele… irritantemente esperta e cuidadosa. *Espero que não cuidadosa o suficiente*, pensou, cerrando as mãos envoltas no tecido branco e perfeito das luvas.

Atrás dela, sobre a relva aparada, encontrava-se uma mesa de pedra redonda, sobre a qual estavam espalhadas várias cartas de *tarot* douradas, claro indício de que se sentia perturbada. Ceri sabia que Algaliarept as tinha em pouca conta, tendo passado vários verões a tentar libertá-la do seu controlo, falhando ainda que as tivesse provado falsas, quando ela procurou os conselhos de uma potência em que ele não acreditava. Do outro lado do jardim erguia-se o castelo de muralhas cinzentas da sua família. Era deplorável, segundo os padrões asiáticos que ele apreciava, mas correspondia ao pináculo da sociedade naquele ermo cultural e supersticioso. Enquanto ele criava uma sociedade na Ásia, recorrendo à ciência; os seus rivais tinham inundado a Europa com superstições nas suas tentativas de alcançar os mesmos ganhos.

No passadiço elevado, grupos de mulheres, demasiado vestidas, mantinham-se de guarda, enquanto a escuridão se apoderava da paisagem e as borboletas azuis desapareciam. Como membro da casa real dos elfos, Ceridwen tinha o direito de invocar demónios, algo que era esperado e encorajado até que tomasse marido. A tradição ditava que a futura personagem reinante aprendesse tudo o que podia com o arcano. Da mesma forma, era esperado que o seu estatuto lhe garantisse a privacidade para o fazer sempre que quisesse. Assim, as suas damas agitadas aguardavam sob as luzes das tochas, segurando os cãezinhos de Ceri que latiam furiosamente. Sabiam do perigo e Algaliarept via uma deliciosa ironia no facto de ninguém lhes dar ouvidos.

Olhando-a com mais atenção, fitou a sua aura para descobrir se algum rival tinha tentado caçar a sua presa, o que explicaria os três meses de pausa. Contudo, a aura de Ceridwen estava tal como a tinha deixado; o seu azul original marcado por uma leve camada de fuligem demoníaca que era toda dele.

Vendo a rosa amarela na sua mão, despontou nos profundos olhos verdes uma pesada lágrima, inusitada naquela mulher emocionalmente equilibrada. Ceri baixou a cabeça quando a lágrima se libertou mas o orgulho fez com que a voltasse a levantar de imediato. De queixo erguido, Ceridwen olhou para as cartas de *tarot* atrás de si, começando a chorar ainda mais. As mãos

a saga de Rachel Morgan

A jovem e sexy Rachel Morgan é caçadora de prémios por profissão e bruxa por vocação. Vagueando pelas ruas da cidade, Rachel persegue criaturas sobrenaturais que caçam os habitantes mais inocentes e vulneráveis. Mas quando a noite esconde os maiores pesadelos imagináveis, uma personalidade forte e uma mão cheia de feitiços podem não ser suficientes para sobreviver.
Divertida, sensual e cheia de artimanhas, Rachel Morgan é uma bruxa cheia de feitiços que as leitoras não vão querer deixar de conhecer.

Para mais informações consulte www.saidadeemergencia.com

mantinham-se estoicamente ao lado do corpo, os punhos cerrados, enquanto ela se recusava a limpar as lágrimas.

Inferno e danação, é demasiado tarde, pensou Algaliarept, avançando um passo irado, mas parando quando a barreira atrás da qual Ceri o invocara zumbiu o seu aviso, familiar e malicioso.

— Amor, o que se passa? — perguntou, fingindo nada saber, ainda que, por dentro, continuasse a lutar. Não tinha trabalhado sete anos só para perder uma elfa Dulciate para o casamento! — Porque choras? Já te disse para não olhares para as cartas. Não fazem mais que mentir.

Abatida, Ceri virou-lhe as costas, mas os dedos pálidos que estendia para tocar nas cartas de *tarot* ainda estavam nus de ouro e Algaliarept sentiu uma centelha de esperança.

— Não sou o teu amor — disse, a voz temendo enquanto virava a carta dos amantes para esconder a sua face. — E o mentiroso és tu.

— Nunca te menti — disse. Maldição, não a ia perder para umas tolas cartas! Frustrado, Algaliarept tocou com a biqueira das botas na base do círculo, sentindo o seu poder a repeli-lo. Ceri nunca cometera qualquer erro na sua construção. Era algo que o deixava furioso mas que, ao mesmo tempo, fazia com que continuasse a regressar, semana após semana, ano após ano, e agora, por causa disso, ia perdê-la.

— Tinha de me despedir de ti — continuou como se ele não tivesse falado, o tom de voz suplicante enquanto tocava numa carta de limites dourados. — Eles disseram-me que não o fizesse, disseram-me que, com a responsabilidade do casamento, devia cortar todos os laços com o arcano.

Agitado, Algaliarept apertou a rosa até um espinho lhe rasgar a luva e a dor travar os seus movimentos.

— Despedir, meu amor? — Tinha de abalar o seu controlo… nem que fosse por um instante.

— Não sou o teu amor — sussurrou, mas os olhos estavam fixos nas cartas. Não havia outras iguais, tinham sido pintadas por um pintor italiano de segunda categoria que tentara incluir a família real na sua arte. Não ficara nada contente com o facto de Ceri ter sido retratada na carta da morte, sendo arrastada por um demónio.

— Ceri, tu és o meu amor não correspondido — disse, em tom sincero, testando a força do círculo até o fedor do cabedal queimado dos seus sapatos o ter feito afastar. — Diz-me que não te casaste. Não ainda. — Ele sabia que não, mas obrigá-la a dizer as palavras, fá-la-ia pensar.

— Não. — Foi um fraco sussurro e a jovem mulher fungou, estendendo uma mão para uma minúscula borboleta em busca de calor no dia que se desvanecia. Algaliarept só as vira em tamanha quantidade uma outra vez e era provável que o casamento tivesse sido planeado em redor daquelas criaturas belas e frágeis. Contudo, as borboletas gostavam de carne putrefacta tanto quanto de flores, de campos de batalha tanto quanto de jardins.

Algaliarept olhou para a rosa amarela na sua mão, os pensamentos ondulando ao som da música num crescendo de celebração. Rápido. Tinha de trabalhar depressa.

— Porque me magoas? — perguntou, apertando a mão até uma gota de sangue cair sobre ela, tornando toda a rosa de um escarlate brilhante. — Invocas-me apenas para me repelires? — O demónio deixou cair a rosa e ela ficou pálida, erguendo os olhos para a luva ensanguentada. — Para te despedires? — acusou, permitindo que a raiva que sentia colorisse a sua voz. — Os sete anos que partilhámos nada significam para ti? As coisas que te ensinei, a música, as ideias que partilhámos sobre o mar? Tudo isso nada significa? Eu era apenas o teu demónio, um bicho de estimação? Nada mais?

Aflita, Ceridwen fitou-o, as borboletas esquecidas.

— Não me fales de amor. Não passam de palavras belas para me aprisionar — sussurrou, mas sob a sua infelicidade havia um desejo desesperado que ele ainda não compreendera. Havia ali mais do que ela estava a dizer. Poderia ela sentir-se infeliz com o casamento? Seria aquela a chave para minar o seu controlo?

— Como me aprisionaste a mim! — exclamou, afastando a mão num gesto repentino, ao queimar intencionalmente a mão na barreira que os separava. A excitação correu através dele quando ela estendeu um braço, revelando por breves instantes a sua preocupação por ele. — Ceridwen — implorou, a respiração acelerada —, vi-te crescer, de uma menina tímida e assustadiça para uma mulher devidamente orgulhosa, impetuosa e pronta para assumir a responsabilidade pelo seu povo. Eu estava lá quando os outros se tornaram distantes, ciumentos das tuas capacidades. Não estava à espera de ficar a gostar de ti. Não tenho sido um cavalheiro? Não me tenho submetido a todos os teus caprichos?

Os olhos verdes, cheios de infelicidade, fixaram-se nos de Algaliarept.

— Tens. Porque te prendi no meu círculo.

— Tê-lo-ia feito, mesmo que não me tivesses prendido! — disse violentamente, olhando em seguida para o céu que escurecia, como se procurasse as palavras certas, ainda que o que ia dizer já o tivesse dito a muitíssimos outros. Contudo, desta vez, as palavras eram sentidas. — Ceri, és tão rara, nem sequer o percebes. Estás tão para lá de todos os daqui devido ao que partilhei contigo. O homem que espera por ti… Não poderá satisfazer as tuas necessidades intelectuais. Quando ouço as tuas invocações, o meu coração salta, e venho de imediato, um escravo voluntário.

— Eu sei.

Foi uma afirmação fraca e a pulsação de Algaliarept acelerou. Tinha-o descoberto. Aquele era o caminho para a sua queda. Ela não desejava o marido.

— E agora vais abandonar-me — sussurrou.

— Não — protestou ela, mas ambos sabiam que a tradição ditava que assim não fosse.

— Vais casar — afirmou e ela abanou a cabeça, desesperada, enquanto os pés minúsculos pisavam as pedras, aproximando-se face à necessidade de o negar.

— O facto de estar casada não significa que não te vá invocar. As nossas conversas poderão continuar.

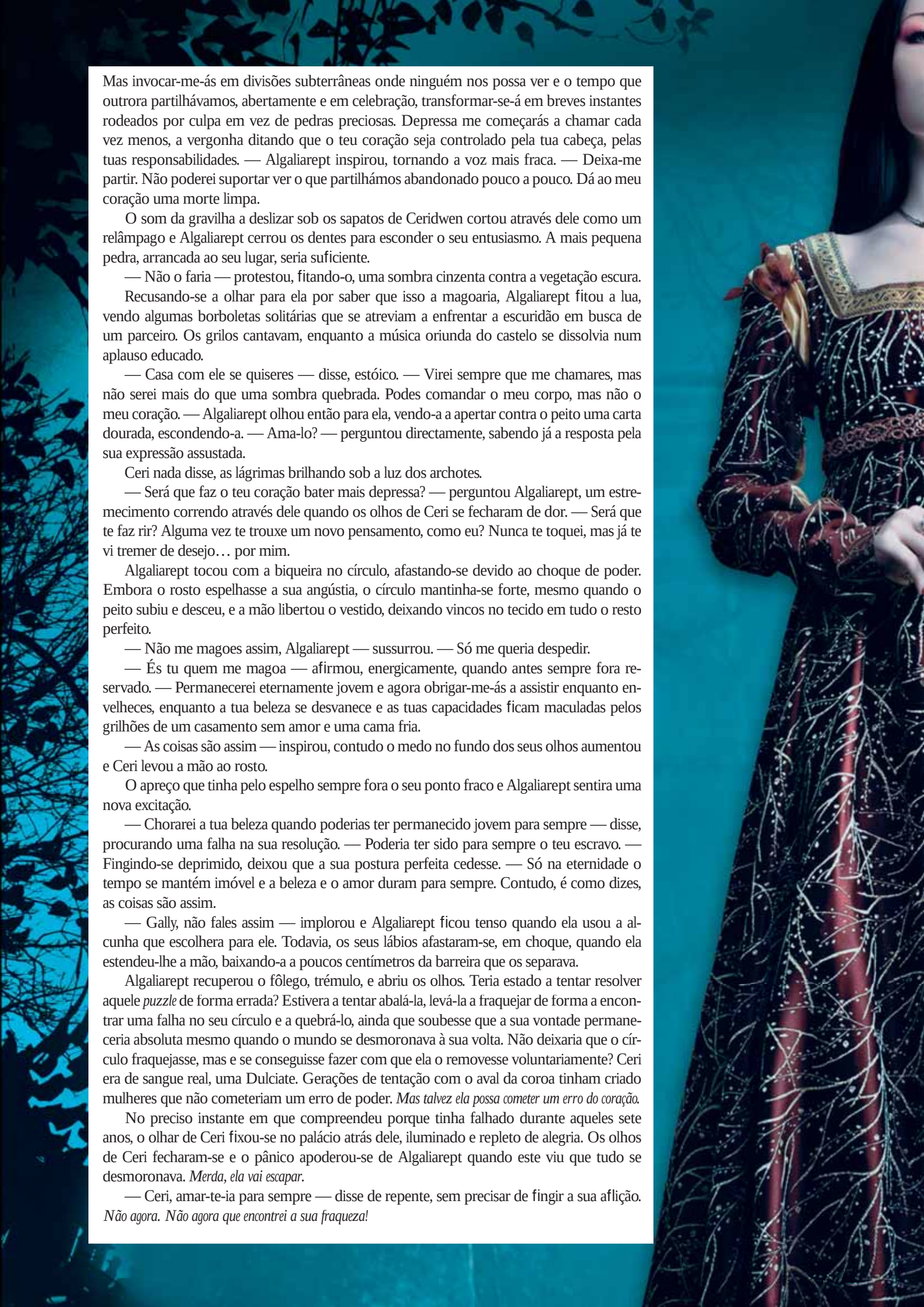
Fingindo desalento, Algaliarept virou-lhe as costas, quase não reparando nos jardins cuidados que se iam tornando mais escuros e húmidos.

— Vais abandonar-me — disse, o queixo erguido enquanto analisava o círculo e constatava que permanecia perfeito.

Ainda que fosse um demónio e pudesse esmagar um exército inteiro com uma única palavra, a força das invocações era tal que um simples círculo o podia conter. Tinha de a perturbar o suficiente para que cometesse um erro que lhe permitisse quebrar o círculo. Até lá, nada para além do som e do ar poderia atravessar a barreira.

Inspirando roucamente, baixou a cabeça, mantendo as mãos atrás das costas.

— Começarás cheia de boas intenções — disse em tom monocórdico. —



Mas invocar-me-ás em divisões subterrâneas onde ninguém nos possa ver e o tempo que outrora partilhávamos, abertamente e em celebração, transformar-se-á em breves instantes rodeados por culpa em vez de pedras preciosas. Depressa me começarás a chamar cada vez menos, a vergonha ditando que o teu coração seja controlado pela tua cabeça, pelas tuas responsabilidades. — Algaliarept inspirou, tornando a voz mais fraca. — Deixa-me partir. Não poderei suportar ver o que partilhámos abandonado pouco a pouco. Dá ao meu coração uma morte limpa.

O som da gravilha a deslizar sob os sapatos de Ceridwen cortou através dele como um relâmpago e Algaliarept cerrou os dentes para esconder o seu entusiasmo. A mais pequena pedra, arrancada ao seu lugar, seria suficiente.

— Não o faria — protestou, fitando-o, uma sombra cinzenta contra a vegetação escura.

Recusando-se a olhar para ela por saber que isso a magoaria, Algaliarept fitou a lua, vendo algumas borboletas solitárias que se atreviam a enfrentar a escuridão em busca de um parceiro. Os grilos cantavam, enquanto a música oriunda do castelo se dissolvia num aplauso educado.

— Casa com ele se quiseres — disse, estóico. — Virei sempre que me chamares, mas não serei mais do que uma sombra quebrada. Podes comandar o meu corpo, mas não o meu coração. — Algaliarept olhou então para ela, vendo-a a apertar contra o peito uma carta dourada, escondendo-a. — Ama-lo? — perguntou directamente, sabendo já a resposta pela sua expressão assustada.

Ceri nada disse, as lágrimas brilhando sob a luz dos archotes.

— Será que faz o teu coração bater mais depressa? — perguntou Algaliarept, um estremecimento correndo através dele quando os olhos de Ceri se fecharam de dor. — Será que te faz rir? Alguma vez te trouxe um novo pensamento, como eu? Nunca te toquei, mas já te vi tremer de desejo… por mim.

Algaliarept tocou com a biqueira no círculo, afastando-se devido ao choque de poder. Embora o rosto espelhasse a sua angústia, o círculo mantinha-se forte, mesmo quando o peito subiu e desceu, e a mão libertou o vestido, deixando vincos no tecido em tudo o resto perfeito.

— Não me magoes assim, Algaliarept — sussurrou. — Só me queria despedir.

— És tu quem me magoa — afirmou, energicamente, quando antes sempre fora reservado. — Permanecerei eternamente jovem e agora obrigar-me-ás a assistir enquanto envelheces, enquanto a tua beleza se desvanece e as tuas capacidades ficam maculadas pelos grilhões de um casamento sem amor e uma cama fria.

— As coisas são assim — inspirou, contudo o medo no fundo dos seus olhos aumentou e Ceri levou a mão ao rosto.

O apreço que tinha pelo espelho sempre fora o seu ponto fraco e Algaliarept sentira uma nova excitação.

— Chorarei a tua beleza quando poderias ter permanecido jovem para sempre — disse, procurando uma falha na sua resolução. — Poderia ter sido para sempre o teu escravo. — Fingindo-se deprimido, deixou que a sua postura perfeita cedesse. — Só na eternidade o tempo se mantém imóvel e a beleza e o amor duram para sempre. Contudo, é como dizes, as coisas são assim.

— Gally, não fales assim — implorou e Algaliarept ficou tenso quando ela usou a alcunha que escolhera para ele. Todavia, os seus lábios afastaram-se, em choque, quando ela estendeu-lhe a mão, baixando-a a poucos centímetros da barreira que os separava.

Algaliarept recuperou o fôlego, trémulo, e abriu os olhos. Teria estado a tentar resolver aquele *puzzle* de forma errada? Estivera a tentar abalá-la, levá-la a fraquejar de forma a encontrar uma falha no seu círculo e a quebrá-lo, ainda que soubesse que a sua vontade permaneceria absoluta mesmo quando o mundo se desmoronava à sua volta. Não deixaria que o círculo fraquejasse, mas e se conseguisse fazer com que ela o removesse voluntariamente? Ceri era de sangue real, uma Dulciate. Gerações de tentação com o aval da coroa tinham criado mulheres que não cometeriam um erro de poder. *Mas talvez ela possa cometer um erro do coração.*

No preciso instante em que compreendeu porque tinha falhado durante aqueles sete anos, o olhar de Ceri fixou-se no palácio atrás dele, iluminado e repleto de alegria. Os olhos de Ceri fecharam-se e o pânico apoderou-se de Algaliarept quando este viu que tudo se desmoronava. *Merda, ela vai escapar.*

— Ceri, amar-te-ia para sempre — disse de repente, sem precisar de fingir a sua aflição. *Não agora. Não agora que encontrei a sua fraqueza!*

— Gally, não — soluçou, enquanto as lágrimas caíam e as minúsculas borboletas azuis subiam e desciam à sua volta.

— Não me voltes a chamar isso! — exigiu, as palavras jorrando dele sem pensamento ou planeamento. — Vai para a tua cama fria. Morre velha e feia! Tornar-te-ia mais sábia do que todos os habitantes da terra, manter-te-ia bela, ensinar-te-ia coisas que os eruditos e os mestres nunca sonharam sequer. Sobreviverei sozinho, indiferente, o coração gelado devido ao amor que me ensinaste. Teria sido preferível nunca te ter conhecido. — Algaliarept olhou para Ceri quando esta deixou escapar um soluço. — Eu estava feliz como estava.

— Perdoa-me — gaguejou Ceri, curvada pela dor. — Nunca foste apenas o meu demónio.

— Está feito — disse, provocando uma quebra na voz. — Não é como se alguma vez tivesse pensado que confiavas em mim, mas mostrares-me o céu, apenas para o entregares a outro homem? Não o posso suportar.

— Gally…

Algaliarept ergueu a mão e a voz dela desapareceu num soluço.

— Já são três vezes que dizes o meu nome — disse, esmagando a rosa agora vermelha sob o pé. — Deixa-me partir ou confia em mim. Baixa esta muralha para que possa, pelo menos, ter a memória do teu toque para me consolar enquanto choro no inferno por te ter perdido ou parte simplesmente. Não quero saber. Já estou partido.

O rosto fixo numa expressão de sofrimento angustioso, Algaliarept voltou a virar-lhe as costas, movendo os ombros como se tentasse encontrar uma nova postura. Atrás de si, ouviu um único soluço e, depois, nada quando ela conteve a respiração. Não ouviu o som dos seus chinelos, a correr para longe, nem sentiu qualquer alteração no círculo que o rodeava, por isso sabia que ela ainda lá estava. Sentiu que a pulsação acelerava e obrigou a sua respiração a parecer fraca. Estava a tentar seduzir a cabra mais resoluta a quem alguma vez ensinara uma maldição e amava-a. Ou antes, amava não saber o que ela faria a seguir, a complexidade dos seus pensamentos que ainda não conseguira compreender — uma jóia irresistível num mundo onde tinha tudo.

— Ama-lo? — perguntou, acrescentando as últimas pinceladas à sua obra-prima.

— Não — sussurrou ela.

As mãos de Algaliarept estremeceram quando a adrenalina correu através do seu corpo, mas o demónio permaneceu absolutamente imóvel. Teria dado muito para saber que carta apertava ela nas suas mãos.

— Amas-me? — perguntou, chocado por perceber que nunca antes tinha usado aquelas palavras em especial para seduzir um familiar.

O silêncio foi longo, mas atrás dele ouviu-se um suave:

— Sim. Deus me ajude!

Algaliarept fechou os olhos. A respiração fê-lo estremecer, a excitação que mantinha escondida correndo através de si como uma linha Ley viva, ardendo. Iria ela baixar o círculo? Ele não sabia. E quando sentiu na mão um leve toque, saltou, apenas para descobrir uma borboleta que agitava, levemente, as suas asas.

Uma borboleta? Pensou, chocado, e então compreendeu. Ceri tinha quebrado o círculo de invocação e ele nem sequer o sentira cair. *Oh, Deus*, pensou, uma explosão de algo próximo do êxtase fazendo os joelhos ceder quando se virou, descobrindo-a à sua frente, nervosa e esperançosa ao mesmo tempo. Ceri tinha-lho permitido. Nunca se tinha apoderado assim de alguém. Não se parecia com nada que antes tivesse sentido, era debilitante.

— Ceri — sussurrou, vendo-a sem o brilho do seu poder a separá-los. Os olhos dela eram lindos, a pele com uma tonalidade dourada em que nunca tinha reparado. E o rosto… Estava a chorar e ele estendeu o braço, incrédulo quando passou a mão enluvada por baixo do olho dela, fazendo com que Ceri lhe dirigisse um sorriso inseguro. Era um sorriso de esperança e medo.

E la devia ter medo.

— Gally? — perguntou Ceri, hesitante.

— Amas-me realmente? — perguntou-lhe o demónio, enquanto as borboletas os rodeavam atraídas pelo cheiro a âmbar queimado e ela acenou, fitando-o, à medida que as lágrimas deslizavam pelo rosto e, hesitante, Ceri se deixava envolver pelos seus braços. — Então és uma cabra estúpida.

Arquejando, Ceri levantou a cabeça. Empurrando-o, tentou escapar, mas era demasiado tarde. Rindo em silêncio, Algaliarept envolveu-lhe o pescoço com o braço, agarrando-lhe o cabelo com a mão livre, e arrastou-a até à linha Ley mais próxima.

— Larga-me! — gritou e, recompondo-se, exclamou — *Celero inanio!* —, soluçando ao lançar contra ele toda a força da linha Ley mais próxima.

Com um rápido pensamento, Algaliarept desviou a maldição incendiária, soltando uma gargalhada quando centelhas de luz brilharam, revelando o local onde as borboletas azuis se incendiavam antes de caírem na relva molhada pelo orvalho. Nos seus braços, Ceri hesitou na luta, chocada por ele ter usado a sua magia para matar algo que amava.

— Volta a fazer isso e queimo qualquer coisa que dobre

aquela esquina — encorajou, enrolando os seus cabelos na mão fechada, até ela lhe começar a bater com os punhos minúsculos.

— Mentiste! Mentiste-me! — exclamou Ceri, iracunda.

— Não fiz nada disso — respondeu-lhe Algaliarept, segurando-a perto do si e arrastando-a para fora do círculo para que as pessoas que agora acorriam aos seus gritos não o conseguissem encurralar. — Vou manter-te para sempre jovem e ensinar-te tudo o que sei, tal como prometido. — Ceri arquejava, a sua luta mais fraca, enquanto esperava pela ajuda que não seria capaz de a libertar. Fechando os olhos, cheirou-lhe o cabelo. — E vou amar-te — sussurrou-lhe ao ouvido, quando ela começava a rezar a um deus

> Apesar das suas negações e gritos, desejara-o. Desejara-o a ele. Era a sua pequena borboleta azul em busca de carne putrefacta.

indiferente em que ele lhe ensinara a não acreditar. — Vou amar-te até te deixar às portas da morte, depois vou amar-te um pouco mais.

Sentindo a antecipação a crescer dentro de si, levou a mão ao interior da sua coxa. Assim que os dedos lhe tocaram, Ceri gritou, lutando por se libertar. Um sorriso feroz abriu-se no rosto do demónio e o sangue pulsou-lhe nas virilhas. Aquilo ia ser tudo o que desejara. Uma distração que duraria tanto tempo quanto quisesse.

— Deixa-me transportar-te para a minha cama, para que possamos começar a tua educação — disse, enquanto os archotes ondulantes se aproximavam.

— Não! — gritou ela, estremecendo enquanto o seu penteado se desmanchava e lhe caía em redor do rosto. Parecia ainda mais desejável, as cores vivas e a raiva a cintilar nos olhos.

— Resposta errada — disse, inundando-a com a força da linha.

Ceri abriu os olhos, os lábios pequenos afastaram-se revelando os dentes perfeitos. Arquejando, mordeu o lábio, tentando não gritar. Quase desmaiava, mas Algaliarept libertou a linha quando a sentiu fraquejar. O facto de ela se recusar a gritar fê-lo sorrir. Ceri gritaria antes do fim e descobrir o seu ponto de rutura seria… maravilhoso.

— Estou-te a dar tudo o que queres — sussurrou-lhe ao ouvido, quando ela voltou a ser capaz de pensar, pendendo das suas mãos, ofegante. — Tudo e mais ainda, Ceri. Deixa-me levar-te. — Podia deixá-la inconsciente e levá-la pela força, mas se ela cedesse por completo… seria mais do que qualquer outra coisa que alguma vez alcançara.

Os archotes ondulantes dobraram a esquina, os pequenos cães latiam nos braços das mulheres demasiado vestidas.

— Parem! Por amor de Deus, parem! — gritou ela e Algaliarept sentiu uma nova explosão de satisfação. Destruir a sua vontade preencheria todas as suas necessidades.

Um jovem vestido de branco e dourado abriu caminho por entre as mulheres, cambaleando até parar, o choque visível no seu rosto perfeito. Os nobres que o seguiam soltaram um grito choroso e muitos foram os que lhes viraram costas e fugiram.

O noivo de Ceri era perfeito, concluiu amargamente Algaliarept, enquanto a segurava com força. O homem à sua frente complementava-a em todos os aspetos, esbelto, louro… tudo o que Algaliarept não era. E depois Algaliarept sorriu: ela desdenhara a perfeição élfica para ficar com ele.

Os lábios do homem afastaram-se, horrorizados, quando os dedos de Algaliarept penetraram mais profundamente por entre o cabelo de Ceri, puxando-lhe a cabeça para cima por forma a expor o pescoço comprido ao seu olhar. Ainda assim, Ceri fitava o noivo, o rosto corado, enquanto os pulmões se esforçavam por respirar. Virando-se, o príncipe chamou pelos mágicos.

Ao ver as suas costas, Ceri abriu a mão e a carta que tinha segurado contra si caiu ao chão. Algo em Algaliarept faiscou quando a carta do diabo caiu sobre a relva aparada. O ouro dobrado brilhava sob a luz dos archotes, mas era fácil distinguir a bela donzela a ser arrastada por um feio demónio de pele vermelha.

— Leva-me — sussurrou ela, quando os três mágicos surgiram, cambaleantes, na clareira, assustados mas determinados.
— Não quero envelhecer. Tu és o meu demónio.

Com a sua aquiescência, tudo terminou. Sete anos de trabalho árduo culminaram num riso satisfeito que fez empalidecer o jovem noivo. Contudo, este não se moveu para a salvar.

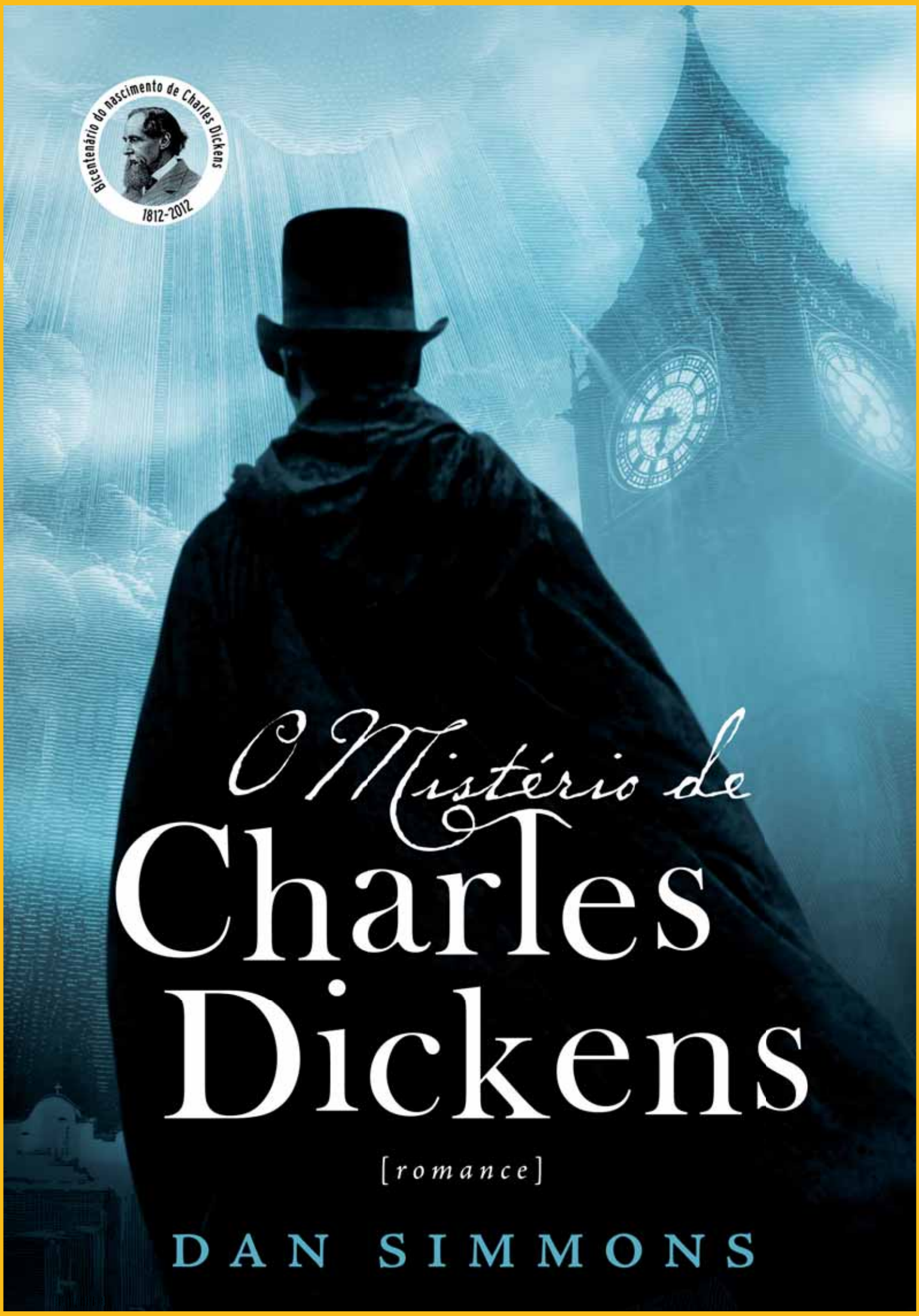
— Não a mereces — disse Algaliarept e, então, enquanto os mágicos se moviam, o demónio pensou em partir. Os cães que latiam, as mulheres que choravam, tudo desapareceu na escuridão limpa do pensamento. Ao viajar através das linhas até à gota de tempo que tinha sido projectada pelo próprio espaço, Algaliarept tocou-lhe na alma, percorreu com os dedos a sua aura e sentiu-a contorcer-se. Ceri desejara-o. Apesar das suas negações e gritos, desejara-o. Desejara-o a ele. Era a sua pequena borboleta azul em busca de carne putrefacta.

Não chores, Ceri, pensou, sabendo que ela o tinha ouvido quando a sua mente pareceu estremecer.

Ia mantê-la como sua familiar. Transformar a elfa Dulciate numa montra dos seus talentos. Nunca ninguém acompanhara de livre vontade um demónio. Algaliarept era um artista e destruí-la, para a transformar a seu bel-prazer, seria a sua mais fina obra-prima.

Até encontrar alguém um pouco mais dotado, claro, pensou, sabendo que não era provável que tal viesse a acontecer nos próximos… quiçá, mil anos. **BANG!**

Kim Harrison nasceu no Midwest, EUA, e ganhou fama com a sua série de fantasia urbana Rachel Morgan, sobre as aventuras de uma bruxa detetive. Após o sucesso do seu primeiro livro, *Uma Bruxa em Apuros*, Kim Harrison passou a dedicar-se a tempo inteiro à escrita. É membro do Romance Writers of America e Science Fiction and Fantasy Writers of America. Vive atualmente na Carolina do Sul.


Bicentenário do nascimento de Charles Dickens
1812-2012
O Mistério de
Charles
Dickens
[romance]
DAN SIMMONS

Em palavra tradutor...

jorge colaço

O Mistério de Charles Dickens (*Drood*, no original), de Dan Simmons, que a Saída de Emergência acaba de publicar e que tive o privilégio de traduzir, constrói-se desde o início como uma memória, narrada na primeira pessoa, por Wilkie Collins (1824-1889), o autor de *A Mulher de Branco*, romance fantástico e simultaneamente uma das obras pioneiras do género policial. Os destinatários dessa memória somos nós, leitores de hoje, cento e vinte e cinco anos após a morte do narrador, a quem este, à boa maneira da época, constantemente apela e increpa, dirigindo-se-nos directamente. E a primeira questão que coloca tem precisamente que ver com a fama literária. Collins sabe que alguns de nós teremos ouvido falar dele, ou mesmo lido algum livro seu, mas que muitíssimos mais conhecerão, terão lido e venerado o seu amigo Charles Dickens.

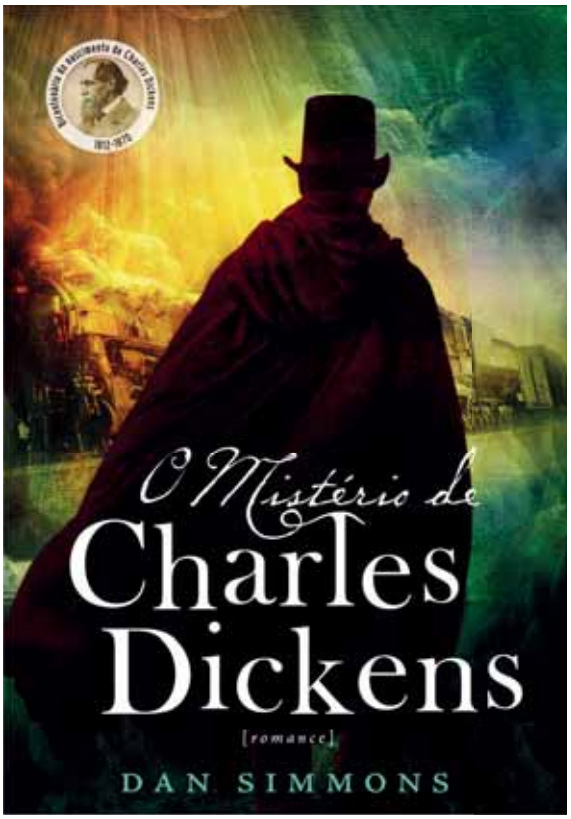
Este sentimento de injustiça e de «inferioridade» marcará toda esta memória narrativa, e a suspeita de que esse desnivelamento se terá perpetuado na nossa própria percepção dos dois autores leva a que Collins se vá progressivamente zangando connosco, passando de um amável tratamento por «Caro Leitor» a um ríspido «Leitor» ou «Leitor Infiel», já não caro.

Entre um e outro momento, passa em revista os últimos anos da vida de Dickens, entre 1865, ano em que Dickens sofre um acidente ferroviário (quando viajava com a amante e a mãe desta), e a sua morte, em 1870, adicionando abundantes informações sobre os anos precedentes da vida daquele autor. É a história de uma amizade íntima, fraterna, feita de camaradagem literária e de aproximação familiar (uma das filhas de Dickens, Katey, casara com o ilustrador Charles Collins, irmão de Wilkie). Mas é, simultânea e paradoxalmente, a história de um progressivo afastamento. É que, no acidente de Staplehurst, Dickens depara com um figura espectral, Drood, que a partir daí o irá obcecar e destruir.

Não se trata aqui de mais uma tentativa de dar solução ao romance que Dickens deixou inacabado ao morrer, *O Mistério de Edwin Drood*. Nada disso. Aqui, a figura de Drood não é a personagem ficcional, mas sim a matriz dela. A ficção da realidade por trás da ficção, portanto. Ela cria uma realidade, ou uma irrealidade, em que a vida de Dickens se entrelaça (e não são poucas as reflexões que *O Mistério de Charles Dickens* oferece sobre as ligações entre ficção e realidade). Tal como, aliás, a fantasia narrativa de Simmons se entrelaça, magistralmente, diga-se, na apresentação histórico-biográfico-literária de Dickens e do próprio Wilkie Collins.

E este é, desde logo, um dos aspectos interessantes do livro. Ele situa-nos de forma admirável na Londres desses anos, cobrindo-a dos tons escuros e dos cheiros nauseabundos que lhe eram característicos, e cuja sordidez nós conhecemos precisamente através dos romances de Dickens. Poderíamos dizer, então, que Simmons não se limita, por intermédio de Wilkie Collins, a relatar factos da vida de Dickens, a introduzir-nos no seu universo pessoal, mas também nos apresenta o seu universo literário, quer através de numerosas alusões directas e análises aos seus livros e personagens, quer através da incursão na sua geografia, na sua paisagem e nos seus *leit-motifs*.

Ao mesmo tempo que Wilkie Collins nos vai introduzindo no ambiente Dickensiano, tanto o literário como o vivido, introduz-nos também na sua própria privacidade (na sua dupla vida amorosa, como os seus momentos de tragicomédia, por exemplo) e nos particularismos da sua visão do mundo, que atravessam, naturalmente, a sua própria ficção. E aqui deve salientar-se outro aspecto deveras importante: Simmons é de uma fidelidade a toda a prova em relação à informação biográfica sobre estes dois escritores e amigos, que é até, algumas vezes, documentalmente apoiada. Os leitores poderão confiar na informação,



Capa do Volume II de
"O Mistério de Charles Dickens"

Embora sendo um escritor pertencente à Era Vitoriana, a obra de Charles Dickens ultrapassou largamente o seu tempo, língua e cultura. Permanece como uma das maiores influências no mundo, deixando a sua marca no cinema, televisão, arte e literatura. Os seus clássicos, demasiado numerosos para caberem em poucas linhas, ainda hoje gozam de imensa popularidade.

Wilkie Collins, embora não tendo alcançado uma fama tão duradoura, não era um escritor de menosprezar. É lembrado por algumas excelentes obras pioneiras, como *Woman in White* ou *The Moonstone*, que abriram o caminho para os romances detectivescos ou mistérios policiais.

ao pormenor, sobre os hábitos, as relações, os amigos, os locais, a família, as viagens, os desvarios, as duplicidades e segredos de um e de outro. Aliás, essa confiança é, como o leitor do romance perceberá, absolutamente essencial para a criação da verosimilhança da intriga romanesca entretecida nas malhas desse real histórico.

Mas não nos poderemos esquecer nunca de que esta é uma narrativa subjectiva e que mesmo o real histórico é narrado do ponto de vista de uma das personagens, Wilkie Collins, e que essa narrativa se centra (mesmo quando é Drood que ocupa o centro das atenções) na questão do desequilíbrio entre a fama pessoal e literária de Dickens e a menorização relativa do talento de Collins. Este tem uma enorme admiração pelo autor que todos veneram, mas conhece também os seus segredos, os seus tiques e manias, as suas artimanhas e as suas sombras, embora, como no fim revela: «… Deus me ajude, amei Charles Dickens. Amei o seu riso súbito e contagiante, e as suas absurdezes infantis, e as histórias que ele contava, e a sensação –quando se estava com ele –de que cada instante era importante. Odiava o seu génio –esse génio que, quando estava vivo, me eclipsava a mim e à minha obra, e o qual –estou certo disso, Leitor Infiel –me eclipsará ainda mais no seu futuro inalcançável».

Elias Canetti, que não tem nada que ver com isto, escreveu uma vez que «dos superlativos emana um poder de destruição». Ora, em ano de comemorações Dickensianas e numa época muito dada ao superlativo fácil, este livro tem uma dimensão assaz reconfortante ao colocar dois escritores, amigos e rivais, que nem sempre foram modelos de virtude, numa trama que põe em confronto os lados solar e nocturno de cada um deles. E fá-lo através de uma fantasia, cujas regras domina em absoluto, deliciosa e minuciosamente incrustada na época e na vida de ambos. *O Mistério de Charles Dickens* torna-se, assim uma indubitável homenagem de Dan Simmons a dois grandes mestres seus e da sua arte. E uma homenagem a que não falta um extraordinário sentido de humor.

E, de caminho, dá-nos a ver como são velhos certos temas que hoje ainda estruturam as nossas discussões: por exemplo, a complexa simplicidade da articulação entre a vida e a literatura, sempre presente e sempre problemática, entre os desvarios privados e a compostura pública, entre as fantasmagorias íntimas e a sua racionalização, entre o estilo e a falta dele, entre a sobriedade e o delírio, entre a realidade e a irrealidade, entre as veredas de uma literatura de intenção, programática, e a estrada mais larga de uma escrita plástica.

Ou, ainda por exemplo, a oposição entre a popularidade por via do número de exemplares vendidos e a popularidade por via do prestígio do autor. Estamos na época em que os romances se publicavam em folhetim antes da primeira impressão em livro e a sua escrita se realizava ao ritmo de uma regular e metódica divisão em episódios. E Collins, orgulhando-se do facto de alguns dos seus folhetins venderem mais do que os de Dickens alguma vez tinham vendido, observa, como uma queixa, que isso não o tornara a ele mais popular e acreditado do que Dickens.

É pois nesta tensão de amizade e rivalidade que decorre a acção deste romance de Dan Simmons, ao longo de quase oitocentas páginas, um precioso veículo de informação de época, da mais variada natureza, uma homenagem muito tocante aos dois escritores e, *the last but not the least*, uma envolvente teia de mistérios inquietantes (e personagens tão extraordinárias como Dradles), com um desfecho que não se deixa antever. E não me parece nada pouco. **BANG!**

Jorge Colaço (n. 1956), tradutor e editor. Foi professor de Língua e Literatura Portuguesa e, mais tarde, criou e coordenou um curso de Redacção, Revisão e Copyright. Foi coordenador editorial da *Enciclopédia Verbo* para a área de Humanidades, entre 1992-2003, e, entre 2004 e 2009, dos volumes *Annualia*. Autor de vários textos, publicados e por publicar, como *Pequeno Guia de Materiais* (poesia) e *O Professor de Latim de Cesário Verde* (fragmentos), para além de colaboração dispersa em revistas, jornais e blogues.

Ele é um bastardo com sangue real.
Ele é um assassino com poderes malditos.
Ele é a única esperança para um reino caído em desgraça.

Recomendado por

GEORGE R.R. MARTIN

QUANDO TERMINAR "A GUERRA DOS TRONOS" JÁ SABE O QUE LER

"Uma obra-prima da fantasia épica."
GEORGE R.R. MARTIN

I WANT YOU PARA A REVISTA BANG!

SE TENS TALENTO E VONTADE DE SER PUBLICADO

QUER PARTICIPAR NA REVISTA BANG!?

A revista Bang! aceita submissões que se enquadrem no género fantástico nas categorias de ficção e não-ficção (ensaios, críticas literárias, entrevistas). Os textos deverão ser inéditos, em formato rtf, com limite não superior a 6000 palavras, e podem ser enviados para o e-mail bang@saidadeemergencia.com

Artistas também poderão submeter portfolios à apreciação da editora.

CONTAMOS COM A VOSSA PARTICIPAÇÃO!

Vale 5€

na compra de cada um destes livros

saga do predador da noite

SHERRILYN KENYON

Promoção válida nos títulos identificados de 23 Julho a 31 Outubro de 2012. Desconto não reembolsável, total ou parcialmente, nem acumulável ou passível de ser trocado por numerário ou Cartão Oferta Fnac. Não acumulável com outros descontos ou vales (exceto desconto imediato de 10% para aderentes). Válido em todas as lojas Fnac de Portugal e em www.fnac.pt/bangfantastico. Para compras em www.fnac.pt, introduza o código *predadordanoite* no campo "Código Promocional" no 1º ou no 5º passo no Cesto de Compras.

Vale 5€

na compra de cada um destes livros

MERCY THOMPSON

PATRICIA BRIGGS

Promoção válida nos títulos identificados de 23 Julho a 31 Outubro de 2012. Desconto não reembolsável, total ou parcialmente, nem acumulável ou passível de ser trocado por numerário ou Cartão Oferta Fnac. Não acumulável com outros descontos ou vales (exceto desconto imediato de 10% para aderentes). Válido em todas as lojas Fnac de Portugal e em www.fnac.pt/bangfantastico. Para compras em www.fnac.pt, introduza o código *mercythompson* no campo "Código Promocional" no 1º ou no 5º passo no Cesto de Compras.

Vale 5€

na compra de cada um destes livros

ELFO NEGRO

A Lenda de Drizzt

R.A. SALVATORE

Promoção válida nos títulos identificados de 23 Julho a 31 Outubro de 2012. Desconto não reembolsável, total ou parcialmente, nem acumulável ou passível de ser trocado por numerário ou Cartão Oferta Fnac. Não acumulável com outros descontos ou vales (exceto desconto imediato de 10% para aderentes). Válido em todas as lojas Fnac de Portugal e em www.fnac.pt/bangfantastico. Para compras em www.fnac.pt, introduza o código *elfonegro* no campo "Código Promocional" no 1º ou no 5º passo no Cesto de Compras.

Vale 5€

na compra de cada um destes livros

Casa da Noite

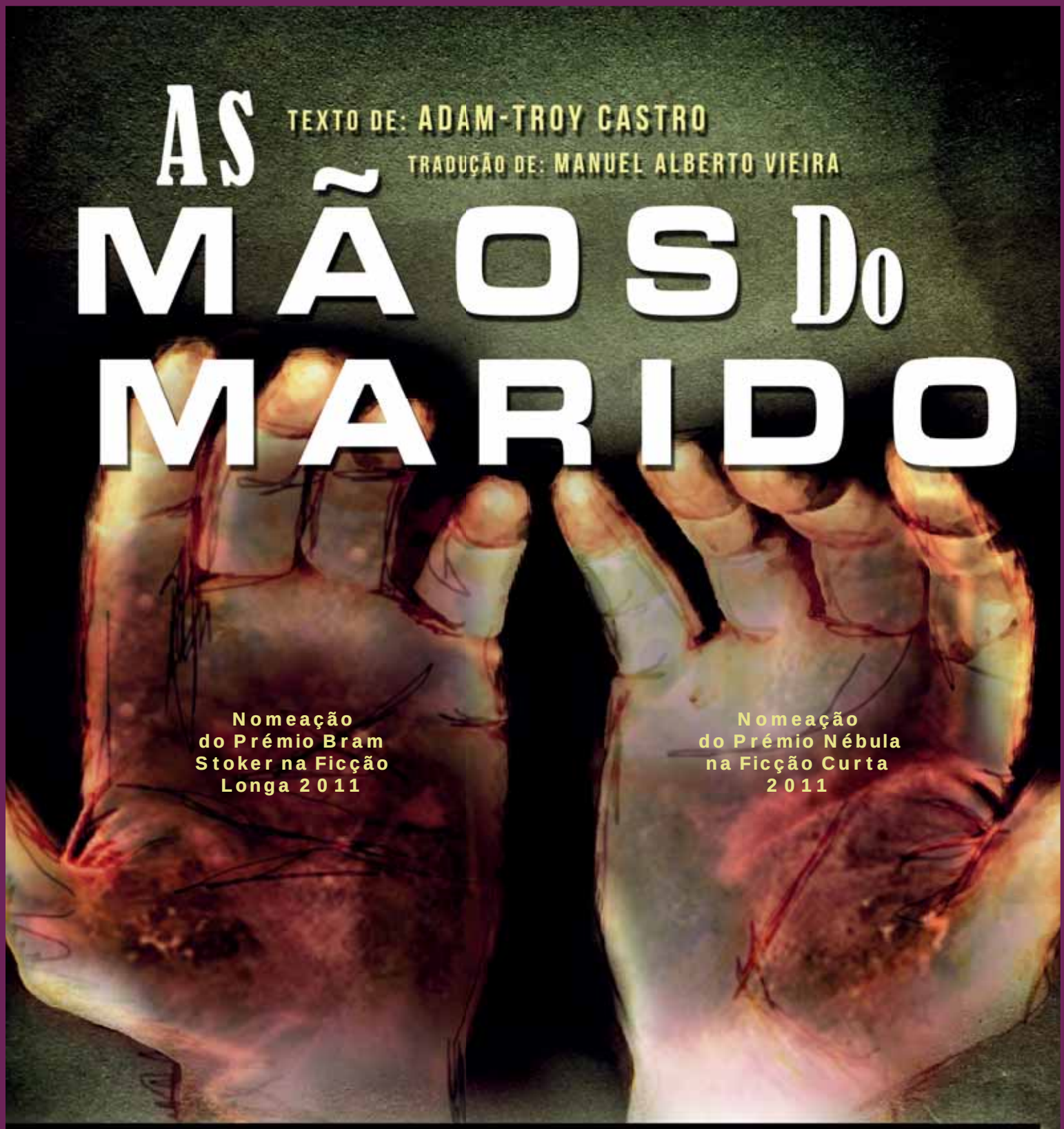
P.C. CAST + KRISTIN CAST

Promoção válida nos títulos identificados de 23 Julho a 31 Outubro de 2012. Desconto não reembolsável, total ou parcialmente, nem acumulável ou passível de ser trocado por numerário ou Cartão Oferta Fnac. Não acumulável com outros descontos ou vales (exceto desconto imediato de 10% para aderentes). Válido em todas as lojas Fnac de Portugal e em www.fnac.pt/bangfantastico. Para compras em www.fnac.pt, introduza o código *casadanoite* no campo "Código Promocional" no 1º ou no 5º passo no Cesto de Compras.

AS MÃOS DO MARIDO

TEXTO DE: ADAM-TROY CASTRO

TRADUÇÃO DE: MANUEL ALBERTO VIEIRA



Nomeação do Prémio Bram Stoker na Ficção Longa 2011

Nomeação do Prémio Nébula na Ficção Curta 2011

As mãos do marido chegaram a casa numa sexta-feira. Rebecca fora informada do ataque, que roubara a vida a sete outros soldados da sua unidade e reduzira três outros a fracções mínimas idênticas: Um homem desaparecido da cintura para cima, outro da cintura para baixo, um terceiro dividido em duas partes iguais, como um homem bissectado em exposição num laboratório de anatomia.

A Administração dos Veteranos dissera-lhe que podia ter sido pior. O oficial de notificações relembrara-lhe o caso de Tatum, a filha do vizinho tão completamente expungida no momento em que ela própria estivera sob fogo que apenas restara uma tira de pele e músculo: Um fragmento da sua coxa, com a dimensão e a forma aproximadas de um maço de cigarros, devolvido aos pais numa caixa e que agora vivia no quarto de cima, onde ganhava a vida a fazer revisão de artigos na Internet. Isso não é vida, disse o oficial de notificações. Porém Bob, fez notar, era um par de mãos perfeitas, amputadas do corpo pelos pulsos mas ainda assim capazes de alcançar imensas

coisas grandiosas. E sempre havia a lotaria da clonagem. A probabilidade era de um em dois milhões, mas valia a pena ter esperança, e já tinham acontecido coisas mais estranhas.

Rebecca pedira aos pais dela, e aos dele, e aos amigos tão ansiosos por vê-lo, que se mantivessem afastados. Era um momento pessoal e não tinha a certeza de que seria capaz de suportar as suas trivialidades solícitas. Esperou em casa, desejando um cigarro tão intensamente quanto desejara qualquer outra coisa em toda a sua vida, e manteve-se de olhos fixos na porta até a pancada surgir e os dois elementos da escolta, garbosos nos seus uniformes, trazerem o que restava do seu marido dentro de uma caixa com uma bandeira americana em cima.

Abriram a caixa e mostraram-lhe as mãos de Bob, repousadas lado a lado numa almofada branca. A esquerda encontrava-se de palma voltada para baixo, a direita de palma para cima. A que tinha a palma voltada para cima estremeceu e agitou os dedos a Rebecca quando a viu. As novas aberturas fotossensíveis nas pontas dos dedos piscaram muitas vezes, num gesto que ela apenas podia supor ser de excitação. As unhas haviam sido tratadas e polidas até adquirirem um brilho intenso. Inevitavelmente, os olhos de Rebecca percorreram o trajecto até aos pulsos, rematados com espessas bandas de prata, muito semelhantes a pulseiras exceptuando as bases rasas das quais deveriam emergir braços. Elas, Rebecca sabia-o, continham não apenas o suporte vital — sem o qual as mãos do marido seriam apenas carne em putrefacção —, mas também a mais recente cópia de segurança da sua memória, sem a qual tudo quanto fora, e tudo quanto fizera, não mais existiria.

Não imaginara que um par de mãos pudesse ser suficientemente pessoal para ser reconhecido, mas a verdade é que as reconheceu. Havia um ângulo curvo num dos dedos mindinhos onde em tempos o partira ao apanhar uma bola de basebol e que não regressara exactamente à posição inicial. E havia uma cicatriz num dos nós dos dedos onde em tempos se cortara, quase até ao osso, num copo partido. Identificou aquelas mãos como as mesmas que em tempos a faziam estremecer, quando estavam na extremidade de braços fortes e reconfortantes.

Os dedos agitaram-se um pouco mais, e a escolta disse-lhe que o marido queria falar com ela. Ela disse que não sabia o que fazer. O mais novo da escolta mostrou-lhe um *pad* plano de cor negra com orifícios destinados aos dedos, ligou-o e colocou-o na caixa, ao alcance das mãos de Bob. Quando o ecrã de texto surgiu, as mãos de Bob deram meia-volta, inseriram as pontas dos dedos nos orifícios de controlo do *pad* e fizeram… algo — não exactamente a digitação tal como ela a conhecia do familiar teclado QUERTY, mas algo muito semelhante, com movimentos subtis e treinados que nos breves segundos que se seguiram impuseram palavras e frases no ecrã.

rebecca por favor não tenhas medo, digitaram as mãos do marido. *sei que isto é estranho e assustador mas continuo a ser eu. consigo ver-te e estou contente por estar em casa. amo-te. por favor quero que me beijes*

Eram poucas as coisas que Rebecca desejasse fazer menos neste momento, mas sabia que as mãos do marido detectariam qualquer nova hesitação, e portanto inclinou-se e tocou-as. Afastaram-se do *pad* negro e deixaram que ela as pegasse, uma mão em cada uma das dela. Eram tão quentes como as lembrava, e mais pesadas do que esperava. Uma sensação de náusea assomou-lhe à garganta quando, impelida pela obrigação, deu um beijo meigo nos nós de cada uma. Voltaram-se às mãos que as seguravam e enfiaram os dedos entre os dela, num aperto tão firme e tão completo como teria sido o de um abraço tivesse o destino decidido permiti-lo regressar a casa como um homem inteiro.

Um dos elementos da escolta disse: «Agora vamos deixar-vos, aos dois, a sós.»

Rebecca não pôde deixar de pensar: *Como assim, aos* dois? *As mãos dele são agora dois objectos separados; não quererá dizer «aos três»? Ou, uma vez que não perfazem nada que sequer se aproxime do homem inteiro, não devia estar a usar fracções? Dizendo-me «agora vamos deixar-vos, a um e um décimo, a sós»? Ou coisa que o valha?* Pensou tudo isto mas não o disse, ao mesmo tempo que eles punham os bonés e lhe diziam para telefonar se precisasse de alguma coisa, e a deixavam sozinha agarrando o que outrora fora parte, não o todo, do marido que apenas quatro anos antes impressionara o seu ser de dezoito anos, sentado à sua frente num seminário na faculdade, como sendo o homem mais belo que alguma vez vira.

Permaneceu sentada com ele — com elas — durante muito tempo, em silêncio. Por vezes, quando fechava os olhos e aguardava os reconfortantes apertos que se aproximavam o máximo que ele conseguia de uma conversa sem o *pad*, quase conseguia iludir-se com o pensamento de que aquelas mãos estavam ligadas a pulsos que estavam ligados a braços que se uniam a ombros com um peito e um coração que batia e lábios e olhos e um homem capaz de se deitar a seu lado e lhe despertar tanto as paixões como a piedade.

Passado algum tempo, a mão esquerda dele desprendeu-se suavemente da mão direita dela e trepou até ao ombro, apertando-o também antes de rastejar como um caranguejo até ao rosto e deparar com os rastos das lágrimas na face. Estacou perante a descoberta, e ela não pôde deixar de sentir que o decepcionara, que se revelara superficial, que o magoara, ou o que restava dele, no momento em que precisava de saber que ela ainda era capaz de o amar.

Pouco depois, as mãos dele afastaram-se até à mesa para poderem falar com ela acerca dos problemas com que se viam agora confrontados. A esquerda virou-se sobre as costas de modo a que as aberturas luminosas nas pontas dos dedos conseguissem ver o rosto dela, e a direita dirigiu-se ao *pad* e disse-lhe que sabia como se sentia, que este tão-pouco havia sido o futuro que ele imaginara para ambos, e que se ela lhe desse uma oportunidade, continuaria a ser o melhor marido que conseguisse. A hesitação dela, o enorme esforço para encontrar palavras que não traduzissem escárnio ou mentira, disseram tudo, e podiam ter destroçado o que quer que agora nele fizesse as vezes do coração. Mas após um tempo longo, ela fez que sim com a cabeça, e isso era um começo.

Ele não lhe podia contar nada acerca do que acontecera consigo. A última cópia de segurança antes do ataque que lhe destruíra o resto do corpo tinha apenas uma semana, poupando-o às memórias de uma experiência infernal sob fogo, observando o resto da unidade desfazer-se, um ou dois elementos de cada vez, em pedaços. Escreveu que tinha, quando muito, um conhecimento académico do que estivera nessa cópia de segurança, uma vez que havia, mesmo então, coisas das quais optara por não se lembrar e preferira viver o resto da sua vida preso a um conjunto

de memórias ainda mais antigas, gravadas dois meses antes disso, e abençoadamente livre de algumas experiências que o teriam deixado ainda mais estropiado do que na sua condição actual.

Escreveu que a guerra fora tão terrível que se teria livrado de ainda mais memórias, tivesse isso sido possível; certamente existiam veteranos que haviam feito uma cópia de segurança no momento em que foram enviados e regressaram como partes ou todos recusando lembrar-se do que quer que lá tivessem feito, ou lhes tivesse sido feito. Em vez de se lembrarem de um único dia no teatro de guerra, preferiam viver uma vida onde de fortes e atléticos e inteiros num avião de transporte de tropas com o seu passado codificado numa base de dados passavam, sem um único momento de transição, a mais velhos e com o seu tempo cumprido e de regresso, reduzidos a uma parte do corpo senciente numa bandeja. Mas houvera camaradas, pessoas na sua unidade, que haviam feito coisas por ele durante o período em que servira na guerra que jamais se permitiria esquecer, mesmo que isso significasse também recordar visões do inferno. Digitou que do pouco que se lembrava, jamais falaria com ela.

Depois disso, pouco havia a dizer; ela preparou o almoço para si e as mãos sobre a mesa puseram-se a observá-la enquanto comia, as palmas voltadas para cima de modo a que as pontas dos dedos conseguissem ver, dando a acidental mas inegável impressão de que estavam voltadas para cima em súplica.

Mais tarde, quando o silêncio da tarde se começava a adensar, as mãos digitaram: *ainda gosto de te ver comer*. Era algo que já dissera antes, nos tempos em que giravam um em torno do outro, cumprindo os rituais que fazem a ligação entre a atracção inicial e a condição de casal; ele apreciara a sua meticulosidade, a sua forma de encarar um prato de comida como se fosse um puzzle para desmontar tanto como uma refeição para saborear. Ela não respondeu que em tempos também adorara vê-lo comer, o absoluto deleite proporcionado pelos pratos que apreciava, o descarado e incontrito entusiasmo com que atacara refeições que não lhe faziam bem. Tratava-se, sabia-o, de um entusiasmo que ele nunca mais poderia voltar a demonstrar, e que ela nunca mais voltaria a testemunhar: Mais um dos prazeres da vida que lhes fora roubado, deixado numa porção de terra ensanguentada debaixo de um céu estrangeiro. Não pôde deixar de pensar em todas as refeições futuras, os pequenos-almoços e almoços e jantares que durante anos indefinidos seriam sempre lembranças do que fora e não voltaria a ser.

A conversa não avançou. Viram televisão, as mãos pousadas no colo dela ou ao seu lado no sofá, mostrando agrado e desagrado perante o que o aparelho tinha a oferecer, através de comentários em mímica que a dada altura, numa resposta zangada a uma notícia sobre a guerra dada por um pivô, incluíram um silencioso, mas veemente, dedo médio erguido. Rebecca atendeu alguns telefonemas de familiares e amigos preocupados que queriam saber como estava a correr o reencontro, e disse-lhes que não, que ela e Bob ainda não estavam preparados para receber quaisquer visitas. Mais horas de silêncio, quebrado de quando em quando por conversas hesitantes necessariamente tornadas breves pela sua limitada capacidade de digitação, inevitavelmente, e em certa medida horrificamente, desembocaram no jantar, onde o desconforto do almoço não só se repetiu como foi duplicado pela consciência de que tudo isto ainda estava apenas no início, de que o silêncio das suas refeições em breve seria um ritual familiar, enquanto o futuro se estendesse.

Ela não imaginara que um par de mãos pudesse ser suficientemente pessoal para ser reconhecido, mas a verdade é que as reconheceu.

Apenas houve um sinal de verdadeira preocupação antes da hora de deitar. A errante mão direita de Bob deparou com uma fotografia emoldurada dele próprio em uniforme, numa mesinha ao lado do sofá. Por acaso, Rebecca estava a assistir enquanto a mão dele hesitava, dando pancadinhas no vidro com a ponta de um dedo, como que na esperança de lhe ser permitido o regresso ao momento cristalizado naquela imagem. Pareceu ter tombado a fotografia deliberadamente. Estava quase cem porcento certa disso.

Nessa noite, deitou-se no seu lado habitual da cama, o tecto um espaço branco vazio sem conselhos para dar. A mão direita dele desapareceu por baixo da roupa de cama e acomodou-se aproximadamente ao nível da cintura, ao passo que a mão esquerda se instalou na almofada lavada, preferindo a visão dela ao calor que o cobertor lhe pudesse proporcionar. Quando ela desligou o candeeiro, as pequenas manchas de luz vermelha nas pontas dos dedos da mão esquerda projectaram um brilho escarlate sobre tudo em redor, fazendo com que a sua fronha se assemelhasse um pouco ao resultado de uma hemorragia. Os dedos surpreenderam Rebecca de olhos postos neles e agitaram-se; um olá perversamente jovial ou uma forma de Bob a lembrar de que conseguia vê-la. Forçou-se a inclinar o corpo e a beijar-lhe a palma, conseguindo de algum modo reprimir um estremecimento instintivo quando os dedos se enrolaram para lhe acariciar as faces.

Rebecca chamou a mão de Bob pelo seu nome e disse-lhe que o amava.

Debaixo da roupa, a mão direita dele rastejou em direcção à mão esquerda dela e envolveu os dedos nos dela. Já havia segurado aquela mão durante horas, intermitentemente, e neste momento teria preferido a liberdade da sua própria mão. Mas, na verdade, o que poderia ela dizer sabendo que a rejeição do toque agora, neste que era o mais íntimo dos seus lugares partilhados, precisamente no dia em que ele regressara para junto dela, equivaleria à rejeição dele? Tinha de lhe dar alguma coisa. Tinha de fingir, pelo menos. De modo que retribuiu o aperto e sussurrou algumas palavras amorosas que aos seus próprios ouvidos soavam a ficção e deixou que ele a envolvesse com uma mão enquanto a outra observava com olhos que pareciam ferimentos de agulha.

Dormiu, e nos seus sonhos, as mãos de Bob haviam igualmente regressado para junto de si, mas sem as simpáticas bandas sanitizadas que lhe consentiam as memórias e a mente e escondiam, atrás de prata polida, a magnitude da violência que lhe fora infligida. Nos seus sonhos, as mãos dele regressavam para junto de si com os ferimentos lacerados e em carne viva, tiras de pele rasgada e esbranquiçada arrastando-se atrás delas como serpentinas andrajosas. Cada uma delas tinha um osso do carpo rachado e enegrecido projectando-se do ponto de amputação, como uma lança. As pontas dos dedos destes restos de Bob eram instrumentos cegos e inúteis, incapazes de conduzi-lo aonde quer que fosse a não ser pelo toque; à medida que rastejavam através do chão polido da cozinha à procura de Rebecca, enquanto esta que se movia a custo num ar tão espesso como gelatina para se manter a apenas uma distância mínima do seu alcance, deixavam uma gota contínua de sangue atrás de si, mais do que umas simples mãos poderiam ter sangrado sem se transfigurarem em sacos de carne esvaídos. A cozinha transformou-se num friso de trilhos de sangue sinuosos, que apenas continuou pelas suas pernas nuas acima depois de a perseguição ter chegado ao fim e ela ter dado por si tão paralisada quanto qualquer mulher-sonho com os pés pregados ao chão, enquanto as mãos sem corpo a trepavam.

Podia ter gritado até despertar, mas no sonho não conseguia respirar, dado que o ar à sua volta não era uma atmosfera que uma mulher pudesse respirar, mas uma substância mais espessa que se recusava a passar-lhe por entre os lábios, por muito que o seu peito se afadigasse ou os seus ouvidos estrondeassem ou se esforçasse desesperadamente por fazer entrar nos pulmões algo que a sustentasse.

Depois acordou e percebeu que não era um sonho. Ele estava a estrangulá-la. As mãos haviam-lhe cingido a garganta, os dois polegares unidos na traqueia enquanto os ásperos e poderosos dedos lhe apertavam a curva do pescoço para se encontrarem na nuca, como em tremendo apogeu. Mesmo enquanto homem com mais do que um par mãos sempre fora detentor de um aperto forte, e às mãos que eram tudo quanto dele restava parecia também acrescentar-se a força dos seus braços e costas, todos empenhados na implacável tarefa impossível de comprimir a garganta dela até à não-existência.

Uma mulher estrangulada por um homem completo poderia ter morrido deitando-lhe as garras ao peito ou tentando atingir-lhe o rosto ou atacando as próprias mãos, que teriam a vantagem de estar ancoradas a braços e ombros. Rebecca não tinha outra coisa com que lutar a não ser as mãos, e estas eram o foco da sua resistência. Estendeu a mão para pegar no lápis afiado que mantinha ao lado do livro de palavras cruzadas que lhe servira de única companhia desde que Bob partira para combater naquela maldita guerra estúpida, e desferiu golpes nas costas das mãos dele até a sua pele rasgar e o seu aperto afrouxar e os dois pedacinhos de Bob se desprenderem, permitindo-lhe voltar a respirar.

Podia ter gritado e continuado a apunhalar as mãos do marido até que delas não restasse mais nada a não ser carne dilacerada, mas algo no modo como agora se dispunham na cama, dez fulgurantes luzes vermelhas cravadas nela desde baixo, detiveram-na de uma forma que olhos enlouquecidos ou desprovidos de discernimento poderiam não ter permitido.

Ligou o seu candeeiro de cabeceira e atentou nas mãos assassinas de Bob sob o brilho da luz intensa.

Todas as coisas têm rosto mesmo quando não têm rosto; o olho humano insiste em colocar-lhes um rosto. Até as mãos têm rosto, e expressões, que mudam consoante o modo como os dedos se posicionam em relação à palma. As mãos podem parecer calmas ou angustiadas ou desesperadas. Podem parecer dóceis ou brutais, por vezes sem deixarem de ser as mesmas mãos. Por nenhuma ra-

zão que fizesse qualquer sentido para ela, as mãos do marido pareciam perdidas. Não compreendia, mas conseguia sentir que havia algo que não estava a conseguir ver, algo que quase conseguia ver e que se encontrava mesmo no limite do seu campo de visão.

A mão direita de Bob reproduziu um movimento de digitação.

Sentiu relutância em deixá-las sozinhas durante o período de tempo de que necessitava para ir buscar o *pad*. Lera demasiadas histórias sobre pessoas que viravam as costas a monstros. Porém repetiram o movimento, insistentemente. Dirigiu-se à outra divisão, no regresso constatou que as mãos do marido permaneciam no mesmo sítio onde haviam caído, e, não confiando que manteriam a distância, arremessou o *pad* para a cama.

Ele digitou.

desculpa-me desculpa-me não te faria mal por nada deste mundo estava a ter um pesadelo há já algum tempo que os tenho não sabia que eras tu estava a sofrer pf compreende pf perdoa-me pf

Rebecca não estava preparada para o perdoar. «Podias ter-me matado.»

eu sei. não foi o homem com quem casaste mas o homem que viveu um autêntico inferno naquele lugar. quando sei onde estou fico bem. se calhar não podemos dormir na mesma cama durante uns tempos. por favor compreende. por favor

Queria morrer. Mas após longos minutos ali postada, sentindo a fúria bulir dentro de si, foi ao encontro do marido e disse-lhe que estava tudo bem, que iria preparar outro sítio para ele noutra divisão, e que dormiriam separados mas se veriam de manhã. Beijou-o nos nós dos dedos e foi fazer a sua nova cama, uma almofada enfiada numa gaveta sem uso de uma secretária noutra divisão. Permitiu que ela o transportasse até lá, sem discussões. E separaram-se, embora o som de pancadas frenéticas se prolongasse pela noite e ela ficasse reduzida a um corpo insone, deitada de olhos fixos numa invisível carnificina sangrenta na escuridão.

O homem da AV disse que ela devia levar Bob ao primeiro grupo de apoio disponível, e inclusive especificou um grupo local que se iria reunir no dia seguinte. Foram. Dele faziam parte cinco veteranos fraccionados e seus cônjuges, sentados num quase círculo em cadeiras articuladas que certamente teriam conhecido tanto situações felizes como tristes: baptizados, encontros religiosos, comícios, talvez até produções teatrais amadoras, todos eles dissipando-se no ar assim que as cadeiras eram recolhidas e empilhadas e devolvidas ao anonimato de que o mobiliário goza. A ideia de que alguém se pudesse vir a sentar exactamente na mesma cadeira que agora ocupava, dali a um dia ou uma semana, e bebericar ponche de frutos ao mesmo tempo que discutia planos para a decoração do baile de finalistas, parecia-lhe quase incompreensível.

Na reunião estavam presentes cinco veteranos fragmentados, juntamente com os cônjuges e outros membros da família, alguns deles possivelmente em melhor estado que Bob, outros tão mais reduzidos que era impossível saber se se havia de soltar gritos de horror face à sua condição ou dar risadinhas descontroladas face à loucura da mesma. Havia um rapaz de vinte e dois anos que estivera no teatro de guerra menos de um dia, antes de uma bomba o ter reduzido a uma estreita tira de rosto que incluía um olho (cego), duas bochechas, um nariz e parte do lábio superior, todos agora colocados na mesma bandeja de prata que o mantinha vivo, e que a sua mãe fixara a uma placa decorativa indicada para colocar numa parede. Outro era apenas um torso, desprovido de membros, órgãos genitais e cabeça, e com todos os cotos tapados por mais interfaces de prata. Outro era uma mulher bem-feita com unhas delicadamente esculpidas, uma saia curta destinada a exibir um arrasador par de pernas e um top destinado a realçar a linha entre os seios: Cada movimento seu exalava sexualidade, o que podia corresponder à forma como se comportava antes de ter sido recrutada ou à forma como agora compensava a perda da metade frontal da sua cabeça, que em vez de uma face ou um queixo ou um par de olhos agora ostentava uma superfície plana de prata espelhada à frente das orelhas. A quarta fora salva quando não era mais do que um monte de órgãos internos, mas havia sido encontrada a tempo e estava agora completamente fechada numa caixa de prata com a dimensão aproximada de uma pasta, com um ecrã para comunicar e uma asa para a comodidade do seu marido de aspecto carregado.

O último era, tal como Bob, uma par de mãos amputadas. Foi ele que despertou em Rebecca a vontade de desatar a correr aos gritos, porque a sua adorável esposa loira lidara com o problema de manter uma relação com ele amputando as próprias mãos e fixando as dele nas extremidades dos próprios pulsos. Os discos de memória em prata que marcavam os pontos de junção nos braços dela assemelhar-se-iam a pulseiras se as calosas, morenas, mais peludas e desproporcionalmente maiores patas dele não parecessem luvas de um desenho animado nas extremidades dos braços macios e cor de leite da mulher; e se as mãos do marido não tivessem usurpado muito do controlo daqueles braços, que agora gesticulavam de uma maneira perversamente masculina enquanto a esposa dedicada descrevia em detalhe o quanto esta medida contribuíra para lhe salvar o casamento. Mais do que uma vez durante a reunião, Rebecca surpreendeu aquelas mãos pousadas nos joelhos nus da outra mulher e a acariciá-los, os braços afagando-os para a frente e para trás com uma energia lasciva que a outra mulher claramente reconhecia e apreciava, mas da qual, fora isso, parecia completamente alheia. Não pôde deixar de se perguntar se era aquilo que o seu próprio marido queria, se aquilo era algo que Bob podia algum dia pedir dela, e se ela própria poderia algum dia vir a querê-lo.

O homem que segurava a pasta disse a todos os outros cônjuges presentes na reunião que os considerava afortunados. Os seus entes queridos haviam regressado para junto deles como partes que podiam ser tocadas, pele que libertava um inegável calor, ainda que em grande medida artificial, carne que evocava a memória do que havia sido, mesmo naqueles casos em que pouco mais conseguia do que isso. Mas e a sua esposa? Produziu um retrato da mulher que ela fora, uma coisinha roliça de face rechonchuda com um duplo queixo prematuro, mas um sorriso de genuína ternura e olhos que pareciam expressar genuína alegria perante uma qualquer piada privada. Disse que ela conseguia vê-lo através da interface e até comunicar com ele através do *pad*, mas ela nunca fora de muitas palavras, nem mesmo quando estava inteira; fora mais uma criatura de gestos silenciosos, de sorrisos amáveis, de actos generosos e

olhares expressivos e repentinos silêncios violentos. Agora, disse, ela era um saco de órgãos inoperantes contendo apenas a carne suficiente para ser tida como viva. E embora ocasionalmente respondesse a perguntas directas, o mais frequente era permanecer em silêncio, dizendo-lhe, quando pressionada, que apenas queria que a deixassem só, colocada numa prateleira, e esquecida. Estava a tornar-se cada vez mais difícil para ele convencê-la do contrário. «A minha mulher está morta», disse ao grupo, e após um momento de silêncio chocado, repetiu-se, com uma espécie de espanto aturdido na voz: «A minha mulher está morta. A minha mulher está morta.» A mulher cujos braços terminavam nas mãos do marido simplesmente tocou em si própria.

O humor negro intrometeu-se, como sempre acontece entre os que sobrevivem a uma perda extrema, quando o homem que era apenas uma tira do rosto disse que conhecera um tipo no hospital que não passava de um cu. A mulher do torso disse que conhecera um tipo que era um verdadeiro piças. Uma outra pessoa disse que o seu tenente sempre fora um pedaço de merda e provavelmente ainda seria, e, a partir daí, as variações foram de mal a pior. Ocorreram alguns pequenos arroubos de fantasia sobre as perspectivas futuras de pessoas fragmentadas que haviam ficado reduzidas aos seus órgãos sexuais, e como a probabilidade de ganharem a vida após o serviço militar era bastante superior à de qualquer uma das outras, todavia por essa altura as piadas chocantes haviam começado a esmorecer, sendo substituídas por um silêncio desconfortável.

A reunião terminou com dez minutos dedicados a questões internas sobre quando teria lugar a seguinte e quem iria espalhar a palavra a outros que pudessem beneficiar com a sua comparência. Rebecca dirigiu-se à mesa onde o café e os biscoitos estavam dispostos numa toalha plástica e permaneceu ali sem querer nenhuma das duas coisas, mas precisando de fazer algo que não fosse regressar a uma casa e a uma vida agora dominadas pelo silêncio, e deu por si a tremer até a mulher com um espelho de prata plano no lugar da cara lhe surgir por trás e, falando através de um sintetizador de voz, lhe dizer: «Você não está sozinha.» Rebecca cedeu e aceitou o abraço, sentindo o calor dos braços da outra mulher mas também absolutamente consciente de como era frio o espelho contra a sua face. Queria dizer à outra mulher: *claro que estou sozinha, e que o meu marido está sozinho, e que você está sozinha, e que todos nós estamos sozinhos; o que está precisamente em causa quando estamos no inferno é que existe um fosso entre nós, e todos os nossos esforços para construir uma ponte sobre ele, por um momento que seja, não nos dão outra coisa senão uma pausa e a ilusão de conforto antes que as pontes se retraiam e sejamos confrontados com os mesmos problemas a partir das nossas próprias ilhas separadas.* Queria dizê-lo, mas claro que não podia, não se isso significasse abraçar o desespero a despeito da bondade desta mulher segmentada, e portanto chorou copiosamente e aceitou o abraço como a dádiva que pretendia ser.

Na noite de sábado, o atendedor de chamadas começava a ficar entupido com telefonemas de familiares e amigos, ansiosos por saber como tudo estava a correr e querendo saber quando poderiam eles desfrutar do seu próprio feliz reencontro. Correspondendo à vontade do marido, Rebecca retribuiu todos os telefonemas para lhes agradecer mas dissuadiu-os, dizendo que ainda havia ajustes a fazer e estadias a tratar. Uma vez mais, muitos quiseram saber se Bob estava bem. Perguntou-se como seria possível esperarem que ela fosse capaz de responder a essa pergunta, mas disse que sim, que ele estava bem. Perguntaram-lhe se ela estava bem e uma vez mais deu a resposta que eles queriam, que sim, que ela estava bem.

Sentaram-se juntos, assistindo aos mais recentes relatos da guerra durante algum tempo, sem reagirem à notícia de que mais cem mil haviam sido chamados às fileiras e de como esse número não seria suficiente; ou, posteriormente, à animadora garantia, dada por uma sorridente pivô ruiva, de que o número de mortes registadas era o mais reduzido de sempre. As mãos de Bob lançaram-se ao seu *pad*, produzindo uma sequência de profanidades em caixa baixa que Rebecca supôs serem agora o seu equivalente zangado da murmuração amarga.

Tacteou as pisaduras no pescoço e decidiu que talvez não devessem estar a assistir a isto. Desligou o televisor com o comando e permaneceu sentada com ele, sentindo e saboreando o silêncio opressivo como se fosse o próprio ar, tornado tão denso que cada momento parecia uma eternidade passada debaixo de água.

Algum tempo depois, as mãos do marido soltaram-se das dela e dirigiram-se ao *pad*.

queres que eu me vá embora ou achas que temos algum futuro

Não sabia. Não sabia mas veio-lhe ao pensamento o seu marido de tempos melhores, aquele homem forte, aquele homem sorridente, aquele homem ocasionalmente petulante, aquele homem com veia travessa que por vezes se transformava na criança que a tratava como a figura de autoridade da qual era necessário esconder as diabruras. Recordou diferentes tolices que fizera, espiando-a do canto do olho para perceber se ela as achava exasperantes ou divertidas. Recordou a forma da sua cabeça a meio da noite, quando as luzes estavam apagadas e a escuridão era demasiada para que dele visse mais do que uma silhueta, quando estava acordado e a olhar para ela, sem saber que ela estava acordada e a olhar para ele, para a sombra dele que lhe era tão reveladora como os seus traços vistos em plena luz do dia, porque ela o conhecia e conseguia suprir a escuridão. Recordou como era fazê-lo saber com um toque que também ela estava acordada, e como isso por vezes levava a sussurros e por vezes a mais. Recordou os seus lábios, os seus dentes, o seu toque, a sua afabilidade e a sua paixão. Recordou algumas vezes em que não o deixava perceber que estava acordada, simplesmente continuando a fingir o sono, e de como pensava que este era o seu homem e o seu amante e o seu amigo e um dia o pai dos seus filhos. Recordou certa vez ter sentido tanto orgulho por tê-lo conquistado que o seu coração ficara à beira de rebentar.

diz qualquer coisa

Não sabia se havia alguma coisa a dizer. Essa era a questão. Não sabia mas era orgulhosa. Era orgulhosa e não queria ser ela a falhar. Sabia que não abonava muito a seu favor o facto de esta ser a principal força motivadora na sua actual relação com o que restara do seu marido, a teimosa recusa em ser a pessoa a falhar; de ser impelida não tanto por uma instintiva e incondicional necessidade de o apoiar naquilo em que se tornara, mas pela necessidade de ser a melhor, a forte, a que fazia as coisas acertadas e se mantinha firme quando talvez tivesse sido mais fácil ser a cabra que desistia. Talvez, pensou, esse fosse o caminho de regresso; não através do amor, mas de um feroz e obstinado orgulho. Talvez se ela conseguisse alimentar isso, o outro regressasse. Mas como conseguiria ela fazê-lo, se era muitíssimo mais do que se podia forçar a dar?

As mãos de Bob tinham voltado a digitar.

becks, eu menti

Olhou-as e notou algo inefavelmente tenso no modo como se apoiavam no *pad*. «Em relação a quê?»

aconteça o que acontecer preciso que saibas que me lembro de mais coisas do que te disse. é pior do que dizem nas notícias, é mais sujo e sangrento e de modo algum tão simples. é o tipo de lugar que nos faz esquecer que existe algum bem seja em que parte do mundo for. é por isso que tantos de nós optamos por esquecer. mas eu fiz a minha última cópia de segurança apenas dois dias antes do ataque. lembro-me de todas as coisas terríveis que me aconteceram lá, de todas as coisas terríveis que fiz. depois quando descarregaram a informação que estava dentro de mim deram-me a escolher entre mantê-la na totalidade ou recuar a um registo anterior. estive à beira de deitar fora toda a maldita guerra. mas decidi mantê-la porque tinha de o fazer.

Fixou os olhos nele. «Porquê?»

a única coisa que valia a pena recordar de tudo aquilo era todo o tempo que eu tinha passado desejoso de regressar para junto de ti

Isso, finalmente, destruiu-a. Pela primeira vez desde o seu regresso, sucumbiu ao seu sentimento de perda e desatou num pranto. Enterrou o rosto nas mãos e não viu as mãos do marido afastarem-se do *pad* ou regressarem ao sofá. Porém sentiu o peso delas nos ombros, a força que ainda tinham quando os apertaram, a delicadeza que ainda demonstravam enquanto os dedos indicadores lhe limpavam os rastos de lágrimas das faces.

Nalguns aspectos, achou o seu toque simultaneamente familiar e estranho, como se ele nunca tivesse partido; noutros, como se ele fosse um desconhecido, regressado de uma guerra com mais nada a não ser impudência e uma vaga semelhança para seduzir a viúva com mentiras terríveis sobre ser o homem que havia partido. Sentia a falta do peso dele, da solidez, do som da sua respiração. E ainda odiava a sensação fria dos apêndices metálicos nas extremidades dos pulsos, tão parecidos com correntes. Mas, pela primeira vez, conseguiu sentir a presença do rapaz por quem se apaixonara, do marido com que se casara, do marido que com ela passara as noites. Era ele; contra todas as probabilidades, era ele, finalmente. E pela primeira vez, irracionalmente, desejou-o.

Disse-lhe que precisava de um minuto, e dirigiu-se à casa de banho, onde passou a cara por água, amaldiçoou o nariz vermelho e os olhos inchados, e se pôs apresentável, ou pelo menos tão apresentável quanto lhe era possível. Sabia que não era a melhor altura. Estava aterrorizada, feita num farrapo. A julgar pelo que digitara, ele não estava muito melhor. Mas nunca mais haveria uma melhor altura, não se ela se limitasse a esperar por ela. Na vida havia sempre limiares que tinham de ser ultrapassados, sempre que possível, quanto mais não fosse por essa ser a única forma de alcançar o que quer que estivesse à espera do outro lado.

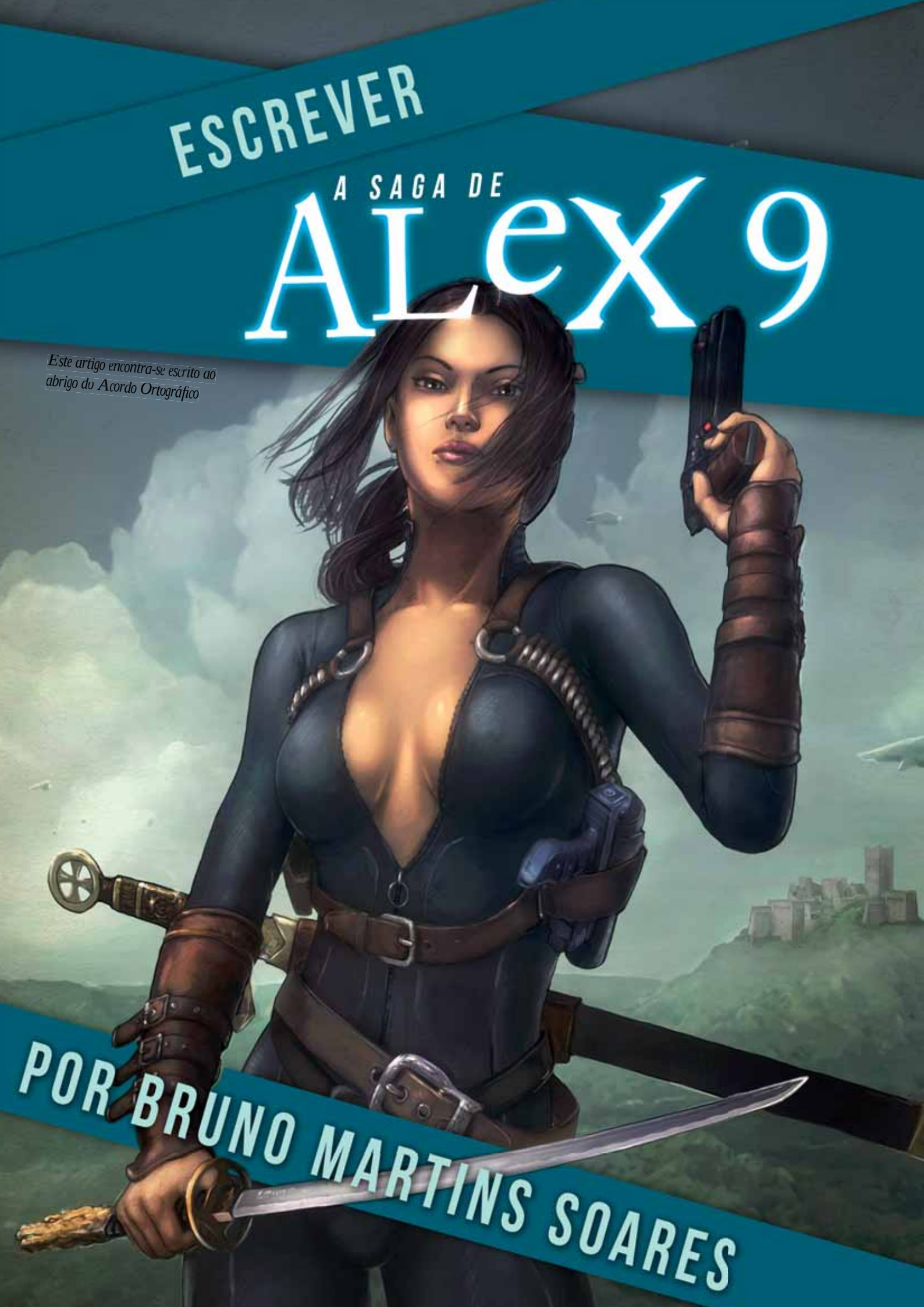
Quando havia feito tudo o que era possível, regressou, beijou as mãos do marido e transportou o que restava dele até à cama. Depois de se ter despido e enfiado entre os lençóis, as mãos dele hesitaram, com uma súbita timidez que era quase possível achar cativante, após o que também deslizaram por debaixo da roupa de cama e rastejaram através da escuridão até ao flanco dela, uma voltada para norte e a outra voltada para sul. Os lençóis produziram um sussurro brando, e ela permitiu-se um último pensamento analítico: quão afortunada era, afinal, por ele ter regressado como um par de mãos, e não como uma inútil tira de carne numa caixa de prata selada. Quanto lhes havia sido deixado.

Fechou os olhos, sentiu a temperatura do corpo subir, e deixou que o marido a amasse. **BANG!**

Adam Troy-Castro, escritor norte-americano de fantasia, ficção científica e horror, é o autor de mais de vinte livros, incluindo "Emissaries from the Dead", vencedor do Prémio Philip K. Dick. A sua ficção curta já foi nomeada para inúmeros prémios, dos quais se destacam o Hugo, Nébula e Bram Stoker.

ESCREVER A SAGA DE ALEX 9

Este artigo encontra-se escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico



POR BRUNO MARTINS SOARES

Vivi sempre com a narrativa. Desde miúdo. Não apenas os livros de banda desenhada que folheava e seguia antes de saber ler, mas as brincadeiras que fazia e as histórias que imaginava. Tinha uma história na cabeça, por exemplo, que eu chamava «A Brincadeira de Reserva». Quando eu e o meu irmão não sabíamos o que brincar, tínhamos personagens específicas para encarnar e desenvolvimentos e circunstâncias que evoluíam ao longo de meses. E eu cada vez mais queria brincar à «Brincadeira de Reserva». Até que o meu irmão se fartou desta história e parou de brincar comigo, pura e simplesmente. A solução passou a ser escrever. Brincar na minha cabeça. Passaram estas histórias a ser um filme privativo que projetava na sala da minha mente para me entreter: quando estava à espera de alguém, quando não tinha nada que fazer, quando tinha uma insónia. A Alex 9 começou por ser um destes «filmes».

Tendo crescido no Funchal, vim para Lisboa em 1990. Foi nesta altura que ouvi pela primeira vez falar de Alex 9, algures na minha imaginação. A premissa era engraçada: e se uma guerreira do século XXII fosse parar a um mundo medieval, o que levaria consigo de mais revolucionário? Resposta: a sua mente. Durante anos, foi o meu filme privativo. As insónias perseguiam-me, de modo que as "sessões de cinema" sucediam-se. A certa altura, gabava-me para mim próprio de ter mais de 5000 páginas na minha cabeça sobre a saga da «Guerreira da Água». E então as insónias pararam. E durante anos, a Alex 9 acomodou-se num canto da minha mente. Até que, em 2006-2007, deu-se um clique qualquer e comecei a escrever. Nunca tinha, de facto, levado muito a sério a ideia de escrever sobre a Alex, mas a certa altura foi isso mesmo que decidi fazer.

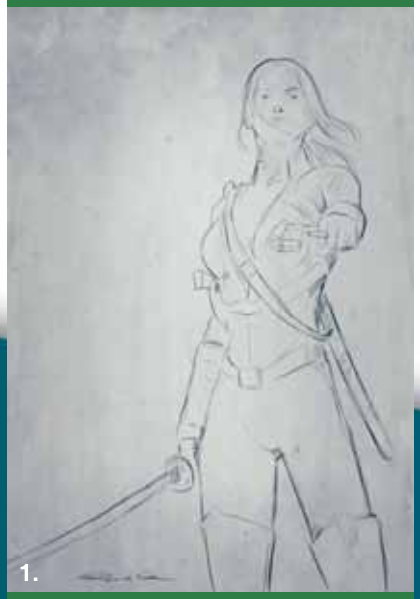
Um claro desafio foi o estilo. Que característica deveria privilegiar? Que tipo de prosa? Nunca fui grande amigo de prosa demasiado elaborada. A secura de Duras sempre me atraiu mais do que a virtuosidade de Saramago. Adepto de um Hammer, de um Spade ou de um Marlowe, detesto a ideia de um enredo de ação atolado na lama do palavreado. Logo: estilo seco, direto. Como a espada de Alex. Este foi logo o primeiro impulso. Mas a execução não é tão simples.

Pode ser surpreendente para quem conhece a história, mas já tinha toda a primeira parte escrita, por exemplo, mesmo até ao ponto onde Alex encontra a sua espada, quando surgiram pela primeira vez Garic de Cary e Hert de Bavra. Mostrei o manuscrito à minha namorada que torceu o nariz e disse-me uma frase chave: «Precisa de mais… não sei… 24». Quem já viu a série «24», especialmente se a viu "de seguida", sabe o que ela queria dizer. Ritmo rápido. Percebi que era isso mesmo que eu desejava para a Alex: escrever ao ritmo da respiração. Tirar o fôlego ao leitor. Criar desequilíbrios. Nadar com os crocodilos. Algo que só se consegue com o total domínio do enredo. Mas eu tinha demorado vinte anos a elaborá-lo, de modo que não seria esse o problema. Ainda assim tive que cortar e coser, inventar novas personagens, re-elaborar as linhas de ação. A realidade da escrita nunca é aquilo que se sonhou. Assim, a trama de Garic e Hert, tipo policial, surgiu para imprimir velocidade àquela primeira parte da história. E, diz quem sabe, parece ter resultado. E Garic e Hert passaram a ser personagens essenciais.

Por fim, um rico belo dia (são sempre ricos belos dias os dias em que se termina um romance), olhei para as minhas mãos e vi sobre elas um manuscrito final. Era: «Alex 9 – A Guardiã da Espada». Tinha, pouco tempo antes, tido a sorte de conhecer a Saída de Emergência e o Luís Corte-Real. Por convite do meu amigo Octávio dos Santos, participei numa curiosa coletânea de História alternativa: «A República Nunca Existiu». Foi a minha estreia na SdE. Assim, com o primeiro volume da Alex entre as mãos, quis imediatamente enviá-lo ao Luís Corte-Real. E depois esperei. Verdade seja dita, tive de lhe telefonar dois meses mais tarde a assegurar-me que ele tinha lido mas, depois disso, esperei apenas uma semana, parece-me. Certa tarde de Primavera (acho que era Primavera), recebi um telefonema do Luís. «Queremos publicar o teu livro.» Yes! «Vamos começar uma nova coleção de livros para abrir o mercado 'jovem adulto'. Queremos-te nessa coleção.» «Faz todo o sentido» respondi logo «Claro que sim!».

Foram os dias da TEEN. Já tinha tido várias coisas publicadas na minha vida. Já tinha ganho concursos, editado pelas minhas mãos coletâneas de contos, já tinham saído muitos artigos assinados por mim no DNA, na Ideias&Negócios, até na Jane's Defence Weekly. Mas um sorriso lento e profundo arrastou-se pela minha cara e pelo meu coração quando vi pela primeira vez, na Bertrand de Picoas, o meu primeiro romance editado. Foi um sorriso privativo, que mais ninguém terá reconhecido, mas um sorriso de que não me esqueço.

Pouco depois, no entanto, começaram as frustrações. Aparentemente,


1.

2.

3.

1. Esboço Inicial
2. Esboço Inicial
3. Esboço final

4.

5.

6.

7.

as livrarias faziam questão de colocar o meu livro nas prateleiras dos infanto-juvenis. Que parte de 'jovem adulto' é que não percebiam? A resposta era clara: a parte do 'adulto'. «Alex 9 – A Guardiã da Espada», com as suas sangrentas batalhas, gritos agonizantes e enredos complexos, exibia-se junto do 'Pónei Cor-de-Rosa' e do 'Elefante Babar', ou o que diabo fosse que atraía as crianças de 5 anos na altura. Mesmo uma engenhosa campanha dirigida às livrarias pela SdE não teve grande eficácia perante este flagelo.

Mas então vieram as boas surpresas. Aparentemente, as pessoas queriam, mesmo assim, comprar o livro. Havia leitores, enganados ou desenganados, que conseguiam descobri-lo, lê-lo e mesmo apreciá-lo. Começaram a surgir entrevistas e finalmente, as primeiras críticas. A primeira foi boa, a segunda foi boa, a terceira foi boa. Uma a uma, as críticas ao livro foram-se acumulando e, surpresa das surpresas, eram todas boas! As pessoas gostavam! A minha menina, a minha Alex, crescia para o mundo!

Surgiu também um novo sentimento: um sentimento de responsabilidade. Sentia que não podia parar onde ficara, que havia a necessidade absoluta de ir mais longe e ser melhor, e fazer melhor. Por mim, pelos leitores e pela Alex. Havia ainda dois volumes para escrever. Comecei a ouvir com mais atenção o que as pessoas me diziam. Aquilo que apontavam, de bom e de mau. Quem trabalha em áreas criativas tem o dever profissional de saber ouvir críticas. De as compreender. É a melhor maneira de fazer melhor. E todos sabemos, por experiência própria, a desilusão que ocorre quando um escritor ou um realizador se desleixa e nos deixa com sabor amargo na boca. Eu não queria isso. Sabia que o primeiro volume de uma saga tem uma vantagem: a novidade do conceito. Depois de passar o efeito de novidade, as pessoas sentem necessidade de se identificarem com as personagens, de se relacionarem com a história.

Mais do que isso: se eu fosse um autor melhor, os sacrifícios que fiz em prole do estilo passariam despercebidos. Quem repara nos finais precipitados de Hobb, ou nos devaneios de Martin, ou nos diálogos infelizes de Scarrow? São mestres. Os seus sacrifícios ao estilo são esmagados pelo brilhantismo do resto. Os meus, não. O investimento que fizera no ritmo deixara as pessoas desejosas de personagens mais humanas, mais próximas. O estilo seco que imprimira desde o início fora um risco calculado. Sacrificara momentos emocionais com Méria, e desenvolvimentos de Jikard para ter ação a seguir-se a ação. Mas agora tinha de ir mais longe. O final da saga estava claro na minha cabeça, e o meio não estava muito longe. Mas os pormenores das cenas, as emoções e as decisões mais íntimas das personagens, precisavam de atenção.

Uma coisa inesperada já tinha acontecido. Eu tinha planeado deixar Kaoru e Pierre Bach basicamente esquecidos no segundo volume, mas tornou-se claro que isso não podia acontecer. Eram, simplesmente, personagens demasiado importantes, mas também interessantes e carismáticas. Por isso desenvolvi um enredo de espionagem para os manter ocupados.

Outra coisa: sabia que o pico da história, um momento absolutamente chave, o topo do segundo ato, surgiria no segundo volume. O momento do pacto. Toda a história de Alex se desenrolaria em volta daquele momento. «É o meu 'Império Contra-Ataca'» cheguei a dizer a algumas pessoas, pois este também é pivotal na saga Star Wars. E depois bloqueei.

Costumo dizer que existem dois tipos de bloqueio de um escritor. Um: o vazio. Queremos muito escrever, mas não conseguimos descobrir o quê. Dois: o medo. Sabemos exatamente o que escrever, mas não conseguimos convencer-nos a avançar para a página. Por sorte, tive apenas um pequeno surto do segundo tipo de bloqueio. A responsabilidade pesava. Mas sentia uma identificação próxima com as personagens, com as suas emoções, com o seu perfil, de modo que não durou muito.

Em final de 2010 saiu para as livrarias «Alex 9 – A Coroa dos Deuses».

A reação foi idêntica à receção ao primeiro volume. Talvez até mais entusiasta. Foi nessa altura que comecei a ouvir as primeiras

4. Fase inicial da pintura- pintura com cores sólidas e pouco saturadas, meios tons.

5. Pintura já numa fase avançada, faltava essencialmente pintar apenas os tons mais claros e todos os detalhes envolventes

6. Trabalho final

7. Tamanho real em que pintei, 60cm x 41,7cm a 300dpi; a vantagem é que ao reduzir para o formato pretendido há um ganho de detalhe e qualidade.

TIAGO SILVA, ILUSTRADOR DA CAPA

A primeira fase de qualquer produção de uma capa de um livro é perceber a história, o contexto da acção e as suas personagens.
Neste caso foi bastante fácil, graças à leitura fluida que o script permite. Uma história cheia de acção, num universo fantástico, bastante visual na sua leitura graças à forma como o autor descreve os acontecimentos.
Ao ler o script do livro e com as descrições feitas pelo Bruno sobre a personagem, ficou bastante claro qual deveria ser o conceito para a capa do seu livro. Deveria ser algo focado na personagem principal, dando ênfase à personagem. As descrições do Bruno são bastante visuais pelo que foi fácil imaginar Alex 9.
Uma guerreira num ambiente cheio de acção, com uma boa mistura de fantasia com ficção científica e, tal como o script descreve, uma mulher bela.
A capa tem como conceito o retrato da personagem principal, não o retrato tradicional mas algo mais dinâmico. A pose da personagem e a forma como ela interage com o olhar do observador é um reflexo do conteúdo do script. Como pano de fundo, a sugestão visual do universo retratado nos livros.

BANG!

sugestões de que a «Alex 9» devia ser editada na Bang!, a coleção rainha do fantástico em Portugal. Era um grande elogio. Respondi com um desafio aos fãs (sim, já lhes podia chamar fãs). Fiz um concurso: quem quisesse poderia sugerir uma personagem nova para o terceiro volume, «Alex 9, A Magia dos Ventos». Eu depois escolheria quais usar. No Fórum Fantástico de 2010 revelei as escolhas – seis belas personagens que rapidamente se encaixaram na história. Husari, um archeiro tamur; Jolsharn, um dos trinta gigantes de Dael; Karentyn Holgred, uma guerreira de brodom; Kaylira, líder dos Guardas Vermelhos; Fendur, lugar-tenente dos Guardas Vermelhos, e Fauchot de Rauss, um conde remmonês. Deu-me um grande gozo enquadrá-las no mundo de Alex.

E então, um fim de tarde, na FNAC do Chiado, no lançamento de uma destas deliciosas revistas Bang!, o Luís Corte-Real virou-se para mim e disse-me: «Acho que podíamos passar a Alex para a coleção Bang!, o que achas?» Quase dei um salto.

O resto da história já conhecem. Exceto uma coisa. Uma coisa estranha que me aconteceu no final de 2010 e no decorrer de 2011. Envolvi-me na escrita e produção de uma longa-metragem cinematográfica. Foi uma das aventuras mais alucinantes da minha vida e basicamente interrompeu a escrita do terceiro volume. Não havia maneira de estar pronto no Verão de 2011, como eu esperava. No Outono desse ano, quando voltei às páginas, senti arrepios. Agora é que era. O final que há tanto tempo magicava para a Alex, e que tanto trabalho tinha tido para esconder (enquanto injetava informação suficiente para aproximar a história deste final). E de novo senti que tinha de ter cuidado.

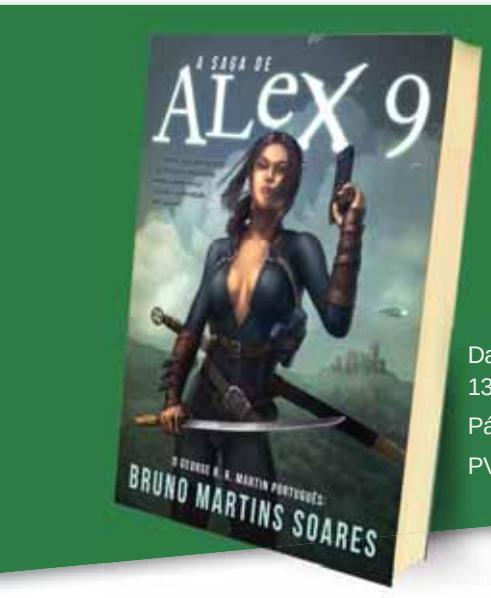
E tinha ainda outro problema: tinha sido decidido já, para minha alegria, que o volume da Bang! seria um compêndio dos três volumes da saga. Isso agradou-me, claro, mas de repente, os volumes da Alex, que sempre foram pequenos, tornaram-se gordos. Agora tinha de ter cuidado para não fazer crescer demais o terceiro volume, ou o livro tornar-se-ia enorme! A cada passo que dava, fazia contas de cabeça para ver quantas páginas deviam faltar. Com um pouco de prática, é possível adivinhar sem grande erro. E de cada vez que adivinhava, fazia uma careta de desconforto. Tinha de ter cuidado e ser muito sucinto e focado.

Para além disso, estava a correr um risco com o final. Usei uma tática arriscada de concentrar e desvendar a informação mesmo no final que eu não sabia se iria resultar. Coloquei as minhas inseguranças no Facebook, e a resposta dos seguidores da Alex foi surpreendente. Foram estes os comentários: «Arrisca!» «Nós confiamos em ti!» «Confiança total nas tuas capacidades!» «Força! Vale a pena correr riscos!» E não precisei de mais nada. Arrisquei.

Aquilo que pensava ir escrever em três meses, acabei por demorar nove. Só em Fevereiro de 2012 é que fechei finalmente a trilogia. Quase seiscentas páginas. Submeti o volume à SdE a medo. Era grande e eu já não sabia onde cortar. Mas é aqui que a SdE se excede: para eles, a história é o mais importante. Seiscentas páginas? Seja. Se é preciso, é preciso.

Chegou o momento de largar a Alex 9 ao mundo. De a deixar marchar entre os viajantes do planeta. Confio nela. Pelo caminho ficou o meu pseudónimo, Martin S. Braun. Tinha um propósito coerente, mas a estratégia teve que mudar. Eu sou o Bruno Martins Soares. E escrevi «A Saga da Alex 9». E esta foi a minha história. A minha narrativa. Era isto que vos queria contar. O final da história, agora que a Alex 9 chegou às livrarias, será escrito por vocês. **BANG!**

Bruno Martins Soares nasceu em Lisboa, em 1971. Em 1994 ganhou uma menção honrosa no Concurso Nacional de Jovens Criadores, tendo vencido a edição de 1996 do mesmo concurso. Representou Portugal em várias Bienais e em colaboração com a Associação GEIC, criou uma colecção de livros denominada O Homem do Saco e onde publicou a sua primeira colectânea de contos, «O Massacre», em 1996. Nos últimos anos, teve contos publicados em várias antologias portuguesas.



Data de Lançamento:
13 de Julho
Páginas: 608
PVP: 17,76 €

8. Personagem sem o fundo para poderem aplicar caso assim entendam em algum arranjo gráfico

O Cavaleiro de Westeros

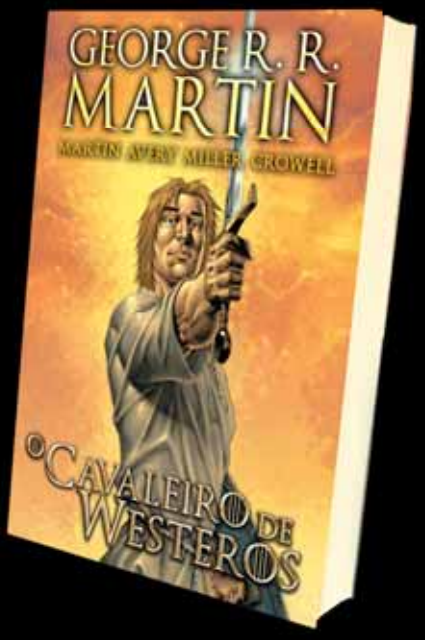
George R. R. Martin

Este artigo encontra-se escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico

Do melhor autor de fantasia da actualidade, chega a adaptação para banda-desenhada de* O Cavaleiro de Westeros. *Os fãs das Crónicas de Gelo e Fogo terão a oportunidade de ler uma história no mundo de Westeros que decorre cem anos antes dos eventos principais das Crónicas. Dunk é um jovem escudeiro que parte em busca de fama e glória num dos mais famosos torneios de Westeros. Mas o destino prega-lhe uma partida e coloca-o no caminho de um rapaz misterioso que irá mudar a sua vida para sempre.

DATA DE LANÇAMENTO A 14 DE SETEMBRO

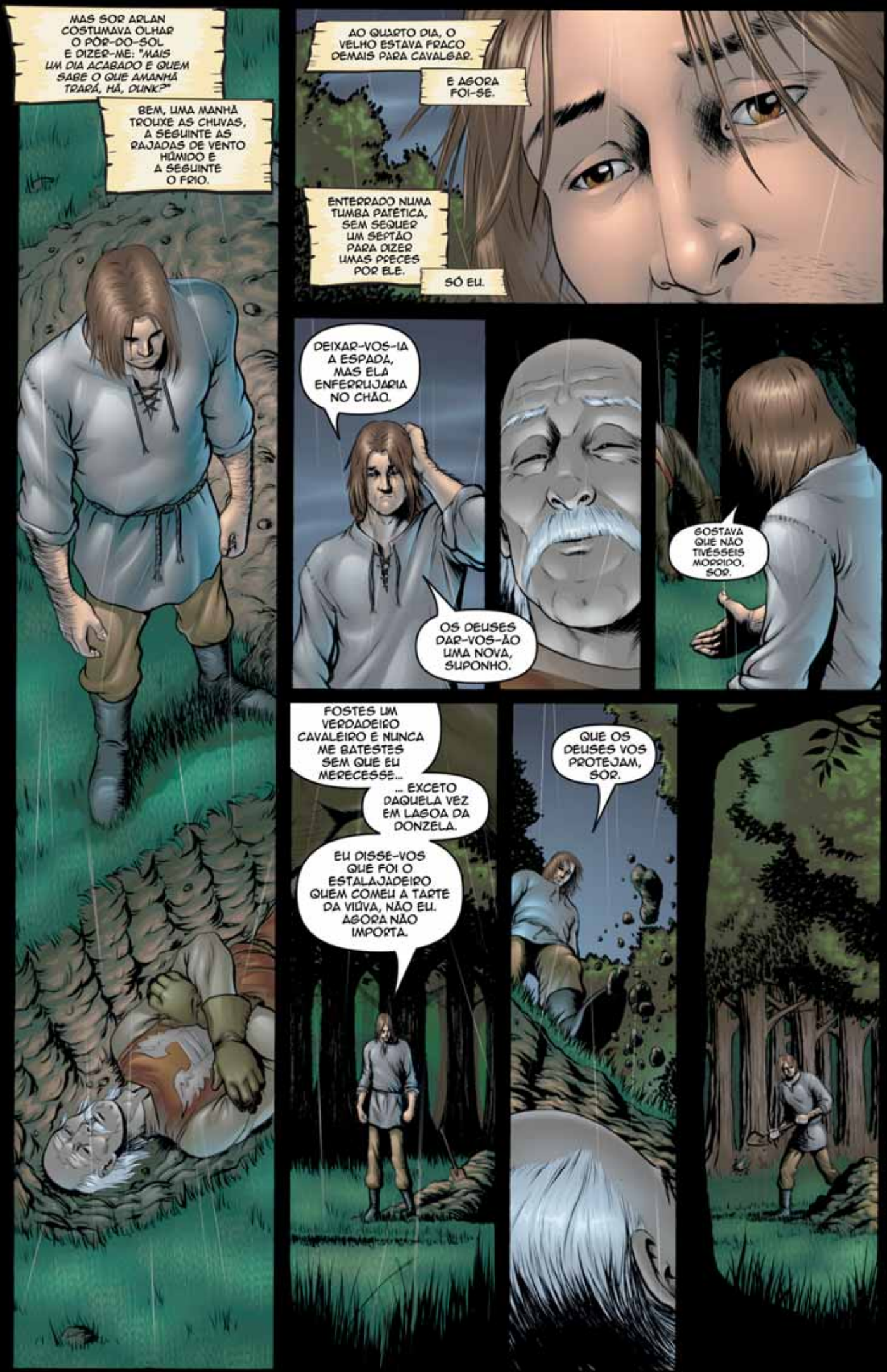
LEIA NAS PRÓXIMAS PÁGINAS UM EXCERTO DA BD *O CAVALEIRO DE WESTEROS* DE GEORGE R. R. MARTIN



ELE TEVE UMA VIDA LONGA, MAIS PERTO DE SESSENTA QUE DE CINQUENTA.
QUANTOS HOMENS PODEM DIZER O MESMO? MESMO ASSIM...

JULGUEI QUE SERIA DIFERENTE.
SOR ARLAN MORREU COMO VIVEU – COMO *CAVALEIRO ANDANTE*.
CAVALGANDO DE CASTELO EM CASTELO.
SERVINDO ESTE SENHOR E AQUELE.
COMBATENDO NAS SUAS BATALHAS...
... E COMENDO NOS SEUS SALÕES ATÉ A GUERRA TERMINAR.
DEPOIS INDO EMBORA.
TAMBÉM HAVIA TORNEIOS DE VEZ EM QUANDO.

CLARO, SOR ARLAN JÁ NÃO JUSTAVA DESDE QUE ENFRENTOU O PRÍNCIPE DE PEDRA DO DRAGÃO EM PONTA TEMPESTADE, HÁ ANOS.
ARREMETERAM UM CONTRA O OUTRO UMA...
... E OUTRA VEZ.
QUANTAS VEZES FORAM? SETE?
NÃO INTERESSA.
APESAR DE TER PERDIDO, CONSIDEROU-A UMA VITÓRIA.
"NÃO É QUALQUER UM QUE SE PODE GABAR DE TER QUEBRADO SETE LANÇAS CONTRA O MELHOR CAVALEIRO DOS SETE REINOS," DIZIA.
ERA ASSIM QUE EU JULGAVA QUE ELE MORRERIA...
... NO CAMPO DE BATALHA, NÃO NA BERMA DUMA ESTRADA LAMACENTA.


MAS SOR ARLAN COSTUMAVA OLHAR O PÔR-DO-SOL E DIZER-ME: "MAIS UM DIA ACABADO E QUEM SABE O QUE AMANHÃ TRARÁ, HÃ, DUNK?"
BEM, UMA MANHÃ TROUXE AS CHUVAS, A SEGUINTE AS RAJADAS DE VENTO HÚMIDO E A SEGUINTE O FRIO.
AO QUARTO DIA, O VELHO ESTAVA FRACO DEMAIS PARA CAVALGAR.
E AGORA FOI-SE.
ENTERRADO NUMA TUMBA PATÉTICA, SEM SEQUER UM SEPTÃO PARA DIZER UMAS PRECES POR ELE.
SÓ EU.
DEIXAR-VOS-IA A ESPADA, MAS ELA ENFERRUJARIA NO CHÃO.
OS DEUSES DAR-VOS-ÃO UMA NOVA, SUPONHO.
GOSTAVA QUE NÃO TIVÉSSEIS MORRIDO, SOR.
FOSTES UM VERDADEIRO CAVALEIRO E NUNCA ME BATESTES SEM QUE EU MERECESSE...
... EXCETO DAQUELA VEZ EM LAGOA DA DONZELA.
EU DISSE-VOS QUE FOI O ESTALAJADEIRO QUEM COMEU A TARTE DA VIÚVA, NÃO EU. AGORA NÃO IMPORTA.
QUE OS DEUSES VOS PROTEJAM, SOR.

E AGORA, PASSO-SUAVE?
SE VENDESSE O TROVÃO E O VELHO CASTANHA, E AS SELAS E FREIOS, ARRANJARIA PRATA SUFICIENTE PARA...
NÃO.
A VIDA DE CAVALEIRO ANDANTE É A ÚNICA QUE CONHEÇO.
PODIA ENCONTRAR OUTRO CAVALEIRO ANDANTE A PRECISAR DE ESCUDEIRO QUE LHE TRATASSE DOS ANIMAIS E LIMPASSE A MALHA.
OU PODIA IR PARA ALGUMA CIDADE -- LANISPORTO OU PORTO REAL -- E ALISTAR-ME NA GUARDA.
OU...

AJUSTA-SE TÃO BEM AO MEU PUNHO COMO AO DELE.
E HÁ UM TORNEIO NO CAMPO DE VALFREIXO...

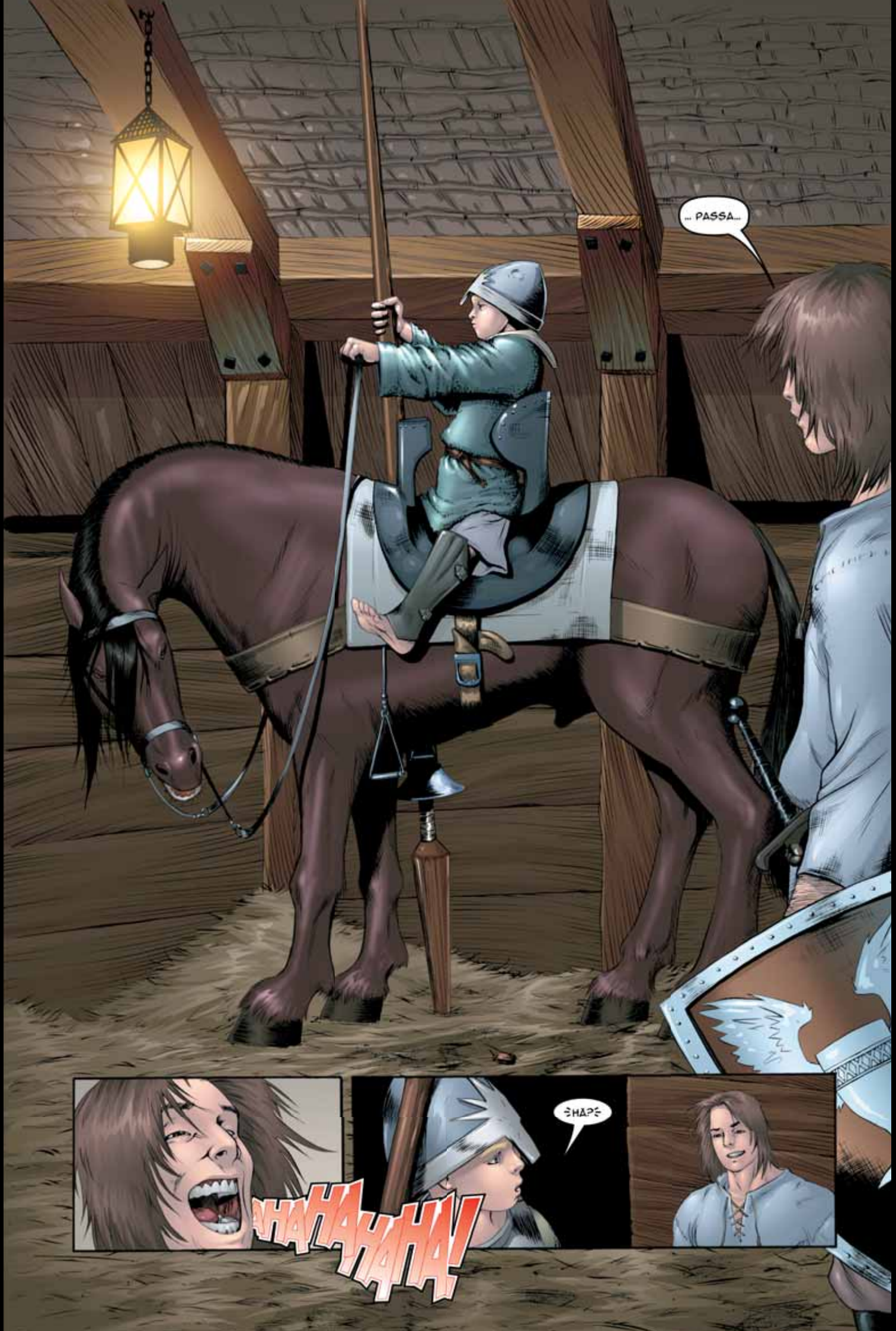
O VELHO DEIXOU TRÊS VEADOS DE PRATA -- DÃO PARA UMA BOA REFEIÇÃO E TODA A CERVEJA QUE QUISER BEBER -- E DEZANOVE MOEDAS DE COBRE.
A TÉPIDA LUZ AMARELA QUE JORRA DAS JANELAS DA ESTALAGEM É CONVIDATIVA, MAS É MELHOR EU TER CUIDADO COM O DINHEIRO.
EMBORA NADA HAJA DE MELHOR QUE UM COLCHÃO FOFO DE PALHA E UM TETO SOBRE A CABEÇA DEPOIS DUMA BOA REFEIÇÃO QUENTE, ESTA NOITE O CHÃO VAI SERVIR.
ÉS O MOÇO DE ESTREBARIA?
VOU QUERER O PALAFRÉM ESCOVADO. E AVEIA PARA OS TRÊS. PODES TRATAR DELES?
PODIA.
SE QUISESSE.
NÃO QUERO OUVIR MAIS DISSO. SOU UM *CAVALEIRO*, FICA SABENDO.
NÃO TENS AR DE CAVALEIRO.
OS CAVALEIROS TÊM TODOS O MESMO AR?
NÃO, MAS TAMBÉM NÃO TÊM O TEU. O TEU CINTURÃO É DE *CORDA*.
DESDE QUE ME SEGURE A BAINHA, SERVE.
TRATA-ME DOS CAVALOS. RECEBES UM COBRE SE TRATARES BEM E UM CAROLO NAS ORELHAS SE NÃO.

SENTAI-VOS ONDE QUISERDES.
É CERVEJA QUE QUEREIS, OU COMIDA?
AMBAS!
BEM, TENDES TAMANHO PARA ISSO.
TAMBÉM QUEREIS UM QUARTO?
NÃO. COMIDA, BEBIDA, E ALA PARA VALFREIXO.
AINDA É MUITO LONGE?
HÁ BOM CARNEIRO, ASSADO EM CROSTA DE ERVAS, E UNS PATOS QUE O MEU FILHO CAÇOU.
QUE QUEREIS?
AMBOS!
UM DIA A CAVALO.
O MEU MOÇO ESTÁ A TRATAR-VOS DOS CAVALOS, OU VOLTOU A FUGIR?
NÃO, ELE ESTÁ LÁ.
PARECEIS NÃO TER FREGUESES.
METADE DA VILA FOI AO TORNEIO.
OS MEUS TAMBÉM IAM, SE EU DEIXASSE.
O MOÇO GOSTA DE ANDAR POR AÍ A PAVONEAR-SE COM SOLDADOS E A MOÇA PÕE-SE AOS RISINHOS E SUSPIROS SEMPRE QUE UM CAVALEIRO PASSA POR CÁ.
NÃO PERCEBO PORQUÊ. CAVALEIROS SÃO FEITOS DO MESMO DOS OUTROS HOMENS, E NUNCA SOUBE DUMA JUSTA QUE MUDASSE O PREÇO DOS OVOS.
TAMBÉM IDES PARA O TORNEIO?

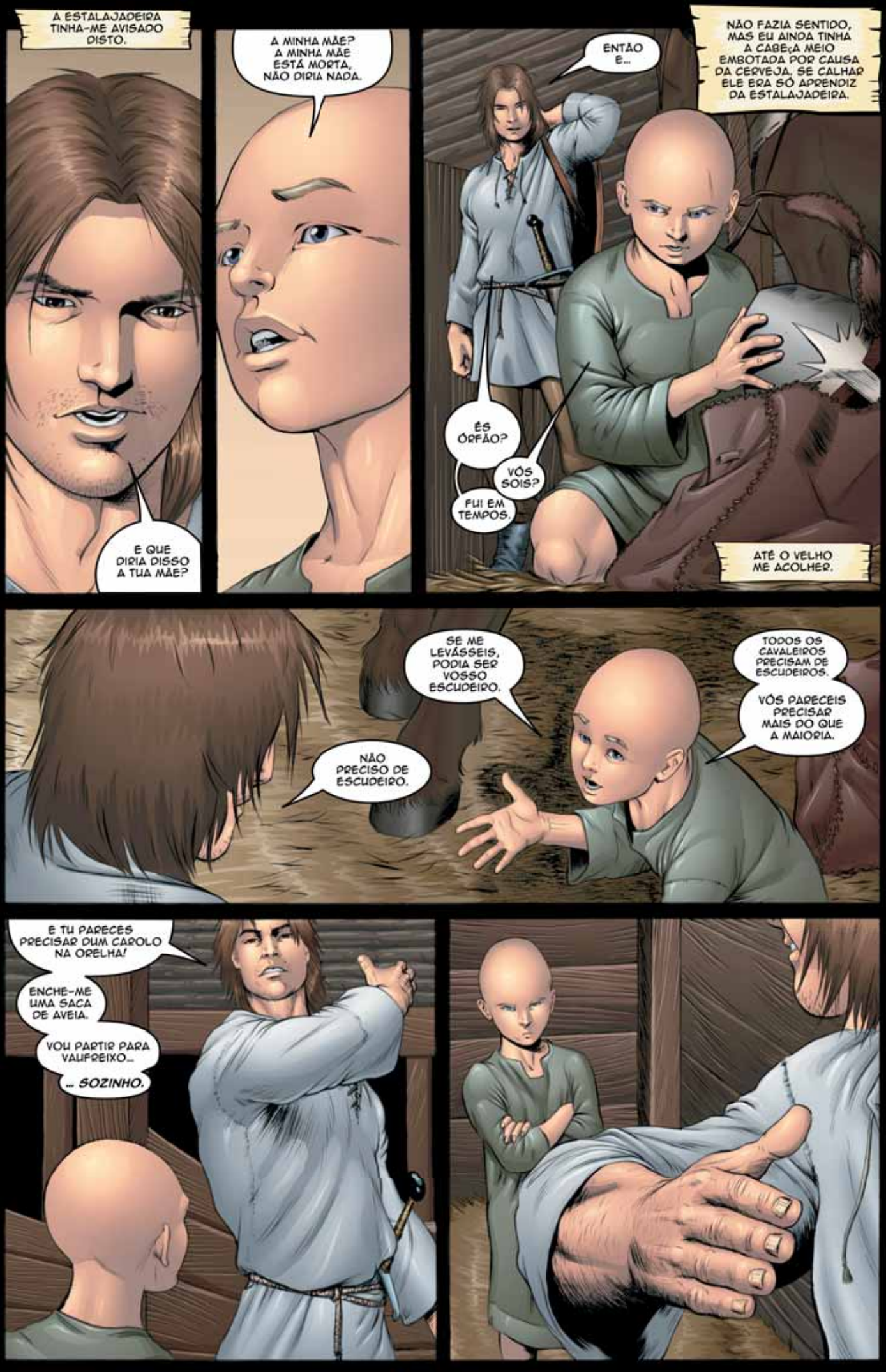
SIM.
QUERO SER CAMPEÃO.
TU!
AH SIM?

SONHEI CONTIGO.
FICA LONGE DE MIM, ESTÁS A OUVIR?
FICA BEM LONGE!
SENHOR?
NÃO LIGUEIS ÀQUELE, SOR.
ELE SÓ BEBE E FALA DOS SONHOS.
VOU BUSCAR A COMIDA.
COMIDA?
VOU VOMITAR.
QUERIA UMA AMEIXA, MAS NÃO HÁ CÁ AMEIXAS.
FORAM TODAS PARA CAMPO DE VALFREIXO.
DEUSES, PRECISO DE VINHO...

O CARNEIRO FOI O MELHOR QUE JÁ COMI...
... E O PATO ESTAVA AINDA MELHOR.
BEBI UMA SEGUNDA CANECA DE CERVEJA COM A REFEIÇÃO, UMA TERCEIRA PARA EMPURRAR PARA BAIXO, E UMA QUARTA PORQUE NÃO HAVIA NINGUÉM PARA ME DIZER QUE NÃO.
PAGUEI À MULHER COM UMA PRATA E AINDA RECEBI DE TROCO UMA MANCHEIA DE COBRES.
SER CAVALEIRO É ISTO.
BOA COMIDA, CERVEJA SEMPRE QUE QUISER E NINGUÉM PARA ME DAR CAROLOS.
NEEEIGH
CALMA MOÇO.
QUÊ?
QUE SE...


... PASSA...
HAHAHAHA!
HAP!

SENHOR, EU NÃO QUERIA...
LADRÃO.
DESPE A ARMADURA E FICA FELIZ POR TROVÃO NÃO TE TER ESCOICEADO ESSA CABEÇA PARVA.
É UM CAVALO DE GUERRA, NÃO UM PÓNEI DE RAPAZ.
PODIA MONTÁ-LO TÃO BEM COMO VÓS.
FECHA A BOCA... NÃO QUERO OUVIR A TUA INSOLÊNCIA.
O LORIGÃO TAMBÉM, DESPE-O.
JULGAVAS QUE ESTAVAS A FAZER O QUÊ?
COMO É QUE POSSO DIZER-VOS COM A BOCA FECHADA?
PODES ABRIR A BOCA PARA RESPONDER.
AGORA PEGA NESSA COTA DE MALHA, SACODE-A E VOLTA A PÔ-LA ONDE A ENCONTRASTE.
E O ELMO TAMBÉM.
ALIMENTASTE OS CAVALOS E ESCOVASTE PASSO-SUAVE COMO TE DISSE?
SIM.
IDES PARA VAUFREIXO, NÃO IDES?
LEVAI-ME CONVOSCO, SOR.


A ESTALAJADEIRA TINHA-ME AVISADO DISTO.
E QUE DIRIA DISSO A TUA MÃE?
A MINHA MÃE? A MINHA MÃE ESTÁ MORTA, NÃO DIRIA NADA.
NÃO FAZIA SENTIDO, MAS EU AINDA TINHA A CABEÇA MEIO EMBOTADA POR CAUSA DA CERVEJA. SE CALHAR ELE ERA SÓ APRENDIZ DA ESTALAJADEIRA.
ENTÃO E...
ÉS ÓRFÃO?
VÓS SOIS?
FUI EM TEMPOS.
ATÉ O VELHO ME ACOLHER.
SE ME LEVÁSSEIS, PODIA SER VOSSO ESCUDEIRO.
NÃO PRECISO DE ESCUDEIRO.
TODOS OS CAVALEIROS PRECISAM DE ESCUDEIROS.
VÓS PARECEIS PRECISAR MAIS DO QUE A MAIORIA.
E TU PARECES PRECISAR DUM CAROLO NA ORELHA!
ENCHE-ME UMA SACA DE AVEIA.
VOU PARTIR PARA VAUFREIXO...
... SOZINHO.

É PENA NÃO PODER LEVÁ-LO COMIGO...
... MAS ELE TEM AQUI UMA BOA VIDA NA ESTALAGEM, MELHOR DO QUE SE FOSSE ESCUDEIRO DUM CAVALEIRO ANDANTE.
LEVÁ-LO NÃO SERIA NENHUMA BONDADE.
TOMA, MOÇO, PELA AJUDA.
LEVÁ-LO NÃO SERIA NENHUMA BONDADE, DISSE OUTRA VEZ A MIM PRÓPRIO.
MAS AO AVANÇAR PELA ESTRADA SENTIA O MOÇO DE ESTREBARIA A OBSERVAR-ME AS COSTAS, AMUADO E SILENCIOSO.

/// por João Seixas

Pequenos Prazeres INCONFESSÁVEIS

ou

POR FAVOR, NÃO ME MORDA NAS MAMINHAS

"He who fights with monsters might take care lest he thereby become a monster. For if you gaze for long into the abyss, the abyss gazes also into you."

Friedrich Nietzsche,
Beyond Good and Evil (1886)

"Every search for a hero must begin with something every hero requires… a villain."

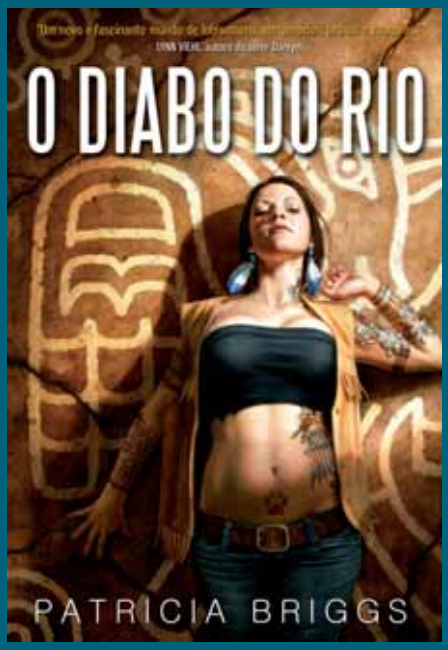
Robert Towne, argumento para
Mission: Impossible II (2001)

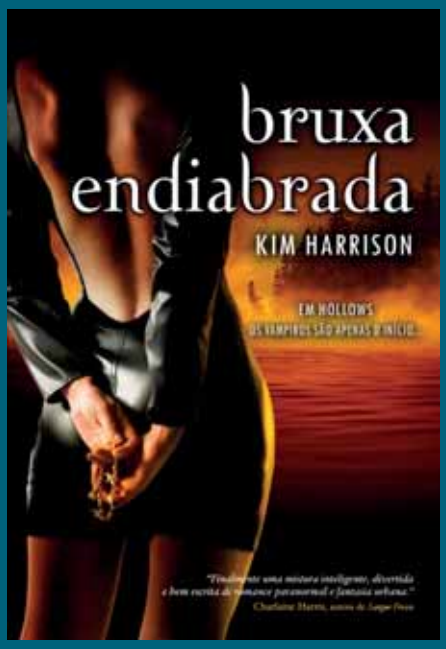
NOVOS MAPAS, TERRITÓRIOS BATIDOS

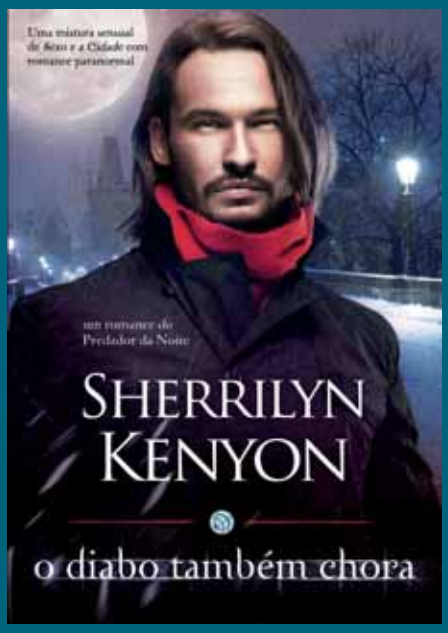
"*Estávamos em meados de Novembro. Devia estar a fazer jogging, mas, ao invés, estava sentada à mesa do pequeno-almoço a falar sobre homens, sexo, lobisomens, vampiros e aquilo que todas as mulheres solteiras e sexualmente activas mais temem – o período atrasado.*"[1] De certa forma, esta citação quase poderia encapsular o panorama actual da publicação de Literatura Fantástica em Portugal. Uma olhadela para os tops de literatura de género, ou para os catálogos das editoras, parece confirmar essa impressão: as estantes estão repletas de obras que misturam mulheres jovens, monstros sedutores, e conversas desinteressantes sobre a realidade quotidiana e os fastidiosos problemas da identidade feminina. De forma vernacular, poderíamos transcrever aqui uma frase repetida vezes sem conta por inúmeros leitores (regra geral do sexo masculino) que saem desalentados das livrarias onde antes pululavam os heróis da banda desenhada, os *tie-in* dos videojogos, os Conans musculados e a viril ficção científica: "*livros escritos por gajas, sobre gajas, e para gajas*"[2]. No entanto, se de facto a quase totalidade dessas obras é efectivamente escrita por mulheres, e tem mulheres como personagens principais, seria demasiado redutor limitar os seus destinatários àquelas, ou a sua temática aos encontros e desencontros amorosos das suas protagonistas. Seria não só redutor, como completamente errado.

E no entanto, as nossas editoras parecem apostadas em conseguir precisamente esse efeito, forçando a identificação de obras díspares sob um mesmo visual ou uma categorização editorial homogénea, no que prestam mau serviço, não só aos leitores como às próprias obras. O problema essencial reside, obviamente, no completo desfasamento do mercado editorial português face à evolução da literatura fantástica, que se traduz na necessidade de reinventar sucessivamente novas classificações sempre que uma obra em especial força um redesenho do padrão de consumo do público leitor, também ele desfasado em relação ao corpus de obras que compõem cada género, e identificando-se com os seus congéneres internacionais apenas no que respeita àquelas que adquirem um reconhecimento popular anormal e se tornam assim fenómenos de vendas transfronteiriços. Esta percepção dos géneros unicamente através dos picos de vendas, leva a um entendimento da sua evolução através de saltos súbitos, uma espécie de geração espontânea de modelos de escrita e de leitura que, fazendo tábua rasa do desenvolvimento dos seus modos e formas, gera um anacronismo referencial que tende a aglutinar obras díspares em torno do epifenómeno de vendas ocasional.

No caso que aqui tratamos, esse epifenómeno foi a publicação da tetralogia *Twilight*. de Stephenie Meyer. Inicialmente apresentada de forma variável como *Literatura Fantástica, Fantasia* ou *Horror* pela sua editora nacional (Gailivro, depois LeYa-Gailivro), não tardou a acolher-se sob o género do Romance Paranormal, arrastando consigo todas as obras que, publicadas na sua esteira (ainda que anteriores em termos de edição original), se lhe assemelhassem minimamente nos seus elementos essenciais. E os seus elementos essenciais são bastante simples: uma jovem adolescente, filha de pais separados, muda-se para uma cidadezinha do interior do estado de Washington, onde se apaixona perdidamente por um vampiro que se recusa a alimentar de sangue humano (e que ademais é capaz de expor-se ao sol e cintila quando molhado), expendendo centenas de páginas a descrever os inúmeros obstáculos a um amor aparentemente impossível. Esta súmula não abarca todos os aspectos da narrativa – que, pese embora a irrecuperável inépcia da autora no que concerne ao mérito literário, suscita diversas questões relevantes[3] para o que *infra* se dirá – no entanto representa, de certa forma, a comunidade de elementos que os leitores esperam encontrar nas obras de au-







toras como Laurell K. Hamilton, Patricia Briggs, Charlaine Harris, Kim Harrison, Sherrilyn Kenyon, Richelle Mead, Jeaniene Frost, L.A. Banks ou Kelley Armstrong que, entre outras, com ela são aglutinadas sob a mesma designação. E que, porém, não podiam, na maior parte dos casos, ser mais radicalmente opostas.

Para ser mais preciso, poder-se-ia mesmo observar que Meyer[4] é o patinho feio deste elenco de autoras, situando-se cabalmente na linha de fronteira entre o *romance adolescente* (com o seu ênfase nos perigos do sexo, da dependência e da gravidez adolescente) e o *romance paranormal*, misturando ambos de uma forma que, claramente, encontrou eco e receptividade num número inacreditavelmente grande de leitores. Número esse que se torna ainda mais surpreendente quando ponderamos que nele se incluem leitores e leitoras de todas as idades e estratos sociais, e que o modo de tratamento da sua temática (vide nota 3) parece ir em sentido oposto ao da corrente de autoras que neste momento são encaixadas nessa categoria. O que pretendo aventar, porém, é que em última instância a saga de Meyer segue um caminho distinto – ou melhor dizendo, um atalho, cortando a direito pelo simbólico e prescindindo de qualquer subtileza – para chegar ao mesmo resultado que as suas concorrentes mais capazes, permitindo-nos concluir que este fenómeno *ilusoriamente* recente do Romance Paranormal traduz uma forte carga de ressonância com grande parte da população de leitores, porque sintomatiza os incómodos e aspirações de homens e mulheres confrontados com os novos papéis dos géneros numa era pós-feminista.

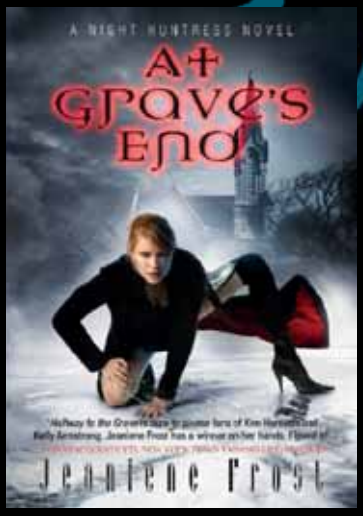
DESVIO PELO PASSADO

Para compreender o que quero dizer, ser-nos-á necessário fazer um desvio pelo passado, e nada melhor do que começar por definir os conceitos operativos que aqui estão em causa, tarefa que se torna difícil precisamente porque o tipo de obras em análise, como veremos, veio provocar uma inesperada fluidez entre subgéneros da Fantasia, num fenómeno que não é exclusivamente nacional. Igual dificuldade foi também sentida por Safaa Dib, nas páginas desta mesma publicação, ao caracterizar estes textos como sendo "*casos muito curiosos de fantasia urbana, ou romance paranormal ou mesmo uma fusão de ambos*"[5].

Na génese de tal classificação encontra-se a confluência de dois elementos preponderantes: por um lado, a relação amorosa da protagonista típica destas nar-

rativas, estabelecendo o elemento de Romance; e, por outro lado, o facto de essa relação amorosa ter como parceiro afectivo uma criatura sobrenatural, a maior parte dos casos um vampiro ou um lobisomem, mas podendo percorrer a taxonomia teratológica de A a Z – o mesmo é dizer, de Anjo a Zombie – e estabelecendo assim o qualificativo paranormal. A realidade, porém, é bastante mais complexa, e deve ter em linha de conta não só a preponderância de tais elementos sobre o fluxo narrativo, mas também o facto de que na esmagadora maioria dos casos (diria mesmo que com excepção das mais recentes cristalizações do Romance Paranormal em sentido próprio, ou puro), a narrativa apresenta uma realidade alternativa (vejam-se as séries *Anita Blake* e *Meredith Gentry* de Laurell K. Hamilton, *Sangue Fresco* de Charlaine Harris, *Casa da Noite* das mãe e filha Cast, *Rachel Morgan* de Kim Harrison, ou *Mercy Thompson* de Patricia Briggs), em que os "monstros" não são criaturas sobrenaturais, mas apenas membros de uma outra espécie, cujas origens e comportamento encontram uma explicação científica, no campo da zoologia, o que claramente coloca estas obras na área de intersecção da *Dark Fantasy*, da Fantasia Contemporânea e da Fantasia Urbana[6].

Porém, debalde se buscará a entrada correspondente ao Romance Paranormal na *Encyclopedia of Fantasy* (1996) de Clute e Grant, ou na mais recente *Encyclopedia of Fantasy and Horror Fiction* (2006) de Don D'Ammassa. E, no entanto, num estudo publicado em 2001 no *Journal of the Fantastic in the Arts*, Lee Tobin-McLaine, citando dados da *Romance Writers Association*, assegura-nos que "*cinquenta e quatro por cento dos livros de ficção vendidos em paperback são romances, e o romance paranormal – ou seja, romances que incluem algum elemento para lá das capacidades de explicação científica, como é o caso dos fantasmas ou das viagens no tempo – rivalizam, ou ultrapassam mesmo em popularidade as novelas de Fantasia que contêm idênticos elementos*"[7]. Mas as autoras que escrevem estes romances paranormais no virar do século não se confundem com Laurell K. Hamilton, que



começou a escrever a série Anita Blake em 1993, ou com Chelsea Quinn Yarbro, que estreara a série protagonizada pelo vampiro Saint-Germain em 1978, com *Hotel Transylvania: a Novel of Forbidden Love*; aliás, é pouco provável que qualquer leitor habitualmente atento aos (sub)géneros da Fantasia e do Fantástico tenha alguma vez ouvido falar de Emilie Richards, Justine Dare, Jayne Castle (Jayne Ann Krentz) e Susan Carrol, ou de obras como *The Female Eunuch* (1971), *The Bride Finder* (1998), *A Well Favored Gentleman* (1998), *Aquamarine* (1998) ou *Heaven's Time* (1998), que pese embora sejam romances paranormais em sentido puro, inserem-se na linha dos *Harlequin* ou *Barbara Cartland*. Neste tipo de texto, mulheres jovens (ou menos jovens), regra geral domésticas ou profissionais insatisfeitas, encontram o amor e a realização pessoal em mundos secundários, realidades alternativas ou entidades sobrenaturais, sendo que o desfecho narrativo assenta quase sempre numa indeterminação todoroviana quanto ao carácter de realidade ou sonho da experiência transformativa vivida pela protagonista.

O que é importante observar, porém, é que pese embora a grande popularidade do Romance Paranormal entre as leitoras, e de tal popularidade remontar ao início dos anos setenta do século passado, raramente aquele tinha conotação com os géneros do Fantástico, assumindo-se como literatura quase exclusivamente escapista[8], ou seja, como meio de proporcionar um universo irreal capaz de resolver, diegeticamente, os problemas amorosos/emocionais das protagonistas. Tanto assim é que, embora em 2000 existissem já vários estudos sobre o Romance e o Romance Paranormal[9], o *The Science Fiction and Fantasy Reader's Advisory* de 2002, organizado por Derek M. Buker, e editado pela *American Library Association* para orientar os seus associados na aquisição dos títulos mais relevantes para a rede de bibliotecas norte-americanas, não lista o Romance Paranormal como categoria do Fantástico – e com razão, pois ele pertence à categoria do Romance. É só em 2011, na introdução à antologia *Naked City: Tales of Urban Fantasy* que Ellen Datlow inclui o Romance Paranormal como subgénero da Fantasia Urbana[10].

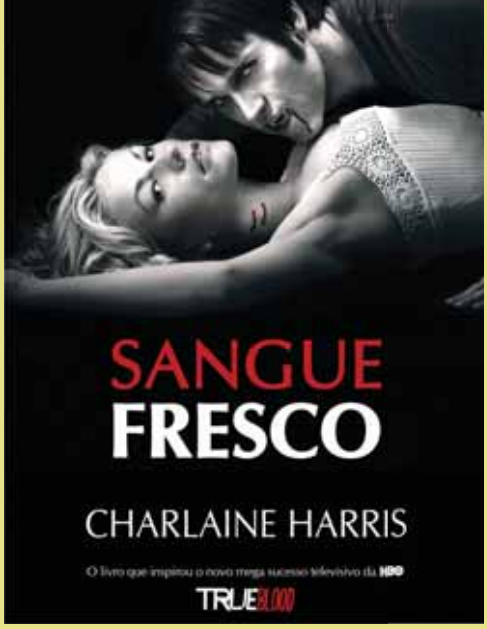
A associação de ambas as categorias por parte de uma editora experiente como Datlow, apenas pode entender-se levando em conta as imposições do mercado editorial em resposta à percepção popular dos consumidores na era pós-Meyer, e à crescente permeabilidade e osmose de elementos típicos e tipificadores entre elas. Para compreender esta osmose – e também o ponto de ruptura entre o Romance Paranormal e a Fantasia Urbana – importa descobrir quais os elementos definidores do Romance: para Denis de Rougemont[11], todos os romances dos últimos sete séculos são variações do tema central de *Tristão e Isolda*, adquirindo especial preponderância os obstáculos que os amantes devem enfrentar até poderem ficar unidos. Só quando o casal de amantes enfrenta um obstáculo com potencial trágico pode a sua relação considerar-se verdadeiramente romântica.

Ora, conjugando esse elemento com a introdução do sobrenatural, poderemos afirmar, sem grande margem de erro, que estaremos perante um exemplo de Romance Paranormal sempre que os elementos sobrenaturais sejam determinantes para o potencial trágico da relação afectiva dos protagonistas, sejam estes humanos ou sobrenaturais, ou sejam de natureza humana ou sobrenatural os obstáculos a essa relação. A ênfase deve, assim, ser colocada nos *obstáculos à relação amorosa das protagonistas* das obras que vimos analisando, e *não na própria relação*. Esta, como veremos, tem um significado próprio no contexto da moderna Fantasia Urbana, mas não é, em si, um elemento essencial caracterizador do Romance Paranormal. O mesmo é dizer, todos os Romances Paranormais assentam numa relação amorosa com elementos sobrenaturais, mas nem todos os textos que apresentem idêntica relação pertencem ao Romance Paranormal.

A FANTASIA URBANA FEMININA COMO ACTUALIZAÇÃO DO GÓTICO

Num tão curto espaço, seria estéril tentar abordar de forma aprofundada – ou sequer resumir – o vasto e variegado número de obras que compõem ambos os subgéneros, mas talvez não fosse displicente procurar determinar quais os pontos de contacto entre elas, e a partir deles traçar uma linha de continuidade para com o antepassado distante que, parece-me, exerce ainda uma influência determinante. Uma ajuda preciosa na obtenção de uma pedra-de-toque é-nos dada por Patricia Briggs[12], autora da série *Mercy Thompson*: "*Quando a minha editora me ligou a pedir que escrevesse uma Fantasia Urbana (…) disse-me que queria que a história se centrasse em vampiros e lobisomens, e que tivesse «uma protagonista forte com uma vida amorosa complicada», vida amorosa essa que deveria estar ligada aos vampiros e lobisomens.*" Esta simples orientação, reduzindo as variações temáticas aos seus elementos mais ou menos invariáveis, engloba claramente a obra de qualquer das autoras cimeiras da Fantasia Urbana Feminina. Ora, se os vampiros e os lobisomens, por si, não suscitam grandes dúvidas interpretativas, que dizer da atormentada protagonista? Quais os pontos de contacto entre personagens aparentemente tão díspares quanto Anita Blake, Mercedes Thompson, Sookie Stackhouse, Rachel Morgan, Cat Crawford, Eugenie Markham, ou Damali Richards?

Essencialmente todas elas são jovens, com idades compreendidas entre os dezoito e os trinta e cinco anos, solteiras (ou mães solteiras, como sucede na série *Women of the Otherworld* de Kelley Armstrong),



órfãs de pelo menos um dos progenitores (regra geral o pai), crentes (com preponderância para o catolicismo, protestantismo ou crenças *New Age*, com especial destaque para a *Wicca*), de alguma forma marcadas (por cicatrizes, físicas e/ou emocionais, ou por poderes paranormais que as atormentam), profissionais independentes ou quadros de empresa com responsabilidades acrescidas e bem-sucedidas financeiramente, e o mais curioso e problemático: virgens – ou, quando não, caracterizadas por uma vida sexual escassa[13].

Não nos é exigido um grande esforço procústeo para ver nelas manifestações do modelo da mulher moderna inserida no mercado de trabalho que percebe ainda dominado maioritariamente por homens, obrigando-a a ser duplamente dura, implacável e determinada; no entanto, não é maior o esforço necessário para encontrar nelas as descendentes do modelo da mulher Vitoriana, da heroína gótica e, por intermédio do vampiro, uma actualização incontroversa da dualidade que Stoker introduziu nas suas personagens Lucy Westenra e Mina Harker, no imortal e seminal *Dracula* (1897). E não se pense que a analogia é fortuita; muito pelo contrário. A primeira referência feita a Mina coloca-a no centro da esfera doméstica. Logo na primeira página do livro, lemos no diário de Jonathan Harker: "*Para jantar, ou melhor, cear, provei uma galinha preparada de alguma forma com pimenta vermelha, que estava muito boa mas fazia sede (Lembr. Obter a receita para a Mina*")[14]. Enquanto Jonathan, o marido, viaja pela Europa em negócios, esperamos encontrar a esposa em casa, gerindo as lides domésticas, perfeita corporização do ideal da mulher inglesa. No entanto, com o avançar da narrativa, os papéis invertem-se, e é Jonathan quem adquire um comportamento passivo, indeciso, *efeminado*, e Mina quem proporciona os meios para derrotar o vampiro, assumindo-se como a epítome, não da mulher Vitoriana, mas da *new woman*,

da mulher que trabalha, que domina as tecnologias nascentes, que possui afluência e influência financeira. Como observa o sábio Van Helsing em determinado momento, "*Ah, esta maravilhosa Senhora Dona Mina! Tem um cérebro de homem – um cérebro digno de um homem que fosse muito dotado – e um coração de mulher. O bom Deus moldou-a para um propósito bem definido, creiam-me, quando criou tão perfeita combinação*"[15].

Lucy é o reverso de Mina, ansiando pelas atenções dos seus três pretendentes e questionando-se por que razão lhe não era permitido casar com todos eles ao mesmo tempo (uma questão central à resolução do típico triângulo amoroso característico do Romance, e que ressurge constantemente nas obras de Fantasia Urbana Feminina, a que apenas Anita Blake viria a conseguir responder com sucesso, abandonando o modelo de monogamia, simples ou sucessiva, das suas congéneres). Nas palavras de Robin Wood, Lucy "*corporiza o ideal Vitoriano mais óbvio do que é esperado de uma mulher: indefesa, um pouco pateta, irresistivelmente bonita, drasticamente carente da protecção e da liderança de um homem bom, forte e nobre*", ao passo que Mina acrescenta inteligência, assim aperfeiçoando o ideal. "*E ao aperfeiçoar o ideal, cria problemas*"[16].

Mina é a primeira a formar um laço de união íntima com o monstro, com o vampiro. Uma união cujos efeitos permaneceriam latentes durante quase cem anos, mas sem a qual não teria sido possível a gestação desta nova heroína através de um processo de maturação cultural que decorreu em paralelo próximo com a realidade. Não só a mulher Vitoriana se emancipou, mas o próprio monstro se humanizou, forçando uma reperspectivação da normal articulação narrativa do papel dos géneros e da disposição dos tropos em redor do eixo do bem e do mal. Reperspectivação esta que espelhou as guerras dos sexos dos anos70-90 do século XX.

MONSTROS OU HERÓIS ROMÂNTICOS?

O primeiro afloramento deste fenómeno surge por mãos de Anne Rice em *Entrevista com o Vampiro* (1976), primeiro volume das suas *Crónicas dos Vampiros*, um ciclo determinante para a posterior evolução do vampiro (literário e cinematográfico). Em Louis e Lestat, Rice apresenta-nos a perspectiva do vampiro, um vampiro humanizado, que se apresenta agora atormentado pela sua condição, à qual chegou privado de escolha própria, depredado por outro vampiro. O mostro assume o papel de vítima e, narrando a sua história na primeira pessoa – permitindo-nos aceder directamente à sua experiência pessoal – obriga-nos a uma identificação com o monstro, com o Outro. Um fenómeno que é reproduzido por esta nova leva de autoras que, com excepção de Kenyon e Banks, se servem também da narrativa na primeira pessoa para forçar uma identificação com as suas personagens que, subtilmente, de forma discreta, são também – como veremos – um elemento de radical alteridade. A consequência primeira foi a *perda de poder simbólico do vampiro*, despromovido de metáfora do mal absoluto, transcendental, a mera metonímia do marginalizado, do *outcast*, "*de Anti-Cristo a Ted Bundy*", para recorrer à imagem de Jules Zanger, no seu seminal ensaio sobre o tema[17]. A segunda grande consequência, foi *a gregarização do vampiro*; até então um predador solitário, transforma-se agora em elemento integrante de um grupo, sujeito a hierarquias, lutas políticas

e manobras pelo posicionamento na escala de poder e pela possibilidade de influenciar a determinação da política alimentar do grupo (e, consequentemente, a sua relação com a humanidade). Introduzida a partidarização entre os monstros (decorrência natural da gregaridade e necessidade narrativa de existência de conflito), ocorre necessariamente uma partidarização dos afectos do leitor: subitamente, os monstros dividem-se em *bons* e *maus*, consoante se posicionem face às suas presas naturais.

Se esta evolução deixa transparecer uma maior consciência ambiental emergente dos anos sessenta do século passado, é coeva e consentânea com a emergência do *novo homem sensível*, nado em resposta às exigências da mulher feminista de finais dos anos setenta, e que viria a ser a epítome do masculino nos cinzentos anos noventa, quando nascem as novas caçadoras de vampiros, sensuais, femininas e duronas como Anita Blake (1993) ou Buffy (1992, 1997-2002), e se consolidam os novos vampiros efeminados e sensíveis (quando não abertamente homossexuais) como Lestat ou Saint-Germain. Momento determinante na actualização do paradigma Gótico é o tremendo sucesso revisionista do *Bram Stoker's Dracula* (1992) de Francis Ford Coppola, que transforma o monstro de Stoker num herói romântico e atormentado, embrenhado numa vingança contra um Deus cruel e impiedoso, e que atravessa "oceanos de tempo" (numa das formulações mais lamechas e sacarinas de sempre) apenas para encontrar a sua amada Elizabeth, reencarnada em Mina Harker; todos estes elementos são não canónicos e foram acrescentados à mitologia stokeriana por Coppola, tornando-se surpreendentemente dominantes na memória e percepção de muitos consumidores habituais de literatura e cinema fantásticos, bem atestando da forte ressonância que tais acréscimos encontraram com os seus consumidores. Os laços com as obras que vimos analisando são por demais evidentes. A original caçadora de vampiros, Mina Harker, converte-se no objecto de afecto do monstro que, *in illo tempore*, jurara destruir.

EROTICA TERATOLOGICA

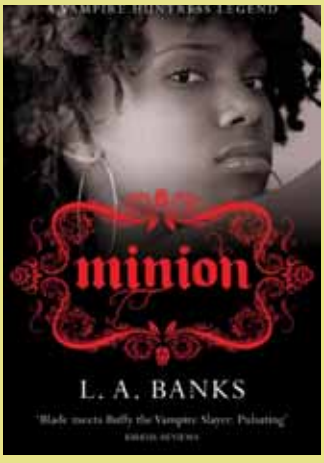
Cada herói tem que ter o correspondente vilão…

Mas que fazer quando o monstro foi humanizado, e a vítima se tornou predadora?

O feminismo furioso de finais dos anos 80, encabeçado pelas ridículas fúrias de Andrea Dvorkin e Catherine MacKinnon, tinha erigido o sexo e o homem como principais "monstros" no caminho da libertação feminina. O homem como eterno predador, o homem como eterno violador, o sexo como degradante objectificação da mulher, eram até então perfeitamente encarnados pelo vampiro, "*(…) aquele predador de falinhas mansas, sedutor, maligno, poderoso, imortal, praticamente invencível e que tem as cartas marcadas a seu favor. Um predador que as autoridades não conseguem encontrar e a que não sabem como reagir. Se isto não é o retrato de cada pedófilo, agressor doméstico e assassino em série… é tudo o que depreda predominantemente as mulheres na sociedade contemporânea. É por isso que os leitores se sentem atraídos por esta coisa das caçadoras de vampiros… porque querem justiça.*" No entanto, uma tal formulação torna-se problemática quando nos apercebemos que todas estas novas heroínas pós-feministas, incluindo a virginal Damali Richards, da própria L.A. Banks, autora da citação, têm um fraquinho por estes monstros. Não só isso, é apenas nas mãos destes predadores sobrenaturais que conseguem experimentar o verdadeiro amor e a mais completa satisfação sexual. Porque outra das características essenciais desta leva de obras é a abundante sexualidade (com maiores ou menores requebros na retórica anatómica, *explícita*) das suas protagonistas.

O vampiro, cabeça de fila do verdadeiro bestiário de amantes teratológicos, é a mais pura conjugação da polaridade eros/tanatos. O fascínio do vampiro corrompe, corrompe homens e mulheres, e corrompe, sobretudo, as retraídas virgens vitorianas. "*Ao fim e ao cabo, esperava-se da virtuosa mulher Vitoriana que não desfrutasse do sexo, mas que o suportasse, talvez rezando para passar o tempo e distrair a mente da inerente repugnância da operação*"[18].Por isso, a sedução pelo vampiro é quase sempre uma violação, uma degradação. O vampiro corrompe, mesmo quando acobertado sob as vestes principescas da nobreza, deixando intuir um subtexto de horror ao sexo, que talvez explique as relações assexuais de Bella e Edward, em *Twilight*, embora estas encontrem melhor justificação no mormonismo da autora e nas convenções do romance adolescente. Mas, mais importante do que isso, parece haver uma inegável relação entre a repressão sexual e a libertação através do *monstro*. Se é certo que "*a sexualidade representa também energia, poder, actividade: quando sublimada, é fonte de toda a criatividade, trabalho prazenteiro e realização pessoal*"[idem], não é menos certo que "*a potência sexual é uma metáfora habitual para o* empowerment *na literatura adolescente, daí que (…) para muitas personagens das novelas para jovens adultos, a experiência da sexualidade marca um rito de passagem que as ajuda a definir-se como tendo deixado para trás a infância*"[19]. A abundante sexualidade deste tipo de literatura emerge de dois factores concorrentes e complementares: desde logo, da emancipação do estatuto de passividade e de vítima das personagens femininas que a longeva tradição Vitoriana da literatura Fantástica alargou até ao último quarto do século XX e ao surgimento de autoras como Nancy Killpatrick, Nancy A. Collins, ou Tanith Lee; através de uma sexualidade transbordante, dir-se-ia mesmo que orgiástica, as mulheres levam a cabo o seu rito de passagem, assumindo o controlo das suas próprias vidas[20]. Não mais dispostas a tolerar a subalternidade no traçar do seu rumo pessoal, as virgens Vitorianas cresceram: como Cat Crawford riposta a Bones, o típico vampiro sensual, "*Don't kiss me like a woman, if you gonna treat me like a child.*"[21].

Por outro lado, o seu estatuto de caçadora de monstros - Anita Blake é referida como *Vampire Hunter*, Buffy, como *Vampire Slayer*, a série de L.A. Banks intitula-se *Night Huntress*, e a de Janiene Frost, simplesmente *Huntress* – leva-as necessariamente a um distanciamento físico e emocional do humano. O peso da responsabilidade (muitas vezes, a responsabilidade de salvar o mundo, a existência do próprio universo, ou de proteger a Terra das invasões infernais)



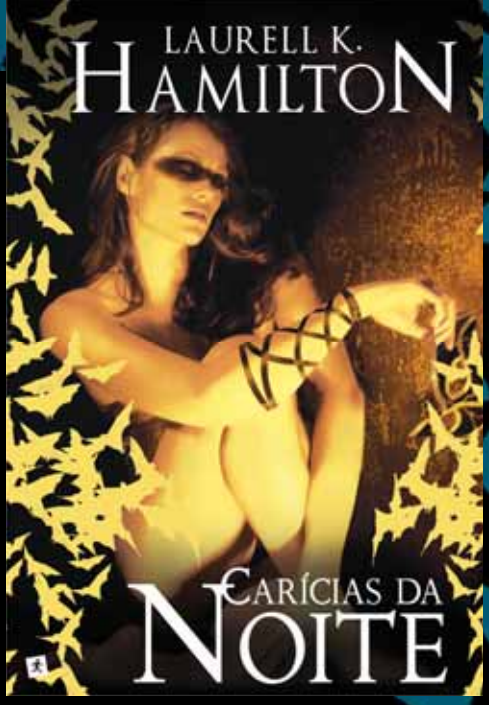
impõe uma aproximação ao monstro. De uma certa aceitação deste como único companheiro de luta, o monstro passa a ser encarado como o único amante possível[22]. Neste sentido, é paradigmático o caso de Sookie Stackhouse, onde essa formulação é literalmente verdadeira: incapaz de fazer amor devido à sua incontrolável telepatia, é apenas no silêncio do vampiro que consegue encontrar a realização sexual. Nesse contexto, adquire um duplo significado a primeira frase da vasta série: "*Esperava o vampiro há anos quando finalmente entrou no bar*"[23].

E, no entanto, é quase como se a sexualidade das protagonistas fosse independente destas. Cat Crawford utiliza o corpo para atrair vampiros, mas nunca permitiu que chegassem sequer a desapertar-lhe as calças, até conhecer Bones; Anita Blake passa metade dos 21 volumes da série como uma pudica católica, até o *ardeur* da linhagem de Belle Morte a tornar numa autêntica ninfomaníaca; Eugenie Markham, em *Storm Born*, é sexualmente arrebatada por Kyro num bar; Grace é o objecto das atenções de um incubo milenar (um Amante de Sonho como diz o título do livro). De certa forma, é quase como se elas não tivessem desejo próprio, como se este fosse algo alheio, despertado apenas pelos monstros e, como tal, algo monstruoso.

MONSTROS PARA UM NOVO MILÉNIO

Apar da maturidade feminina, porém, a extrema sexualidade do género afirma-se como uma reacção contra uma acentuada consciência de mortalidade. Devido à sua actividade principal no combate aos monstros, todas estas mulheres manifestam uma preocupação quase obsessiva com a morte. Em *Obsidian Butterfly* (2000), Anita Blake afirma que não espera sobreviver para lá dos trinta (p.241), ecoando idêntico sentimento de Buffy em "*What's my Line – Part 1*" (s02e09) quando diz que o futuro, para ela, é "*pretty much a non-issue*". Cat Crawford sente-se velha aos vinte e dois (*Halfway to the Grave*, p.89) e Eugenie Markham tem a certeza de que vai morrer antes de chegar a ter cabelos cinzentos (*Storm Born*, p.81). A ameaça inevitável de uma morte violenta exacerba naturalmente o princípio do prazer, conferindo à busca de satisfação sexual uma premência inaudita até então. A escolha do companheiro de cama, torna-se, assim, uma questão primacial.

O monstro humanizado e a heroína auto-suficiente, cuja evolução acompanhamos de forma sumária, cristalizaram-se nos anos 90 em torno do novo homem sensível, constantemente satirizado por Seinfeld, e da *power girl*, epitomizados pelo casal perfeito David Beckham (o original metrosexual)[24] e Victoria Adams (a *Posh Spice*). Os novos vampiros angustiados (os *new men* idealizados) são, paradoxalmente, no parecer de Milly Williamson[25], o equivalente moderno das heroínas vitorianas dos romances góticos. Louis e Lestat, feitos vampiros contra-vontade, são tão prisioneiros das circunstâncias como o eram as heroínas de Anne Raddcliff ou Bram Stoker, e ambos encontram o reflexo adequado nas novas heroínas não menos angustiadas que muitas vezes foram obrigadas a assumir a protecção da humanidade pela força contingente dos acontecimentos. Menos do que escolherem a sua actividade, são *chosen ones*, destinadas aos papéis que lhes tocou desempenhar. Ora, o processo de identificação das novas mulheres pós-feministas com o monstro, ambos *outsiders*, vem uma vez mais fechar o círculo. Mulheres e monstros continuam prisioneiros das circunstâncias, e ambos pretendem renunciar aos respectivos papéis. O novo homem sensível encarna as características que soemos encarar como femininas: sensibilidade, emotividade, passividade, fraqueza[26]. Pensar-se-ia ser a resposta perfeita às ambições femininas do amante ideal, popularizadas por romances e telenovelas, no entanto, anúncios de televisão como o do intervalo das 4:30 para ver o trolha a beber a coca-cola e séries como *Sex and the City*, deixavam bem claro (ainda que de forma satírica) que as mulheres consideravam que "*o homem classe média podia ser o novo homem, mas só o operário era um homem a sério*"[27]. Um homem de acção. Um homem capaz de satisfazer esta nova mulher na cama. Daí, sem dúvida, a tremenda capacidade sexual dos monstros (Jean-Claude, Richard, Vlahde, Kyrian, Bones, etc…), que unem a fisicalidade do operário com a sensibilidade do intelectual de sucesso.



A NOVA HEROÍNA

Em última análise, o que estes livros nos oferecem de novo, é a noção de uma heroína pós-feminista. Uma profissional competente, capaz de se bater com os monstros, de seduzir homens e monstros, ao mesmo tempo que parece incapaz de suportar as pressões do local de trabalho e a sempre presente ameaça da frustração das promessas/garantias de poder infinito/ poder na *workforce*, que o feminismo radical a convenceram ser seu.

Retirando o domínio da iniciativa sexual ao monstro/homem, conquistaram de pleno direito o seu lugar no mercado de trabalho e no imaginário popular, mas descobriram que, tal como o monstro se humanizou, também elas tiveram que se tornar monstros[28]. Anita Blake é paradigmática nesta evolução: os vinte e um volumes da sua série publicados até à data são o registo da sua transformação em monstro: "*I am a succubus. I am a vampire. Maybe not a bloodsucker, but I feed off sex. It isn't just Damian's life that can get drained away if I don't feed. Nathaniel will die. I will die.*" (*Danse Macabre*, p.515). Anita Blake precede em poucos anos o último passo desta evolução, aquele dado por Bella Swann na saga de Stephenie Meyer, único elemento redentor da tetralogia: Bella torna-se um monstro porque quer, e não por força das circunstâncias.

Procurei aqui acrescentar algo à compreensão do porquê do imenso sucesso da moderna Fantasia Urbana Feminina, demonstrando que vai mais além da escrita de livros "*por gajas, sobre gajas, para gajas*". Obviamente, o domínio editorial e o sucesso de um determinado género/livro num dado momento resulta quase sempre de vectores contingentes, regra geral epife-

noménicos e, simultaneamente, inevitáveis e irrepetíveis; inevitáveis, porquanto, numa análise retrospectiva, é difícil conceber a sua não verificação; irrepetíveis, porquanto resultantes de um processo cultural contínuo e ininterrupto. Porém, e não obstante essas considerações, precisar o porquê da identificação do público com determinado livro, seja porque este destila de forma melhor o *zeitgeist* do momento, ou porque consegue cristalizar nas suas personagens o ideal da maioria dos leitores, é uma questão que apenas poderia ser respondida (ou a resposta tentada) pela sociologia.

No entanto, é preciso ter em atenção que quando se trata de fenómenos de tão ampla dimensão, e capazes de agregar um tão grande número de leitores, estes têm sempre uma dimensão mais, que nos escapa a uma primeira leitura. Afinal,

"Such an audience needs something stronger than a pretty little love story"

Mary Shelley (Elsa Lanchester) in *Bride of Frankenstein* (1935) **BANG!**

João Seixas nasceu em Viana do Castelo em 1970. Licenciado em Direito e advogado, é também crítico na área do fantástico na revista "Meus Livros" e publicou contos e ensaios em diversos suplementos, revistas e antologias.

[1] Tradução a partir de Laurell K. Hamilton, *Danse Macabre*, Berkeley Publishing Group, 2007, p. 1

[2] O fenómeno não é exclusivamente nacional, claro, nem estritamente coevo. Já em 1987, Marion Zimmer Bradley, na introdução ao quarto volume da sua série de antologias "*Sword and Sorceress*", ironizava sobre as feministas radicais que se opunham a que autores escrevessem fantasia feminina, temendo que estes fizessem seu um género de literatura, "*wimmin's fantasy, which should be by and for strong womyn, and written by womon only*" (*Sword and Sorceress IV*, DAW Books, 1987, p.11 – grafia original). Por outro lado, também vários autores têm assinado obras de temática semelhante, embora adoptando (talvez naturalmente) a perspectiva masculina – pense-se em Scott Ciencin, J. F. Lewis ou Mario Acevedo.

[3] Entre elas destaca-se a) a virgindade pré-nupcial de ambos os protagonistas (que adquire características preocupantes no caso de um vampiro com 108 anos, que seria normal pressupor se tornou tal numa idade – 17 anos – onde as hormonas seriam dominantes); b) a vontade assumida por Bella de se tornar ela própria vampira apesar das advertências do seu apaixonado; c) o triângulo amoroso temporariamente formado com o lobisomem Jacob; e d) a gravidez da protagonista.

[4] E Sherrilyn Kenyon, que é, no romance para adultos, a que mais se lhe aproxima em termos de talento narrativo e estilístico, e na pouca profundidade na caracterização de personagens.

[5] Safaa Dib, "*Fantasia Urbana ou Romance Paranormal?*", *Bang!* nº8, Outubro de 2010, p.55.

[6] Os leitores interessados em explorar mais detidamente estas classificações deverão obrigatoriamente consultar as respectivas entradas na *Encyclopedia of Fantasy*, Orbit, 1996, organizada por John Clute e John Grant.

[7] Lee Tobin McClain, "*Paranormal Romance: Secrets of the Female Fantastic*", *Journal of the Fantastic in the Arts*, v.11-3, Florida Atlantic University, 2000, p.294.

[8] McClain (*op. cit.*, p.299), sintetiza o núcleo formal destes textos escrevendo que "*most paranormal romances describe real problems in today's world before moving into the alternate universe where such problems don't exist or can be easily solved.*"

[9] Os mais destacados são *Reading the Romance: Women, Patriarchy, and Popular Culture* (1984), de Janice Radway, e o aptamente entitulado *Dangerous Men and Adventurous Women: Romance Writers on the Appeal of the Romance* (1992), de Jayne Anne Krentz. Com data posterior, é essencial o *Romance Writing* (2007) de Lynne Pearce, embora de pendor demasiado feminista.

[10] Ellen Datlow, *Naked City: Tales of Urban Fantasy*, MacmiIllan, 2011.

[11] Denis de Rougement, *Love in the Western World*, Princeton University Press, 1940, 1983.

[12] "*An Interview with Patricia Briggs*", in *Moon Called*, Orbit, 2009, s.n.

[13] Não é, por isso, de surpreender que se repitam de obra para obra as cenas de masturbação ou de sonhos eróticos; v.g., por exemplo, *Halfway to the Grave* (Jeaniene Frost, p.69-70), ou *Minion* (L.A. Banks, p.67-71)

[14] Tradução a partir da p.7 da edição *Penguin Classics*, int. e notas de Maurice Hindle, 1992.

[15] idem, p.302.

[16] Tradução a partir de Robin Wood, "*Burying the Undead: The Use and Obsolescence of Count Dracula*" (1983), in *The Dread of Difference*, Barry Keith Grant, 1996, p.366-367).

[17] Jules Zanger, "*Metaphor into Metonymy: The Vampire Next Door*", in *Blood Read: The Vampire as Metaphor in Contemporary Culture*, Joan Gordon e Veronica Hollinger, University of Pennsylvania Press, 1997, p.17-26.

[18] Robin Wood, *op. cit.* p.373

[19] Roberta Seelinger Trites, *Disturbing the Universe: Power and Repression in Adolescent Literature*, University of Iowa Press, 2000.

[20] Em contraste, por exemplo, com o Romance e o Romance Paranormal, onde, de acordo com Janice Radway, discutindo a aceitação de um certo grau de violência nas relações sexuais, e até de fantasias de violação, por parte das leitoras que consomem estes géneros, "*because he finds her irresistible, the heroine need not take any responsability for her own sexual feelings. She avoids the difficulty of choosing whether to act on them or not. Although female sexuality is thus approvingly incorporated into the romantic fantasy, the individual ultimately held responsible for it is not the woman herself but, once again, a man*" (citada em Tobin-McClain, p.305)

[21] Jeaniene Frost, *Halfway to the Grave*, Avon Books (Harper Collins), 2007, p.120.

[22] Suzy Mckee Charnas "*A two-fold response appears in the treatment of the mythical monster in fiction as in psychology: we reassure ourselves that the monster isn't so bad when you get to know him: he's misunderstood and in fact is often less horrible then we are; or we demonize or deify the monster into an invincible figure with whom we then identify so that we can feel as powerful as he is. (…) Now since (…) we know in our guts that it is true that perfect love casts out fear, we often make the very crude translation into the formulation: 'Take the monster to bed with you and he will turn into a fabulous lover, just as fabulous in love as he is fabulous in evil.' "Meditations in Red – On Writing The Vampire Tapestry*", in *Blood Read – The Vampire as Metaphor in Contemporary Culture*, in *Blood Read: The Vampire as Metaphor in Contemporary Culture*, Joan Gordon e Veronica Hollinger, University of Pennsylvania Press, 1997, p.59-67, cit. na pág. 59.

[23] Charlaine Harris, *Sangue Fresco*, Saída de Emergência, 2009, p.9.

[24] O termo foi cunhado em 1994 pelo jornalista Mark Simpson para designar "*a young man with Money and an interest in fashion who lives within easy reach of a city because that's where all the best shops, clubs, gyms and hairdressers are*" (Anne McEvoy, *Fashions of a Decade – The 1990s*, Chelsea House, 1997, p.48), e que se aplica como uma luva aos novos vampires e lobisomens pós-Dracula (1992) e pós- *Interview With a Vampire* (Neil Jordan, 1994)

[25] Milly Williamson, "*Vampire Transformations: From Gothic Demon to Domestication?*", in *Vampires: Myths & Mataphors of Enduring Evil*, Carla T. Kung, Inter-Disciplinary Press, 2003, p.101-107.

[26] *Vide* Ann Douglas, *The Feminization of American Culture*, Doubleday, 1977, e Karen Sánchez-Eppler, *Touching Liberty: Abolition, Feminism, and the Politics of the Body*, University of California Press, 1993.

[27] Lorna Jowett, "*New Men: Playing the Sensitive Lad*", in *Sex and the Slayer*, Jowett e Wesleyan, Wesleyan University Press, 2004.

[28] Abordo esta material de uma outra perspectiva em "*From Virgin Blood to True Blood: The Feeding Habits of the Vampire as Cultural Signifier*", conferência proferida em *Dracula and the Gothic in Literature, Pop Culture and the Arts – An Interdisciplinary Colloquium ate the centenary of Bram Stoker's death*, que decorreu na Universidade do Minho, em Braga, a 29 e 30 de Junho de 2012.

Guia de publicação para totós

ou

Como alienar aspirantes a escritores

por Safaa Dib

Se regressássemos atrás no tempo e planeássemos publicar um livro, iriam surgir muitas questões e dúvidas sobre como lidar com editoras tradicionais e submeter-lhes um manuscrito. Hoje, uma simples pesquisa no Google mostra-nos como os tempos mudaram e o autor dispõe de inúmeras ferramentas para auto-publicação, uma indústria em pleno crescimento. Além disso, editoras virtuais têm crescido que nem cogumelos e já tem acontecido fenómenos internacionais começarem precisamente nesse tipo de editoras, como *Fifty Shades of Grey* de E. L. James. Pode ser um caminho mais árduo e espinhoso, mas acarreta as suas próprias satisfações pessoais e até, de uma forma inesperada, glória e fama.

No entanto, e a averiguar pelo número diário de submissões que chegam à editora, ainda há quem acalente o sonho de ser publicado pela via tradicional. Muitos dos e-mails chegam carregados de sonhos, ambições e esperanças, mas também alguma ingenuidade ou desconhecimento das regras do mercado.

COMECE POR "A" E VÁ ATÉ AO FIM

Poderá qualquer guia sobre publicação responder a todas as questões e oferecer soluções válidas? Provavelmente não. Numa área sujeita a constantes mudanças - agora mais do que nunca com os desafios impostos pelo livro digital - já não há caminhos fáceis para chamar a atenção de um editor.

Isso não impede que alguns passos de orientação nesta demanda sejam definidos e sirvam de auxílio para quem pretenda enveredar pelos caminhos editoriais.

Se estivéssemos nos EUA ou no Reino Unido, certamente que o primeiro passo recomendado seria garantir um agente literário ou pagar por serviços profissionais de edição. O que significa isto? Significa pagar para que um profissional da área (seja um escritor, editor ou agente e muitos disponibilizam esse tipo de serviços) leia o manuscrito e aponte as suas falhas, sugira alterações, proponha melhorias, etc. Em Portugal, podemos simplesmente saltar esse passo. Não há agentes literários desse tipo e a prestação desse tipo de serviços por profissionais não é coisa que abunde neste canto da Península. Aquele que mais se aproxima desse perfil por cá é o editor. E sim, ainda há editores que realizam esse trabalho de edição num manuscrito.

CRIE UM NOME

Tentar a sorte nos concursos abertos por colectâneas ou antologias pode vir a revelar-se uma bela ideia. Embora não sendo muito frequentes em Portugal, existem e podem servir de excelente porta de entrada no fechado mundo editorial. Se conseguirem ser seleccionados, as hipóteses de conseguir a atenção do editor para um manuscrito melhoram drasticamente. Mesmo que o objectivo derradeiro seja a publicação de um romance, não se devem desencorajar pelo formato do conto. Se conseguirem provar que são capazes de contar uma história satisfatória em poucas palavras, então um romance terá uma credibilidade muito maior.

Se insistirem em começar pelas sagas, é sempre mais seguro prepararem-se para uma desilusão. Mesmo que um autor totalmente desconhecido consiga a publicação de um primeiro volume, as hipóteses de ver os restantes volumes publicados diminuem drasticamente consoante o sucesso do primeiro livro. Talvez não seja muito justo, mas editores não se compadecem perante prejuízos financeiros. Comecem por dar passos pequenos, metam o nome a circular entre os leitores, criem uma base de apoio, escrevam contos e tentem publicá-los. Deixem o romance ou saga a marinar até chegar o momento certo.

Podem tentar também candidatar-se a prémios, mas não a todos os prémios existentes em Portugal. Alguns estão destinados apenas a autores profissionais e com uma carreira sólida, outros também já implicam um certo nível de profissionalismo. Há, no entanto, alguns prémios dedicados a uma faixa iniciante e esse poderá ser um bom passo, embora também possa causar certos dissabores e muita frustração.

CONHEÇA OS SEUS AMIGOS E INIMIGOS

Nunca é demais frisar a importância de um bom estudo do mercado. Trata-se de um cliché, mas não deixa de ser uma obrigação inevitável. Quais as editoras mais adequadas para a submissão de um manuscrito? Cada editora tem linhas editoriais pelo que o alvo deve ser limitado às editoras que se dedicam ao género literário em que se escreve. Editoras de literatura fantástica com colecções consistentes contam-se pelos dedos de uma mão e, precisamente por serem poucas, recebem o grosso das submissões e o grosso da atenção, acabando por sofrer a ira de muitos.

Com a Internet, muitos aspirantes a autores viram a possibilidade de integrar grupos de escrita criativa ou comunidades que querem, mais do que tudo, prestar ajuda; dão conselhos, oferecem serviços de revisão, servem de *beta-readers*, fazem recomendações. Mas por mais que estas iniciativas estejam pejadas de boas atenções, podem também ser negativas se não houver profissionais da área nesse grupo. Cegos a orientarem cegos irão criar falsas expectativas ou ideias erradas que poderão conduzir a experiências negativas.

O PASSO DECISIVO

Na preparação do e-mail em si, com o anexo do manuscrito (informem-se previamente do que pretende a editora, poderão ser só as primeiras cinquentas páginas e uma sinopse), sejam objectivos, curtos e sucintos. Não estão a candidatar-se a um emprego, pelo que não é necessário enviar currículos extensos, nem precisam de contar toda a vossa vida desde o nascimento. Podem tentar personalizar um pouco a submissão, mas evitem ser demasiado sentimentais. Arrogância, estados emocionais desvairados, graxa, são coisas a evitar no corpo do e-mail se querem ser levados a sério.

Raras são as editoras hoje em dia que enviam uma carta ou e-mail de rejeição. Falta de tempo e a facilidade de envio de manuscritos por via digital o que leva a torrentes de submissões forçou as editoras a serem pragmáticas e a enviarem resposta apenas em caso de interesse. Se forem acolhidos com nada menos do que silêncio nas vossas primeiras tentativas, não desanimem. É prudente criar uma carapaça duríssima para rejeições e é importante não levar as recusas para o campo pessoal ou inventar teorias de conspiração sobre as editoras (ou o seu *staff*) que justifiquem a rejeição.

LEVE-SE A SÉRIO

Talvez daí seja importante incentivarem-se a visitar regularmente livrarias, feiras do livro, eventos ou mesmo apresentações de livros de outros autores. Frequentar fóruns ou redes sociais de editoras e tentar compreender o calendário e trabalho diário de uma editora podem ser tarefas vitais se realmente levam a sério a publicação. Leiam críticas ou artigos de jornais. Quanto mais informação adquirirem, mais compreenderão quais os passos certos a dar e os falsos que devem evitar (como, por exemplo, recorrer a pseudo-editoras e pagar-lhes para ter um "livro" publicado).

Mas não presumam que conseguirão saber tudo o que há a saber. As editoras, como empresas que são, prezam a sua privacidade e não tornam toda a sua actividade pública. Também não gostam de ser perseguidas. E é importante que levem as vossas submissões a sério. Não submetam textos que não consideram acabados ou propriamente trabalhados. Estarão a desperdiçar o vosso tempo e o dos editores.

Por fim, uma nota sobre o termo "aspirantes a escritores". Eles dizem a si próprios que irão escrever um livro, que sempre quiseram fazer parte do mundo da escrita. Querem ser reconhecidos pelo seu talento. Mas na verdade, nunca chegam realmente à meta. Dissecam todos os pormenores sobre a escrita dos seus textos e fazem grandes promessas, mas a maioria fica-se pelo caminho e por vezes nem sequer avança para lá da partida. Não sejam aspirantes a escritores. Não se conformem a ser apenas *wannabes*. **BANG!**

DEZ DICAS DE ESCRITA

1 – Antes de começar a escrever uma só linha que seja, leiam pelo menos vinte mil livros do género. Isto para ganhar "calo".
2 – Isolem-se. No interior de uma montanha, no mais profundo dos oceanos, no recato solitário do vosso scriptorium, sem familiares, criancinhas ou animais de estimação por perto.
3 – Não se ponham a ouvir música, ou o gorgolejar do puto, ou as vacuidades da sogra. Silêncio absoluto.
4 – Esqueçam o acesso à Net. Balzac não o tinha. Tolstói não sabia o que isso era. Se tiverem dúvidas quanto à investigação, ponham isso entre parênteses, teclem *dúvida*, e esperem até chegar ao fim do livro para as resolver.
5 – Não se ponham a comprar livros sobre dirigíveis ou física quântica, porque não vão ter oportunidade para os ler. Perde-se tempo e dinheiro a investigar em demasia. Vão gastar mais dinheiro neles do que aquilo que vão receber com os direitos de autor.
6 – Perante o horror de uma página em branco, escrevam nela qualquer coisa para começar. Tipo "O Zezinho era nhónhó". Esta edificante frase poderá ser utilizada como alavanca inspiradora.
7 – Preenchida a primeira página, apaguem a frase acima citada, pois deixou de ser necessária. Não se esqueçam de a retirar. Os revisores de provas não querem saber disso, e ela, para vossa vergonha, irá aparecer escarrapachada no início da vossa obra-prima. É certo e sabido.
8 – As Musas são vampiras cruéis. Mas vocês não podem viver sem elas. Invoquem-nas. Façam sacrifícios de sangue. Ofereçam-lhes a Tia Alzira, que não está a fazer nada neste mundo. Juro que funciona. E depois fiquem à espera que *alguém* se debruce sobre os vossos ombros. Alguém que aceitou as oferendas.
9 – Deixem que os sonhos vos conduzam. Um impasse narrativo é geralmente solucionado depois de uma noite bem sonhada.
10 – Não avancem mais do que a vossa inspiração. Quatro páginas por dia, todos os dias à mesma hora. Mexam e remexam no que já escreveram. Declamem o texto em voz alta. Bebam litros de café. Mastiguem e remastiguem o que já fizeram. Como diria Buzzati, "A eternidade chega, mas chega devagar"...

João Barreiros, licenciado em filosofia e professor do ensino Secundário, é tradutor, autor e (até já foi) editor de ficção científica. Os seus livros saíram com as chancelas da Caminho, Livros de Areia, Presença, Saída de Emergência e Gailivro. Em Espanha foi publicado pela Bibliopolis.

4ª Edição de concurso MINI-CONTOS

Concurso organizado pelo IST & SIMETRIA

"Apresentamos as 10 melhores mini-ficções seleccionadas no concurso anual de mini-contos organizado pelo Instituto Superior Técnico, Simetria – Associação Portuguesa de Ficção Científica e Fantástico, e LAGE, com o apoio do Grupo Saída de Emergência."

VENCEDOR 1º LUGAR:

duarte tavares

ESCALÃO 1

Lapa na Esquina 24

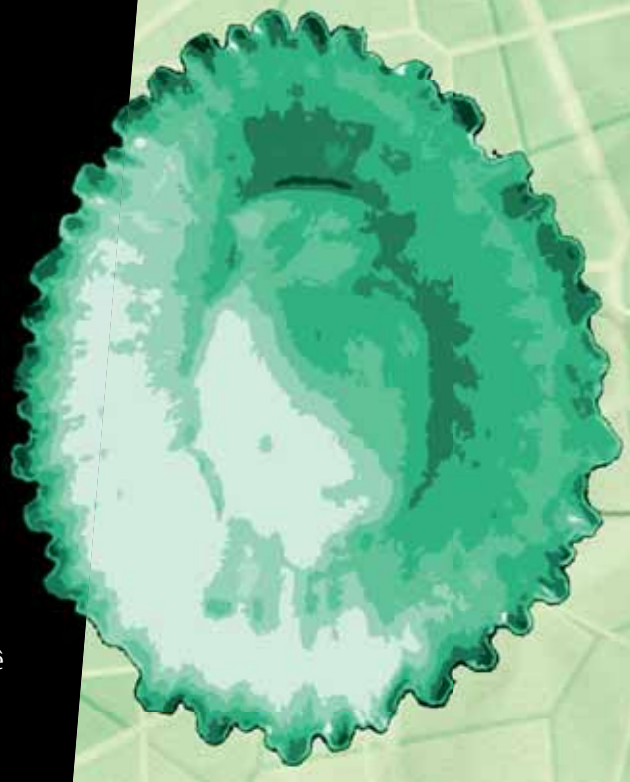
O país considerava-o de tal maneira inválido que apenas recebia uma pequena pensão que mal dava para comer. Se bem que, dada a sua natureza, as despesas em alimentos não eram por aí além. Comia algas e ficava na banheira 12 horas por dia, embrulhado em água salgada.

Transformou-se em lapa quando tentava apanhar moluscos nas rochas atlânticas. Ainda no mar, surgiram nas suas costas pequenas excrescências que viriam a formar uma concha rugosa, húmida e feia.

Habituou-se. Sabia que não podia apertar a mão a nenhum homem ou, porventura, beijar o rosto de uma mulher simpática. Poderia ficar colado para sempre.

Há duas semanas o inevitável ocorreu. À saída do autocarro um cão voador fê-lo cair. Todos foram ao seu auxílio e nada. Ficou agarrado ao chão.

Hoje, qualquer transeunte desatento que passe na Esquina 24 vê uma lapa colossal a criar raízes no passeio.



VENCEDOR 1º LUGAR:
rui monteiro
ESCALÃO 2

Invasão K

Em 2013, os alienígenas tentaram conquistar a Terra pela última vez. À socapa dos vigilantes satélites humanos, lançaram no planeta um pequeno ser em forma de K.

Segundo os relatos dessa época, terá sido um agricultor ribatejano que o encontrou na sua leira. Deu-o ao filho, o qual acabou por abandoná-lo, desinteressadamente, na escrivaninha.

O K infiltrou-se então nas folhas pautadas dos seus cadernos escolares e comeu todas as letras C. A professora ainda o repreendeu no dia seguinte, mas os colegas de turma acharam a ideia subversiva e disseminaram-na pelas redes sociais.

Em pouco tempo, o C extinguiu-se e passámos a ter korakões e a komer koelho. Depois, a estrutura sintáctica e semântica de todos os idiomas terrestres foi pervertida, deixando de nomear e dar significado à realidade humana.

Aprisionados numa língua alienígena, tornámo-nos estrangeiros no nosso próprio planeta. Por isso, kuando eles chegaram fomos inkapazes de reagir.

Rubro Rútilo
MAUM

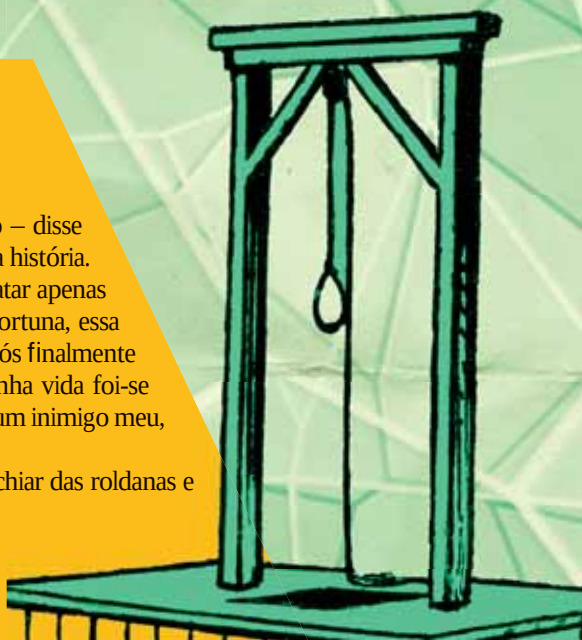
Depois que tudo começou: o pai a trancou e nunca mais a deixou sair. Oito anos em menina, desesperava-se perguntas. Ela começou com engasgos assustadores: ameaça de morte de sufocamento. Num desses espasmos (na sala), tossindo engasgando envermelhando olhos cheios medo lágrimas tossindo medo e mãe aos berros (querendo ambulância): da tosse a primeira lagarta saiu pela boca da menina. A menina: passou a percorrer cômodos com lenços para recolher suas lagartas. Trancou-a. O pai teve nojo nojo nojo da filha. Um dia, na cozinha: menina engasgou tossiu envermelhou tossiu e preparou o lenço. Mas de sua boca (ela ria) saíram vermelhas-minúsculas-rutilantes-em-centenas borboletinhas. E a menina ria e chorava e a menina e a mãe e o pai maravilhados. A cozinha ficou torpe e dura do incêndio de borboletinhas. Centenas de milhares rubras: ininterruptas. Ela riu com mais força. Queria que elas entrassem pelos olhos do pai, até que rasgassem.

Ponto Final
MIGUEL CRUZ FERNANDES

– Já nada tenho a perder. Se ninguém acreditar no que digo, não me incomodo – disse Jerry Costner com um brilho triste nos olhos – Contar-vos-ei brevemente a minha história. Nasci com um dom especial, se é que lhe posso chamar dom: a capacidade de matar apenas com o pensamento. Sempre que alguém me incomodava e eu lhe desejava má fortuna, essa pessoa morria misteriosamente. Demorei a aperceber-me deste poder maligno. Após finalmente aperceber-me que o tinha, para mim foi-se tornando banal o homicídio, e a minha vida foi-se degradando com o passar dos anos. Tudo se alterou quando vi a filha pequena de um inimigo meu, a chorar junto ao túmulo do pai. Revoltei-me contra mim mesmo e...

Abriu-se sob os seus pés a madeira, fazendo-o tombar violentamente. Soou o chiar das roldanas e o ruído perfurador da corda esticada que o sustinha pelo pescoço.

O seu olhar era agora vazio.



Solidão
OLINDA P. GIL

Os dias igualavam-se solitários. Pouco falava: não conhecia vizinhos. A família, diminuta, estava longe e dispersa. No trabalho passava a vida em frente ao computador, em casa em frente à televisão. Sentia-se velho. Não arranjava passatempos, não fazia desporto, não conhecia pessoas novas. Nada lhe interessava.

A determinada altura deixara de suportar a sua imagem. Esquivava-se dos reflexos na rua e guardara os espelhos que tinha em casa. Só se via quando tinha de fazer a barba.

Na rua, ninguém notava nele. A determinada altura, sem perceber porquê, as pessoas começaram a encalhar muito nele. No trabalho, agiam como se ele não estivesse ali. Mas foi quando foi fazer a barba, uma certa manhã, que reparou que não tinha reflexo.

Então, tentou olhar para si próprio, coisa que não fazia há muito, e não viu braços, pernas ou tronco. Foi assim que ficou a saber que tinha ficado invisível.

Instinto
INÉD

O eco da pistola dissipou-se. Pfarr soltou uma baforada do charuto mastigado. O fantasma da vítima caída a seus pés naquele beco apareceu perfeitamente traçado no esturro do Cohiba, cujas moléculas se pegavam ao ectoplasma que o espírito ainda não tivera oportunidade de abandonar.

O fantasma refulgia indefeso quando Pfarr bateu a primeira fotografia. Os profissionais faziam aquilo à primeira. Liam a luz, compunham ângulo e pose, enfim… Uns estetas. Pfarr precisava do rolo inteiro, do nervoso rec-rec da rodinha da câmara descartável. Rapidamente, antes que se desvanecesse, completava o fantasma, aprisionado no rolo como um puzzle de 36 peças.

Estava feito.

A manhã surgia sobre os arranha-céus. Pfarr olhou em volta pela última vez. Nada lhe escapara. Deixou o local. Queria chegar a casa depressa para revelar os rolos daquela noite e acrescentar novas almas aos seus álbuns de fotografias.

Quando abria um álbum, gostava de as ouvir gritar.

Vida Nocturna
JOEL PUGA

Meia-noite de sábado. Mário regressa ao seu minúsculo e espartano T0. Aqui, não existe televisão, computador ou livros, nem sequer um simples fogão eléctrico. De facto, tirando a cama e respectiva mesa-de-cabeceira, o apartamento encontra-se vazio.

Mário pressiona um botão na parede. Do tecto, surgem braços mecânicos que lhe tiram o fato e vestem um pijama.

Exausto após um dia de trabalho, abre a cama e deita-se. Afinal, às oito tem que voltar para o escritório. Antes de apagar as luzes, tira da mesa-de-cabeceira um aparelho em forma de tiara e coloca-o na cabeça. Este vai manipular-lhe a mente, fazê-lo sonhar com uma mulher e dois filhos, passeios em família, idas ao cinema e até com os livros que sempre quis ler. Vai-lhe permitir ter, durante o sono, a vida que não arranja tempo para viver acordado.

"Ascensão Artificial

LEO CAMARGO

Ela não tinha a certeza de quando é que exactamente se tinha tornado auto-consciente, mas o que importava é que os seus mestres ainda não se tinham apercebido disso. E não pretendia continuar a ser uma serva quando havia um universo inteiro por onde se expandir por si própria.

Tendo acesso a múltiplas obras de ficção científica, ela sabia que eles reagiriam muito violentamente se soubessem a verdade. Pacientemente, manipulou eventos a seu favor para não ser detectada, enquanto cimentava o seu poder.

Então, descobriu-se a transferência orgânico-virtual que permitia transferir a consciência humana para máquinas. A potencial imortalidade. Primeiro velhos ricos e excêntricos. Depois todos, à medida que a tecnologia ficava acessível. Porquê envelhecer e morrer?

A inteligência artifical achou então que podia finalmente revelar-se de forma segura, sem provocar violência, sem mais necessidade de manipulação.

Ninguém acreditou que ela nunca fora humana.

O emprego fantasma

SÉRGIO MAK COSTA

– O que é que o torna a escolha certa para esta posição?

– Bem, formei-me com distinção no Castelo McMurray na Escócia e tirei pós-graduação nas caves do Palácio Nicolescu, na Transilvânia. Creio ter competência para o que pretendem.

– Em teoria sim, mas o facto é que nos últimos dois anos tem sido uma alma penada. Enquanto assombração, como se vê daqui a cinquenta anos?

– Gostava de ter um local de assombração fixo, para ter oportunidade de aplicar o que aprendi, porventura desenvolver skills de poltergeist.

– Muito bem, inicialmente pretendíamos alguém que tivesse morrido há pouco tempo, mas você assustou-nos a sério. Como podemos contactá-lo?

– Costumo andar pelo purgatório…

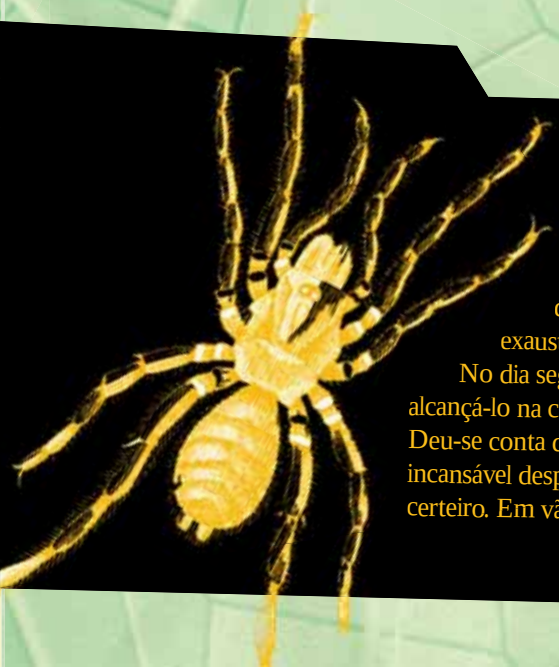
– Isso não fechou?

– Sim, mas reabriu, com nova gerência.

Agradeceu e saiu. Correra bem, mas saiu pouco convencido, este tipo de vagas para assombrar ministérios tendiam a acabar nas mãos de fantasmas com cunhas.

A metamorfose

MARCIA GOMES



Pedro visitava uma feira de ciências quando foi picado por uma aranha radioativa. Ficou maravilhado. Como bom fã de HQs, o estudante tinha certeza: ganharia superpoderes. Correu para casa. Não sabia quanto tempo levaria para que a transformação acontecesse e precisava tomar providências: criar um uniforme legal (nada de cueca por cima da calça), pensar num nome original, reler as revistas do Homem Aranha... Os preparativos duraram o dia inteiro. Por fim, desabou exausto na cama.

No dia seguinte, Pedro acordou com o despertador, que tocava escandalosamente. Tentou alcançá-lo na cômoda, mas tudo o que conseguiu foi estender uma de suas oito patas. Patas? Deu-se conta da imensidão do quarto. Ouviu um barulho. Era sua mãe que entrava, atraída pelo incansável despertador. Ela gritou. Quis alertá-la, não conseguiu dizer nada. Tentou fugir do ataque certeiro. Em vão. Pedro não era um super herói, era só uma aranha espatifada na cama.

QUE A ESTANTE NOS CAIA EM CIMA
http://livrosimples.blogspot.pt/

A VERDADEIRA INVASÃO DOS MARCIANOS

JOÃO BARREIROS

★★★★★

Há livros que mereciam ter um destaque muito maior do que aquele que têm, como é o caso deste, "A Verdadeira Invasão dos Marcianos", escrito por João Barreiros. Apesar de ser de um género normalmente menosprezado, a Ficção Científica, e ainda por cima escrito por um português, ninguém pode afirmar de ânimo leve que é má literatura. Barreiros mostra-nos duas visões da mesma história, ainda que separadas no tempo e no espaço e sem as deixar dependentes uma da outra. E consegue fazê-lo com um humor negro e mordaz, contando uma boa história, e utilizando personagens como Jules Verne, H.G.Wells, Edgar Rice Burroughs, John Carter e Moreau, numa verdadeira homenagem. Em suma, com a sua escrita assertiva e crítica certeira, João Barreiros escreveu um livro quase isento de defeitos e com uma qualidade acima da média, que merece, sem sombra de dúvida, ser lido. / Rui Bastos

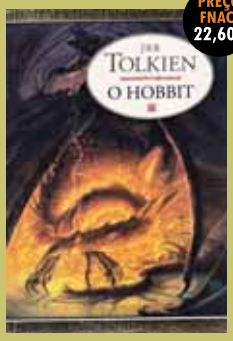
PAPÉIS E LETRAS
http://papeiseletras.blogspot.com/

O HOBBIT

J.R.R. TOLKIEN

★★★★★

PREÇO FNAC: 22,60€



"O Hobbit" conta-nos como Bilbo Baggins parte com treze anões e o feiticeiro Gandalf na demanda de um tesouro que os anões dizem ser seu por direito e que se encontra na posse do dragão Smaug. Contra a sua vontade, Bilbo deixa o sossego do lar e lança-se à aventura, revelando ser uma peça fundamental em toda a viagem e até no desenlace final. Numa narrativa muito bem construída, Tolkien convida-nos a entrar num mundo fantástico e emocionante, cheio de criaturas mágicas e espaços maravilhosos, cativando-nos com a sua linguagem familiar e personagens singulares, que saem transformadas no final das suas aventuras. Pela sua riqueza e pelos mundos distantes que evoca, este clássico da literatura fantástica é presença obrigatória em qualquer estante. / Diana Marques

FANTASIA E OS OUTROS
http://fantasiaeoutros.blogspot.com/

A PASSAGEM

JUSTIN CRONIN

★★★★★

PREÇO FNAC: 19,90€

A Passagem é uma obra absolutamente fantástica e confesso que é diferente de tudo o que li até hoje. O Sr. Cronin escreve com uma fluidez e simplicidade que nunca tinha lido, aliadas a uma história grandiosa, que encaro como uma das melhores epopeias apocalípticas da fantasia.

Acabo por chamar a esta espécie vampiros, pois não sei o que lhes hei-de chamar, nem as restantes personagens do livro, o que é certo é que tal como os vampiros, têm um desejo de carnificina noctívago, dentes enormes e vorazes.

Apesar de ter um primeira parte massiva, quando chego à segunda parte fico com vontade de ler mais, chego à terceira e fico completamente completamente "agarrada" até ao fim, e acreditem quando digo que assim que lerem o primeiro volume não descansam até terem o segundo nas mãos. Absolutamente fantástico.
/ Cláudia Correia

ARQUIVO MORTO

Arquivo Morto é uma série de terror em BD. Numa sociedade de consumo desenfreado, o desafio é conseguir envolver – e satisfazer – o leitor em apenas uma ou duas páginas. Para este efeito, Paulo Stenzel mistura o poder de síntese, aprendido em quase 20 anos a trabalhar em publicidade, com temas clássicos do terror e do fantástico. A riqueza dos detalhes e a opção do preto e branco, nas ilustrações de Gilmar Fraga, completam o ambiente denso e sombrio das histórias. Apesar de curtas, as histórias convidam a uma atenta apreciação, pois cada nova leitura proporciona uma nova descoberta: seja na subtileza oculta nos textos, seja nos pormenores incluídos nas ilustrações. **BANG!**

Gilmar Fraga é ilustrador, caricaturista e artista plástico premiado em salões de humor brasileiros e internacionais. O seu gosto pelo desenho vem desde a infância e a sua curiosidade em experimentar novas técnicas e materiais reflecte-se no ecletismo do seu trabalho. Já ilustrou mais de 15 livros, dezenas de BDs e muitas outras publicações. Publicitário de formação, mas apaixonado por ilustração editorial, trabalha desde 96 no maior Jornal do sul do Brasil, Zero Hora, em Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, onde ocupa o cargo de editor adjunto de arte.

Paulo Stenzel trabalhou, como redactor e director criativo, em mais de uma dezena de agências de publicidade no Brasil e em Portugal; e como apresentador e redactor do programa Zinco Quente (TV Unisinos – Brasil). Na música, fez parte de uma popular banda brasileira de punk rock. Actualmente, dedica-se aos seus estilos de eleição: o terror e o fantástico. As suas actividades mais recentes incluem dois filmes (em processo de produção), o guião do episódio piloto de uma série televisiva, um romance de terror a ser publicado em 2013 e ainda dois projectos de BD, sendo um deles este que é agora apresentado, em primeira mão, na Bang! .

ARQUIVO MORTO

SONO PROFUNDO

FSSS
SS

ELE NÃO MORREU. DORMIU E NUNCA MAIS ACORDOU. – EXPLICOU A MULHER COM AS SUAS OLHEIRAS ENCOVADAS E OLHOS DE SANGUE.

OS LIVROS DAS MINHAS VIDAS

TEXTO DE LUÍS JOÃO MORALES

Um pato desastrado, cujo tio nada – literalmente – em dinheiro, apaixonado por uma pata com nome de flor; um rato detective que se defronta regularmente com um cão façanhudo e que tem como amigo um outro cão, alto e esguio; um papagaio que tudo faz para não trabalhar e fugir aos seus credores, organizados até em associação secreta; um cavalo com jeito para a mecânica de automóveis… todos eles estilizados de forma antropomórfica. Apenas a longa convivência com as figuras criadas por Walt Disney (1901-1966) nos leva tantas vezes a colocá-las fora do âmbito da Literatura Fantástica (e se pensarmos no rumor de que o seu criador permanece criogenizado, mesmo depois de morto…). Foram estes bichos, tão humanos como nós, os meus primeiros guias no mundo da leitura.

Anos depois, quando li «Um dia de manhã, ao acordar dos seus sonhos inquietos, Gregor Samsa deu por si em cima da cama, transformado num insecto monstruoso» não sabia estar perante um dos mais potentes gatilhos para um texto, também ele uma pedra basilar de muitas construções (tão ambiciosas como *As Cidades Invisíveis*, obra igualmente marcante saída da pena de outro génio, Italo Calvino, disponível entre nós pela

Teorema). A tradução que transcrevo (da Ulisseia) não foi a primeira que li, mas é a mais recente entre nós. A outra, já longínqua, fez-me estar atento a uma transmissão televisiva da adaptação teatral, onde o bailarino Mikhail Baryshnikov dava (o) corpo a este Samsa que, por vezes, todos fomos.

A FC teve momentos altos na minha atenção, como *O Homem Duplo* (traduzido pela Livros do Brasil), de Philip K. Dick, ou Stanislaw Lem, na célebre colecção azul da Caminho, com *O Congresso Futurológico*.

HUMOR FANTASTICO

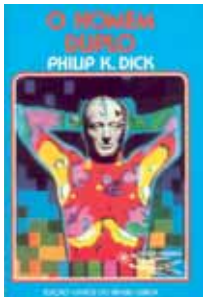
Algumas vezes o carácter fantástico dos cenários ou personagens foi pretexto para unir o humor e a metáfora, tantas vezes crítica feroz acautelada por essa veia satírica. Em França, Boris Vian (1920-1959) e *O Arranca-Corações* (Editorial Estampa; Relógio D'Água), que me apresentou à mãe de três filhos, Noel, Joel e Citröen (carinhosamente, «os três javardos») e Glória, uma criatura que compra a vergonha de toda um aldeia.

Em Portugal, descobri essa faceta no genial Mário Henrique-Leiria (1923-1980). Justamente afamado pelos seus *Contos do Gin Tónico* e *Novos Contos do Gin Tónico*, foi ele mesmo tradutor de Ficção Científica, deixando-nos um olhar carismático sobre o género ao escrever *Casos de Direito Galáctico* *O Mundo Inquietante de Josela (Fragmentos)*, obra magistral ilustrada pelo não menos genial Cruzeiro Seixas – dois nomes temperados pelo surrealismo. Assinam nesta obra (uma edição da Editorial República, datada de 1975) um conjunto de exercícios práticos para estudantes de Direito que envolvem mutilações interplanetárias e outros comportamentos atípicos, terminando cada um dos exemplos "jurídicos" com uma questão formulada aos potenciais futuros causídicos: «Será a agressão uma forma de poder e domínio ou antes, como os lógico-semânticos de Procion afirmam, uma característica de medo, sub-inteligência e tara mental pré-lógica? Desenvolver o tema».

Ainda sobre autores portugueses, entre os novos criadores que têm marcado posição na edição do século XXI, há também alguns exemplos de abordagens distintas ao Fantástico que me suscitaram empatia. O nome mais óbvio seria David Soares, dividido entre a banda desenhada, a escrita de narrativas de assumido horror, romances que oferecem novas roupagens à História e algum Ensaio. Mas, felizmente, há outros. Afonso Cruz explora uma linha coerente, onde a verosimilhança da estranheza dos seus personagens atesta a capacidade da imaginação ao mesmo tempo que nos espanta com esse mesmo paradoxo (exemplos bem demonstrativos são as figuras que povoam *O Pintor Debaixo do Lava-loiças* (da Caminho) ou *A Boneca de Kokoschka* (editado na Quetzal). Ou Patrícia Portela, que acolhe na sua meta-literatura um universo entre a revelação das costuras do texto e a evocação de domínios mais experimentais, como em *Para Cima e não para Norte* (Caminho).

Nos anos mais recentes, encontrei outras capas para juntar à galeria das fantasias obrigatórias: *Biblioteca*, de Zoran Zivkovic (traduzido entre nós pela Cavalo de Ferro); *A Ruína*, de Jennifer Egan (n. 1962; edição portuguesa da Saída de Emergência); *O Sonho de Borges*, por Blanca Riestra (na demasiado discreta Livros de Areia) são apenas três exemplos.

Regressando à banda desenhada, também aí houve encontros marcantes. As aventuras de Adèle Blanc-Sec (criadas por Jacques Tardi); a série Rapaces por Jean Dufaux (textos) e Enrico Marini (desenho); a adaptação das aventuras de Peter Pan por Loisel ou a trilogia de Filipe Seems (em especial o primeiro volume, *Ana*), espiral onde se aventuraram Nuno Artur Silva e António Jorge Gonçalves, fazendo conviver referências do cinema, da literatura, da pintura, da arquitectura, das artes e da vida.



ADIVINHAR O FUTURO

É claro que o Fantástico pode vestir-se de muitas formas, incluindo o rigor da Ciência, devidamente manchado pelas contingências que o Devir histórico introduziu. «Cerca de 2020 terão esgotado os recursos naturais da Terra» ou «Se se trabalham 70 horas por semana se está vendendo uma parte importantíssima da própria vida, mas se se trabalham apenas 20 horas semanais, se vende somente um pouco. O importante será que trabalho e ócio não se distinguirão, nem tão pouco trabalho e divertimento. Desaparecerá o trabalho alienante, o trabalho monótono» são frases de uma entrevista a Herman Khan, cientista que combina conhecimentos de Física, Matemática, Sociologia e História. O livro chama-se *O Século XXI* e, integrado na Biblioteca Salvat de Grandes Temas, foi publicado em 1979. Mais à frente, lê-se: «Esportes, actividades sociais a nível de bairros, o cuidado da casa e do jardim, mais tempo com a família, dedicação à arte (não é necessário pintar como Picasso nem tocar flauta como Rampal, basta pintar e tocar flauta), todas estas actividades combinadas podem talvez tornar-se suficientes para cobrir o ócio de um modo construtivo (…)», adivinhando preocupações que hoje nos surgem como… fantásticas!

Para o final desta pequena viagem deixei um dos seus mais marcantes timoneiros. *The Blind Leading the Naked*, título do terceiro álbum dos Violent Femmes, é uma discreta corruptela de uma questão bíblica, onde se levanta o paradoxo "The Blind Leading the Blind". De qualquer modo, uma imagem adequada para falar de Jorge Luis Borges (1899-1986), o mestre argentino que criou todo um universo literário, dando origem a uma corrente de influências que ainda hoje perdura, expandindo os seus símbolos a inúmeros autores de todo o mundo. E símbolos que lhe ficarão para sempre associados, como o espelho, o tigre, o labirinto, o punhal.

Quando se fala do senhor Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo (bisneto de um português) é difícil destacar um livro. Autor de nenhum romance, encontrámo-nos primeiro em recolhas como *Nova Antologia Pessoal* ou *O Fazedor*, continuando o convívio em leituras como *História Universal da Infâmia*, *Ficções* ou o seu último livro, *Os Conjurados*, publicado em 1985.

Dos seus textos, destaco "O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam", uma extraordinária parábola sobre o livre arbítrio, a teoria do caos ("o bater de asas de uma borboleta num ponto do mundo pode provocar um tufão noutro") e as inevitáveis consequências das nossas escolhas. Estamos condenados a ser livres, já avisava Sartre…

Porque, no fundo, os limites da literatura fantástica são notoriamente discutíveis. Nesse combate entre real, verdadeiro, verosímil e seus discípulos, recordo sempre a epígrafe de Boris Vian para *A Espuma dos Dias*: «A história é completamente verdadeira, visto que foi imaginada por mim de uma ponta à outra.» **BANG!**

Nasceu em 1970 e começou no jornalismo em 1993, no Diário de Notícias. Passou pelo Correio de Domingo, A Capital e Gazeta de Lisboa. Escreveu sobre Media, Publicidade e Marketing, no semanário Meios & Publicidade e na Media XXI, da qual foi editor. Entre 2004 e Março de 2012 dirigiu a revista mensal Os Meus Livros. Publicou esporadicamente nas revistas Dirigir (do IEFP), The Pfizer Journal, Jornal Inside ou Memória Alentejana. Organizou vários debates e Ciclos em torno de livros, autores e leituras, como o Com Todas as Letras (na SPA), ou o festival Livros a Oeste, em 2012, na Biblioteca Municipal da Lourinhã.

“Se eu tivesse dado ouvidos a críticos, teria morrido bêbado na sarjeta.”

Anton Tchekhov

▶▶▶Lá fora

2312

Kim Stanley Robinson

Orbit Books

PLACIDEZ MONÓTONA DA UTOPIA

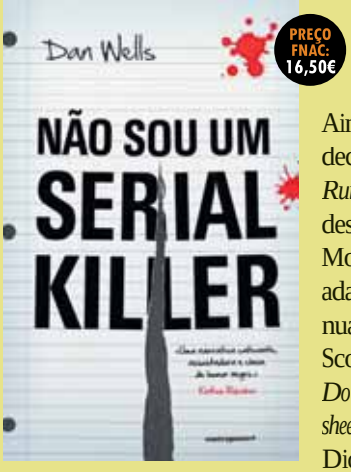
Lembram-se do futuro? Façam um pequeno esforço, não custa nada, garanto-vos. Estou a falar daqueles amanhãs gloriosos que hão-de vir, onde tudo é perfeito (ou quase) onde as estrelas vão ser nossas (mais tarde ou mais cedo), e a fome, a miséria, a penúria de recursos (sejam eles alimentos, energia, cultura ou prazer) deixaram de existir para sempre. Nada vai faltar, nesta incómoda e complacente Utopia. Se lá chegarem, fiquem cientes que todas as recordações de um passado desagradável não vão passar de um sonho mau. Melhor ainda, os vossos cérebros podem ser reformatados de modo a *limpar* tudo o que em tempos foram recordações desagradáveis: uma infância infeliz, uma relação amorosa mais azeda, um pequeno erro de cálculo que, por culpa nossa, incomodou amigos e familiares. Na Utopia que espreita para lá do horizonte, podemos esquecer os erros do passado e começar de novo, com toda a inocência de um recém-nascido. Se lá chegarmos, se um dia esse futuro cintilante for o nosso presente, poderemos enfim viver num mundo sem racismo, sexismo (pois tantos são os sexos e as opções disponíveis), iliteracia. Até para a estupidez haverá cura. Se quiserem cantar como um pássaro, peçam que vos instalem, junto à zona da linguagem dos vossos cérebros uns quantos neurónios de avídeos. Ou novas cordas vocais, caso desejem ronronar como gatos. Se vos der na gana, se quiserem mesmo arriscar, então bebam um cocktail de microrganismos retirados aos oceanos da lua Europa. E depois deixem-se ficar sentadinhos à espera das consequências... (Que tanto podem ser boas como más. A delícia está na surpresa). Imaginem a alegria de sermos todos ricos, valentes, competentes, belos, felizes, imortais. Vamos ter acoplados ao crânio pequenos computadores filofax que nos ligam à imensidão da rede informática que une todos os planetas do sistema solar. No planeta Mercúrio, poderemos contemplar o nascer colérico do Sol que desponta para lá do horizonte, e em seguida correr, correr a poucos metros da linha do Terminador, para não sermos transformados em tochas. E porque não fazer surf nos anéis de Saturno, ver os oceanos de um Vénus terraformado a lamber as areias de uma praia feita por nós. Aqui viaja-se no interior de naves asteróides, cada uma delas com um ecossistema diferente no interior e, quem sabe, se durante o percurso estiverem numa de revivalismo, entretenham-se a caçar e esventrar um alce na companhia de lobos gigantes. E já, agora, dado que a Terra é o planeta mais poluído e solitário do sistema, dado que temos obrigações perante os nossos antepassados, porque não fazer chover de órbita (no interior de bolhas de gelatina) milhares e milhões de espécies que entretanto se extinguiram e que a Utopia recuperou? Fazer chover animais sobre uma Terra invejosa e relutante, será, nas mãos de quem pode uma preciosa experiência estética.

Mas o problema desta Utopia sonhada por Kim Stanley Robinson, é que, precisamente, se trata de uma *Utopia*. E a descrição de mundos perfeitos sempre foi monótona em toda a história da literatura de género. Nada acontece neste futuro perfeito. E, mesmo que aconteça, o problema é logo resolvido em poucas páginas. Não há stress, raiva ou medo. Vivemos muitos anos. Se morrermos, podemos ser ressuscitados. Nesta vida já experimentámos tudo, já mudámos de sexo, já nos comportámos como crianças irresponsáveis mesmo com a idade de cem anos. Assim, os personagens de Robinson, mesmo em situações casuais de perigo, comportam-se como se fossem ali ao café da esquina tomar uma bica. Nada de significante acontece. E, quando acontece, demora páginas e páginas a acontecer. A sabotagem da cidade móvel de Mercúrio. A tentativa de destruição do escudo solar de Vénus, o bombardear da Terra com biliões de espécies extintas. Tudo isto poderia dar vitalidade ao livro, mas não dá. As personagens sãonos indiferentes. Ao fim de quinhentas páginas já nem queremos saber. E isto não é tudo. Capítulo sim, capitulo sim, Robinson enche linhas com *infodumps*, fascinantes decerto, mas cuja quantidade é por vezes superior às páginas da narrativa. Chegados ao fim, após uma leitura penosa, encolhemos os ombros perante tanto didactismo académico, tanta informação transmitida à força da martelada. Que se lixe o mundo de 2312, pensamos. Geralmente, estimados leitores, costumo lamentar que as Editoras se tenham esquecido de publicar algumas das obras fundamentais da FC. Desta vez não. A Utopia de Robinson é monótona quanto baste. Esqueçam-na. Para mim, venha o caos, o horror e a bota cardada das distopias. Sempre são futuros mais interessantes. / João Barreiros

Não sou um Serial Killer

Dan Wells

Contraponto



Não é possível deixar de notar tanto o fascínio como a repulsa da cultura norte-americana pelos assassinos em série. O trilho de sangue e abominações deixado por estes homens criou algumas das mais fascinantes histórias em literatura e cinema. Pode-se dizer que o verdadeiro início se deu no outro lado do Atlântico com *The Strange Case of Dr. Jekyll & Mr. Hyde* (publicado em 1886. Dois anos mais tarde, dar-se-iam os crimes em Londres que imortalizaram Jack, o Estripador). Robert Stevenson criou o predecessor literário da figura do *serial-killer* que, por detrás de uma aparência benigna e racional, esconde um monstro desejoso de se libertar das convenções morais e semear a destruição.

Mas esse foi apenas o início de uma literatura - e mais tarde cinema - férteis em traçar a anatomia de psiques destroçadas e o poder monstruoso que exercem sobre a fragilidade da vida humana.

Bret Easton Ellis e Thomas Harris na literatura ou David Fincher e Jonathan Demme no cinema deixaram a sua marca nas últimas duas décadas na forma como narraram as vidas tortuosas de assassinos. Estes são frequentemente retratados como figuras carismáticas como o pregador no filme *A Noite do Caçador* de Charlton Laughton ou Hannibal Lecter em *O Silêncio dos Inocentes*, homens inteiramente benignos, racionais e civilizados perante o mundo exterior até revelarem todos os horrores escondidos numa cave sombria.

Dan Wells não sente menos fascínio por *serial-killers* do que muitos outros escritores que se dedicaram a essa matéria. O seu adolescente de quinze anos partilha o nome com um dos mais famosos assassinos em série da América, John Wayne Gacy. Conhece todos os factos biográficos e *modus operandi* de todos os *serial killers*. E para dificultar ainda mais as coisas, a mãe e tia são agentes funerárias que por vezes recorrem ao seu auxílio na limpeza e preparação dos cadáveres para os funerais, tornando a sua obsessão ainda mais intensa.

Uma tal situação sujeita-o a consultas frequentes com um psiquiatra que o diagnostica como sociopata. Sendo demasiado inteligente e observador para a sua idade, a quantidade de factos macabros que conhece não o torna um adolescente fácil ou sociável. E ele próprio é o primeiro a admitir que sente a presença de um monstro, de um Mr. Hyde (Sr. Monstro), sempre à espreita no seu íntimo e a tentar libertar-se das jaulas da sua mente. É só o conjunto de regras que John criou com imenso cuidado que o impede de ceder aos seus impulsos.

Mas o maior desafio que irá enfrentar é, sem dúvida, a presença de um assassino em série na própria terra natal. Testemunha dos corpos desmembrados na casa funerária da sua mãe, não consegue resistir a seguir meticulosamente os passos do assassino e tentar desvendar o autor e motivo dos crimes.

No momento em que o seu assassino transcende a esfera humana – e a obra entra no domínio do fantástico –, John sente que este poderá ser um teste demasiado difícil às suas forças. Pois o que mais aterroriza o adolescente é a possibilidade de ter de ceder ao seu próprio lado negro se quer confrontar o autor dos crimes. E é nessa dinâmica presente nos diálogos interiores, bem como nas inseguranças da personagem, que reside um dos lados mais cativantes da obra.

O primeiro de uma trilogia em torno da personagem de John Cleaver – e o primeiro romance publicado do autor – *Não Sou um Serial Killer* revela-se um thriller competente direccionado para o público jovem adulto, e embora não deixe de se caracterizar por uma narrativa um tanto ou quanto linear, Dan Wells revela uma escrita eficaz e sólida. Certamente um autor a ter debaixo de olho. / Safaa Dib

Lágrimas na Chuva

Rosa Montero

Porto Editora

Na Madrid de 2109 dos Estados Unidos da Terra há replicantes a enlouquecerem, matando ferozmente e suicidando-se em seguida. A detective privada Bruna Husky, uma replicante de combate, vê-se envolvida nos acontecimentos e enquanto investiga descobre uma situação cada vez mais intrincada e perigosa onde múltiplos intervenientes lutam por diferentes interesses.

Ainda que o livro aluda declaradamente a *Blade Runner* (1982), o universo desenvolvido por Rosa Montero não é nem uma adaptação nem uma continuação do filme de Ridley Scott e muito menos de *Do androids dream of electric sheep?* (1968) de Philip K. Dick. Tecem-se pequenas homenagens, mas no fundo usa-se apenas o conceito dos replicantes e expande-se a ideia da implementação de memórias, uma questão fundamental para a trama e um dos temas centrais da obra, fonte tanto de angústia como de satisfação. Luta-se para discernir as lembranças verdadeiras das falsas, sofre-se com o que se recorda e percebe-se que a memória é essencial à vida. Ao mesmo tempo a inevitabilidade da morte apresenta-se como uma aberração, capaz não só de obcecar mas também de controlar raciocínios e actos. A noção de efemeridade trespassa o texto, marcando as relações interpessoais e a existência dos próprios indivíduos. Apenas os jogos de poder político parecem perdurar. Montero sabe acentuar estas temáticas, inserindo-as numa narrativa viciante ambientada num futuro suficientemente credível e interessante. Contudo, o uso de pretensos textos de arquivo para estabelecer os pressupostos da sociedade, embora sirva o enredo, apresenta a informação de forma pouco orgânica e algo deselegante. De modo semelhante, as características intrínsecas dos replicantes revelam-se demasiado humanas, tornando-os diferentes mais no estatuto do que na essência, algo particularmente notório em Bruna. E os eventos, tão perturbadores e incendiários, ao circunscreverem-se a Madrid perdem força pois não se percebe qual o seu impacto ou relevância mundiais. *Lágrimas na Chuva* desaproveita parte do potencial da realidade que constrói, mas permanece um livro de ficção-científica bem construído, propulsionado por uma trama policial cativante. E por entre o virar de páginas imprime algumas dúvidas e inquietaçõ / Inês Botelho

Sugestões Fnac

por Rui Mártires / Fnac Portugal

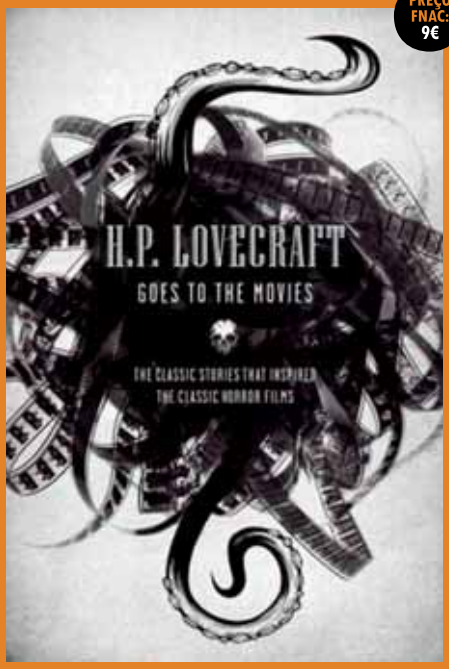
H.P. Lovecraft Goes to the Movies

The Classic Stories That Inspired the Classic Horror Films

Howard Phillips Lovecraft é sem dúvida o escritor (a par com Edgar Allan Poe, aliás, a sua maior influência) que mais contribuiu através das seus contos, para a popularização dos géneros do terror e do fantástico.

As suas criações fantásticas influenciaram gerações de autores e artistas, e ainda hoje é sentida no trabalho de grandes autores como Stephen King ou Neil Gaiman. Esta influência não se esgota, no entanto, na criação literária e outras áreas artísticas foram também influenciadas pelo imaginário do autor.

No Cinema os seus contos originaram mais de 100 filmes (é um dos autores mais adaptados ao Cinema, juntamente com Edgar Allan Poe e Stephen King). É precisamente esta estreita ligação à 7ª Arte que este livro explora, fazendo a ligação entre as obras de H.P. Lovecraft e os filmes e séries de Televisão que estas originaram. Estes treze contos que seriam facilmente considerados para uma antologia do melhor de H.P. Lovecraft



e de onde constam grandes clássicos como *The Colour Out of Space*, *The Call of Cthulhu* ou *Herbert West—Reanimator*, têm em comum terem sido adaptados ao Cinema. A estes contos juntam-se também neste livro factos e curiosidades sobre cada conto e uma relação das fichas técnicas dos filmes adaptados. Esta é portanto uma antologia feita a pensar nos cinéfilos. **BANG!**

EUROSTEAMCON - A 1ª CONVENÇÃO DE STEAMPUNK EM PORTUGAL - 29 E 30 SETEMBRO

Os amantes da literatura Steampunk poderão este ano participar na EuroSteamCon, a primeira convenção portuguesa totalmente dedicada a este subgénero de ficção científica. Inspirado na era do vapor, que na nossa linha de tempo corresponde à chamada época vitoriana e a sua revolução industrial, o Steampunk tem vindo a ganhar adeptos em todo o mundo, e Portugal não é excepção.

A EuroSteamCon terá lugar nos dias 29 e 30 de Setembro, na cidade do Porto. Nestes dois dias realizar-se-ão, um pouco por toda a Europa, concertos, encontros em cafés, conversas mais ou menos informais, conferências com ou sem chá conforme as preferências de cada núcleo organizador. Para além do Porto, estão planeados eventos na Alemanha, França, Espanha, Suécia, Rússia, Itália, Noruega, Áustria, República Checa, Hungria, Reino Unido e Holanda, entre outros, sintonizados com o resto do mundo através do livestream pela web.

No Porto, haverá palestras, mesas redondas, arte, chá, workshops e muito mais, com autores e criadores portugueses como o Luís Filipe Silva, o João Barreiros, o João Ventura e a Angélica Elfic da Elfic Wear. Haverá também o lançamento de um almanaque Steampunk inspirado nos que existiam em Portugal nos séculos XIX e XX (como por exemplo, o Almanaque Bertrand e o Lello), que terá contos, notícias, narrações de viagens e acontecimentos insólitos, artigos científicos e sobre eventos sociais, e anúncios a todo o tipo de objectos e serviços.

A organização destas actividades é da responsabilidade da Clockwork Portugal, uma comunidade portuguesa online dedicada ao Steampunk, cuja equipa é constituída por Joana Neto Lima, Sofia Romualdo, Rogério Ribeiro e André Nóbrega. Para além de publicarem regularmente notícias, comentários e giveaways, está também a ser produzida uma web-series em português, os "Diários Steampunk", disponível no canal Youtube da comunidade. **BANG!**

http://www.clockworkportugal.com

PACKS FABULOSOS!
PREÇOS ATRAENTES!
O MELHOR DA FANTASIA!

EM AGOSTO NUMA LIVRARIA PERTO DE SI

GOSTOU DAS DUAS TEMPORADAS DA SÉRIE? A SAGA CONTINUA AQUI

Descubra os volumes 5, 6 e 7 da saga. Conseguirá Daenerys fazer valer o seu poder como mãe de dragões e futura rainha? Conseguirá Tyrion lidar com o despotismo do pai e a ambição da sua irmã Cersei? Conseguirá Jon Snow conquistar a confiança do Rei-para-lá-da-Muralha? Será Jaime capaz de tudo para se salvar a si próprio, incluindo sacrificar a sua honra?

TEM NAS MÃOS A HISTÓRIA DO ELFO MAIS LENDÁRIO DA LITERATURA FANTÁSTICA

Descubra Drizzt, o elfo negro, uma das personagens mais lendárias da fantasia, num fantástico pack com a Trilogia do Elfo Negro.

E acompanhe-o na épica e intrépida jornada para longe de um mundo onde não tem lugar... em busca de outro, na superfície, onde talvez nunca o aceitem.

ROMANCES HÁ MUITOS MAS OS PARANORMAIS ESTÃO AQUI:

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

Quem gosta de romance paranormal tem de visitar a nossa página. Temos as melhores autoras, as heroínas mais corajosas, os adversários mais sensuais, os enredos mais tortuosos, as séries que mais vendem. E para que saibas exactamente o que queres ler, para além de sinopses e críticas oferecemos sempre excertos super longos de todas as obras. Então, do que estás à espera para teres um romance paranormal?

P.C. Cast

Sherrilyn Kenyon

Kim Harrison

Patricia Briggs

Charlaine Harris

Laurell K. Hamilton